

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA - GRAU
LICENCIATURA

THIAGO ALVES DE SOUSA

**DO GIRO EPISTEMOLÓGICO AO GIRO
ONTOLÓGICO: O Movimento Subjetivista na Educação
Física Brasileira**

Uberlândia

2026

THIAGO ALVES DE SOUSA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do diploma de Graduado em Educação Física Grau Licenciatura.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Gislene Alves do Amaral

Uberlândia

2026

THIAGO ALVE SDE SOUSA

...

Uberlândia, 24 de Julho de 2026

Banca Examinadora

Presidente: _____

Prof^a Dr^a Gislene Alves do Amaral – FAEFI/UFU

Membro: _____

Prof^a Dr^a Marina Ferreira de Souza Antunes – FAEFI/ UFU

Membro: _____

Prof. Dr. Edson Marcelo Hungaro – FEF/UNB

Dedicatória. . .

Dedico este trabalho a todos os Thiagos os quais tive de negar e também a todos que tive de aceitar para estar orgulhosamente como estou hoje. Talvez a maior dificuldade desta vida seja descobrir quais serão quais. Independentemente de se fiz escolhas certas ou erradas, gostaria de honrar todos vocês com a gratidão por terem sido corajosos. Nós sabemos o que passamos!

Agradecimentos

Agradeço a minha mãe pelo humor filosófico.

Agradeço a meu pai pela lógica matemática.

Agradeço a ambos por todo esforço em minha criação. Não estaria aqui sem isso.

Agradeço a minha orientadora e camarada Gislene Alves do Amaral por participar comigo dessa empreitada, sempre solicita a buscar novos conhecimentos e me dar o melhor direcionamento nos momentos difíceis.

Agradeço ao amigo e camarada Augusto Gama que foi meu guia por esse meio de pesquisa nos momentos iniciais e que nunca negou esforços para me auxiliar nessa jornada.

Agradeço a meu amigo José Paulo, que sem saber me fez reascender a paixão pela filosofia em momentos de desilusão e permitindo engajar nesse projeto de cabeça.

Por fim, agradeço a todos que de alguma forma fizeram parte da construção da minha subjetividade, mesmo aqueles que não tive o prazer de conhecer.

Idealizar, depois criar
Colocar em prática a teoria
Cê me pergunta se isso é magia?
Não, não, no, nen, nein

Esse é o poder da ciência

(Chorno, 2024)

RESUMO

A presente pesquisa investigou a expressão da agenda pós-moderna no âmbito da Educação Física Brasileira (EFB). O objetivo geral foi compreender como se expressam na produção da EFB as ramificações teóricas da agenda pós-moderna e, à luz da concepção materialista-histórico-dialética, identificar se a relação da linguagem com a realidade objetiva, tal como apresentada pelas correntes teóricas da agenda pós-moderna, atua como catalisadora de uma compreensão ontológica idealista e de uma virada na ontologia do trabalho como fundante do ser social. Foi utilizado o método do materialismo-histórico-dialético, estruturando a investigação em uma dimensão bibliométrica e teórica. O levantamento de dados ocorreu por meio da análise dos 13 volumes da Coleção de 40 anos do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) e nas buscas em 18 periódicos nacionais vinculados às áreas sociocultural e pedagógica da EFB. A partir dessas buscas foram encontradas as seguintes categorias: Pós-moderno, Pós-estrutural, Pós-crítico e Pós-humano, nos levando a nomear esse fenômeno como “Movimento Subjetivista” devido as semelhanças teóricas entre as categorias, havendo uma predominância da categoria pós-moderno na literatura da área, especialmente em publicações da região Sudeste. Foi analisada a história das teorias ontológicas da filosofia ocidental utilizando a teoria ontológica de György Lukács exposta em "Para uma Ontologia do Ser Social" como fundamento dessa análise. Por fim, recorreu-se à obra de Jean-François Lyotard, um dos pilares da crítica pós-moderna. Concluiu-se que a virada linguística atua como catalisadora de uma virada para uma ontologia idealista que, ao fragmentar a compreensão do real e promover o individualismo, atende e legitima, mesmo que inadvertidamente, as necessidades de manutenção e reprodução do sistema capitalista neoliberal, confirmando a hipótese inicial da existência de uma virada ontológica no interior da epistemologia pós-moderna.

LISTA DE SIGLAS

ANUP: Associação Nacional das Universidades Particulares

CBCE: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte

CNE: Conselho Nacional de Educação

EF: Educação Física

EFB: Educação Física Brasileira

EUA: Estados Unidos da América

ETHNÓS: Grupo de Estudos Etnográficos em Educação Física e Esporte

GTT: Grupos de Trabalho Temático

OCDE: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

PCH: Partido Comunista Húngaro

PND: Programa Nacional de Desestatização

PPG: Programa de Pós-Graduação

UFU: Universidade Federal de Uberlândia

UNB: Universidade de Brasília

URSS: União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Objetivo	12
2 APROXIMAÇÕES À CONCEPÇÃO MATERIALISTA NA CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO: REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO	13
2.1 Início por minha própria trajetória de estudante.....	17
3 A SITUAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA	17
3.1 Os dados numéricos.....	17
3.2 Periódicos da Educação Física Brasileira	24
3.3 Relações entre o Movimento Subjetivista e o Movimento Renovador	44
3.4 O Movimento Subjetivista na Educação Física Brasileira	50
4 O ESTUDO DA ONTOLOGIA AO LONGO DA HISTÓRIA DA FILOSOFIA OCIDENTAL.....	57
4.1 A ontologia ao longo da história	62
4.2 György Lukács – vida e obras.....	81
4.3 Como se funda o ser social	84
5 MOVIMENTO SUBJETIVISTA: CRÍTICA DA CRÍTICA SUBJETIVISTA A PARTIR DE JEAN FRANÇOIS LYOTARD	87
5.1 O contexto histórico	89
5.2 A base: campo, saber e método	91
5.3 Sobre o vínculo social	95
5.3.1 A alternativa moderna	96
5.3.2 A alternativa pós-moderna	100
5.4 As mudanças conjunturais	103
5.5 Os saberes narrativo e científico	108
5.5.1 Características do saber tradicional	111
5.5.2 Características do saber científico	112
5.5.3 Crítica aos argumentos das características dos saberes	114
5.6 Os grandes relatos: do porquê da existência ao declínio	118
5.7 Pragmática da pesquisa.....	127
5.7.1 A matemática como fundação do pensamento	128
5.7.2 A falsa correlação com a ciência	131
6 CONCLUSÃO	133

1 INTRODUÇÃO

O debate acerca da validade do real como referencial último para a ação humana tem acompanhado a Educação Física Brasileira (EFB) desde o início dos anos 2000. O questionamento da realidade como referente da verdade é defendido por algumas escolas de pensamento e dão palco para um embate com pesquisadores e coletivos marxistas que recorrentemente alegam que as postulações feitas por essas escolas de pensamento possuem implicações filosóficas muito mais profundas do que aparentam na superfície.

Barros Júnior *et al.* (2022) argumenta como o questionamento do real como correspondência da verdade realiza uma mudança na visão ontológica do real, fazendo com que este não seja mais a forma primeira para criação das nossas experiências e negando-o como existente.

Em resposta a isso, Almeida e Bracht (2023) afirmam que “nenhuma perspectiva teórica que se identifica ou que assume os giros linguísticos afirma que não existem objetos” e o que precisa ficar estabelecido é que, mesmo com a existência de um mundo objetivo, apenas é possível acessá-lo por mediação com a linguagem, sendo ela uma produtora do real.

Os giros linguísticos são movimentos que surgem como oposição aos postulados do racionalismo moderno. Dentre as críticas dos giros linguísticos, sua principal contraposição em relação as diversas correntes da modernidade é a compreensão de que os fenômenos podem ser compreendidos por meio de um processo racional e analisados a partir de um/a observador/a que seja externo/a ao contexto analisado. Para pensadores como Wittgenstein (1953) e Rorty (1979), a linguagem é a categoria fundante do ser social, e a sua expressão nas formas sociais existentes promove o surgimento de diversas realidades.

Autores como Gamboa (2002) e Barros Júnior *et al.* afirmam que, a virada linguística, muitas vezes também chamada de virada epistemológica, realiza uma virada ontológica e alegam que a discussão com essas escolas de pensamento não deve ser feita pela via da epistemologia, mas sim à luz dos estudos de natureza ontológica.

A ontologia é a área de estudo da filosofia que estuda o ser. Trata-se do estudo do ser em si, externo à percepção humana acerca do que é. Essa área de pesquisa visa elaborar uma teoria que nos permita, ao olhar para como o mundo se apresenta a nós, explicar o interior de seus processos de organização e funcionamento e construir uma base para determinar as ações no cotidiano humano.

Portanto, só em Marx o problema adquire o seu justo perfil. Antes de tudo, ele vê com clareza que há toda uma série de determinações categoriais, sem as quais nenhum ser pode ter seu caráter ontológico concretamente apreendido. Por essa razão, a ontologia do ser social pressupõe uma ontologia geral. Porém, essa ontologia não pode ser de novo distorcida em teoria do conhecimento. Não se trata aqui de uma analogia ontológica com a relação entre a teoria do conhecimento geral e os métodos específicos das ciências singulares. Trata-se, ao contrário, do fato de que aquilo que é conhecido numa ontologia geral nada mais é que os fundamentos ontológicos gerais de todo ser. Se na realidade surgem formas de ser mais complexas, mais compostas (vida, sociedade), então as categorias da ontologia geral devem ser conservadas nelas como momentos superados; o superar teve em Hegel, corretamente, também o significado de conservação (Lukács, 2012, p.20).

Sendo assim, tomar como referência uma teoria ontológica se faria de extrema necessidade pois com esses achados poderíamos olhar para o ser humano em sua relação com a natureza orgânica e inorgânica e demonstrar como em seu funcionamento, para além da percepção humana, podemos encontrar as determinações que fazem com que o ser humano exista dessa determinada forma, sendo essa uma luta pela demonstração da atualidade do debate ontológico.

Dentre todas as discussões apresentadas por esses autores e no âmbito desse debate histórico, a lacuna que se mantém diz respeito à negação do mundo material por parte das escolas de pensamento que seguem o legado da chamada virada linguística. Afinal, é ou não possível afirmarmos que essas escolas de pensamento negam o mundo material?

1.1 Objetivo

Caminho lado a lado com críticas apresentadas em textos como Húngaro (2001) e Barros Júnior *et al.* (2022), suspeitando de que a relação da linguagem com a realidade objetiva apresentada pelas correntes teóricas da agenda pós-moderna (Wood, 1999) atua como catalisadora de uma compreensão ontológica idealista e de uma virada na ontologia que afirma o trabalho como categoria fundante do ser social.

O objetivo geral dessa pesquisa portanto é compreender como se expressam na produção da EFB as ramificações teóricas da agenda pós-moderna e, à luz da concepção materialista-histórico-dialética, identificar se a relação da linguagem com a realidade objetiva, tal como apresentada pelas correntes teóricas da agenda pós-moderna, atua como catalisadora de uma compreensão ontológica idealista e de uma virada na ontologia do trabalho como fundante do ser social.

Ao longo de minhas sucessivas aproximações ao objeto de pesquisa, estão postos 5 objetivos específicos: 1- investigar a situação da EFB em relação a agenda pós-moderna; 2- demonstrar o percurso histórico das compreensões ontológicas na filosofia ocidental, culminando na construção da compreensão ontológica lukácsiana e apresentar seus pilares teóricos a partir da obra “Para uma Ontologia do Ser Social”; 3- identificar a expressão da agenda pós-moderna na Coleção de 40 anos do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte e nos principais periódicos da EFB; 4- destrinchar as críticas da agenda pós-moderna; 5- relacionar os achados com a contexto histórico da EFB.

2 APROXIMAÇÕES À CONCEPÇÃO MATERIALISTA NA CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO: REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Essa pesquisa de caráter bibliométrico e teórico se âncora no método materialista-histórico-dialético presente na ortodoxia marxista, essa que é comumente questionada, deixada de lado e inserida em um revisionismo. Autores como Almeida e Vaz (2010), julgam o método ultrapassado, superado por tentativas de rebater sentenças marxianas com mudanças na forma do método. Questionam essa postura alegando uma suposta exegese escolástica (Lukács, 1981) das considerações, quando a relação da primazia com o método não está no que foi encontrado, mas sim em como foi encontrado.

A ortodoxia, em matéria de marxismo, refere-se, ao contrário e exclusivamente, ao método. Ela implica a convicção científica de que, com o marxismo dialético, encontrou-se o método correto de investigação e de que este método só pode ser desenvolvido, aperfeiçoado e aprofundado no sentido indicado por seus fundadores; mais ainda: implica na convicção de que todas as tentativas de "superar" ou "melhorar" este método conduziram — e necessariamente devem fazê-lo — à sua trivialização, transformando-o num ecletismo (Lukács, 1981, p. 62).

A tradição filosófica anterior ao século XIX tratava a pesquisa filosófica como apenas um meio de contemplação, o objeto deveria permanecer intocado e sua análise tinha como objetivo apenas demonstrar o mundo e fornecer material para o espírito, alimentando-o com conhecimento. Além disso, as investigações partiam das ideias para investigá-las em si mesmas.

É com Marx e Engels que temos a crítica contundente a uma filosofia puramente especulativa e a um método de investigação que não visava transformar a realidade à sua volta, o que fica claro nas Teses sobre Feuerbach quando Marx diz que: “Os filósofos interpretaram o mundo de diferentes maneiras; agora, trata-se de transformá-lo” (Marx, 1982, tese 11). Como

nos diz Lukács, para o método dialético, a transformação da realidade constitui o problema central (Lukács, 1981).

Com o objetivo de transformar a realidade, devemos sempre partir de um fato, uma expressão fenomênica. É a partir do real que inicia-se a investigação para realizar sucessivas aproximações ao objeto de estudo buscando, dentro de seus nexos causais históricos, as relações dialéticas; analisar a teoria filosófica da principal escola da agenda pós-moderna da EFB e retornar para a exposição do que foi encontrado em um estado de concreto pensado.

O materialismo-histórico-dialético demonstra que o movimento histórico-social de determinado objeto somente pode ser essencialmente capturado na investigação que considera a primazia ontológica do dado objetivo em relação ao subjetivo e que o movimento histórico se dá por meio das atividades, daquilo que é material, compreendendo por material aquilo que tem peso de matéria, não apenas que é fisicamente tangível. Dessa forma, categorias, valores sociais, ideologias, etc., estão enquadrados como dados objetivos e, portanto, materiais. A atividade material necessariamente se dá de forma histórica, a partir dos acúmulos da humanidade postos até aquele momento, e se organiza a partir das condições históricas determinadas por esse acúmulo.

É basilar delimitar que o histórico não se dá apenas como um espaço estático de repouso das atividades humanas, mas sim como um processo que acompanha as atividades do gênero humano e que se relaciona ontologicamente com a produção das condições materiais da vida humana. A produção das condições se dá, pois, na totalidade da relação dialética entre os infinitos processos coexistentes, sendo não uma simples soma ou subtração de diferentes processos, mas uma relação mediada por contradições que dão luz a um processo positivo-negativo em relação aos seus primeiros, possuindo essencialmente leis e categorias desses que atravessam as diversas transformações e demonstram sua essência histórica, mas ao mesmo tempo os negando e afirmando sua própria existência.

Com essa compreensão do momento ontologicamente predominante dessas categorias do real estabelece-se que a realidade se organiza como um complexo de complexos (Lukács, 2012), apresentando particularidades em cada um de seus complexos, não existindo complexos menos complexos que outros, apenas com menos determinações em si.

Após o processo de análise descrito, nesse momento o objeto de estudo já não seria apenas conhecido em sua expressão fenomênica, mas estaria enriquecido de suas determinações.

Por essas características do método apresentado por Marx, se torna impossível determinar um roteiro fixo de ações como caminho prévio para as pesquisas porque, mesmo que pertencentes à totalidade do real, os diferentes fenômenos têm formas de ser particulares que fazem com que precisemos estudar cada fenômeno em suas particularidades a fim situá-lo na totalidade. É por isso que o movimento de construção dessa pesquisa, como veremos, não foi linear.

2.1 Início por minha própria trajetória de estudante.

Desde que consigo me recordar, sempre senti uma inquietude mental acerca da vida e das coisas que aconteciam ao meu redor, uma inquietude provavelmente desenvolvida por ter uma mãe que atuava como professora de filosofia. Muitas vezes me frustrei e vivi questões relacionadas à ansiedade porque as explicações de mundo que me haviam sido fornecidas até então não acompanhavam o que eu estava vivenciando, eram explicações mítico-religiosas ou de caráter metafísico, que não apresentavam conclusões nos fins últimos, mas sim, mais perguntas. Quanto mais velho ficava, mais me sentia impelido por essa necessidade de compreender a fundo o que, de fato, levava as coisas a acontecerem da forma que aconteciam e de que forma nós (seres humanos) nos relacionávamos com essas coisas que aconteciam.

Com 17 anos, durante a pandemia do COVID-19, encontrei, em meio a dias de desesperança, os livros guardados da época de faculdade de minha mãe. Acreditando que aquilo poderia ser uma possibilidade de elucidar boa parte das questões presentes em meus pensamentos, decidi começar a lê-los, desde Sartre, Nietzsche, passando por Kant, até sem pretensão, ler por primeira vez uma obra de Karl Marx.

Ter contato com as teorias marxiana e marxista me permitiu enxergar o mundo de uma forma que nunca havia conseguido. A compreensão do método do materialismo-histórico-dialético me deu ferramentas para finalmente não sentir mais tal agonia. Por volta de 9 meses depois, já com 18 anos, ingressei na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) para cursar Educação Física (EF), nesse momento já com uma certa compreensão do método marxista e sua história. No segundo semestre do curso, me deparei com um professor que se apresentava como pós-estruturalista e esse foi meu primeiro contato direto com essas correntes teóricas. As falas daquele professor me tocaram muito pois, apesar de em sua imediatez parecerem coerentes, quando levadas aos fins últimos traziam de volta a mesma sensação de quando

criança, uma incompletude e vazio de respostas. Já nesse momento me senti provocado a descobrir mais sobre as teorias pós-modernas e confrontá-las com a teoria marxista, que para mim era tão cara.

Quando me deparei com a discussão acerca da retomada ontológica nas discussões da agenda pós-moderna, em maio de 2025, já tinha contato com obras marxianas, porém não conhecia Lukács e seu estudo da ontologia. Num primeiro momento me dediquei a compreender o melhor possível a teoria ontológica lukácsiana assistindo ao curso “Introdução a Ontologia de Lukács: Aspectos Históricos e Ontológicos”, postado no canal “Coletivo Veredas” no *Youtube*, ministrado por Sérgio Lessa de 21 a 24 de novembro de 2012, durante o 1º Ciclo de Formação Sociocrítica em Educação Física, Esporte e Lazer na Educação Física na Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília (UNB). Foi uma experiência excelente pois com a didática excelente do professor, consegui clarificar várias dúvidas que possuía em relação a teoria marxiana e me preparar para ler, de forma mais independente, os dois livros da *Ontologia do Ser Social*.

Estudei com afinco as duas partes da *Ontologia do Ser Social* de Lukács (2012, 2013) e então comecei a elaborar minha pergunta de pesquisa. Esse momento foi de grande dificuldade pois ainda tinha pouco conhecimento das particularidades do objeto, portanto delimitar o problema de pesquisa era uma tarefa complexa. Nesse momento ainda estava direcionado a realizar uma análise de três autores importantes da virada linguística, sendo estes Rorty, Habermas e Wittgenstein.

Percebendo minha dificuldade, minha orientadora me guiou no caminho do método e me orientou a realizar o estudo da produção na área da Educação Física Brasileira a fim de compreender como aquele fenômeno estava se expressando nesse contexto. Foi então a partir desse movimento que comecei a compreender para onde deveria seguir em minha pesquisa.

Ao me atentar melhor quanto ao caminho que deveria seguir, foi o momento de investigar e decidir por qual via abordaria a crítica ao pensamento dito pós-moderno. É certo que análises e críticas extremamente contundentes já haviam sido realizadas, como é o caso de Húngaro (2001) e Escapin e Souza (2022), porém, por compreender que para consolidar o objetivo de constatar a virada ontológica presente na chamada virada epistemológica da Educação Física, seria necessário analisar profundamente a obra do maior expoente da filosofia pós-moderna: Lyotard (2026).

O estudo da obra e de suas relações foi um processo árduo por ser uma grande quantidade de material que precisaria situar historicamente, estudar seus precursores, compreender a crítica feita pelo autor e, por fim, construir minha crítica. Porém, foi um dos processos intelectualmente mais agradáveis a que já me submeti. Foi importante para revisar algumas posições teóricas e me aprofundar mais ainda nas teorias marxiana e lukácsiana.

Os resultados encontrados são frutos de um processo de construção dialético que foi guiado pelas próprias demandas do objeto. Esse caminho demonstra que, para compreender a essência e capturar as categorias do fenômeno, foi necessário percorrer o caminho da singularidade de sua expressão fenomênica até sua interação com a totalidade.

3 A SITUAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA

Antes de investigarmos filosoficamente a virada epistemológica é necessário que busquemos compreender se e como esse fenômeno se expressa na Educação Física Brasileira. Olhar para essa dimensão empírica nos permitirá delimitar o melhor direcionamento em nossa pesquisa, compreendendo que no método do materialismo-histórico-dialético o caminho investigativo não está dado, mas é descoberto ao longo do movimento de investigação.

3.1 Os dados numéricos

Tendo sido apresentado à especificidade desse debate por uma sequência de artigos, percebi a necessidade de aprofundar as pesquisas de forma quantitativa para compreender se fazia mesmo sentido realizar uma crítica desse escopo, uma vez que não tinha dados para afirmar que essas escolas de pensamento teriam objetivamente uma presença relevante no âmbito da Educação Física.

Recorri primeiramente a principal instituição científica da EFB, o CBCE, entendendo que, por congrega a maior quantidade/variedade de pesquisadores, professores e estudantes da EFB, sendo a agenda pós-moderna um tema realmente relevante na produção da área, com certeza os conceitos e categorias a ela relacionada estariam presentes em suas produções.

Estudando o site oficial do CBCE, percebi serem três as possibilidades de análise para fazer a verificação: os anais dos eventos, a coleção de 40 anos ou os livros completos.

Analisando cada um deles constatei que os anais dos eventos anteriores a 2001 são em imagens digitalizadas, dificultando a exatidão na busca, além disso, os anais de 2001 e 2003 não estão organizados como um texto só, mas anexados em um drive de forma difusa. Analisando os livros completos, constatei que, apesar tratarem de variados temas e serem todos PDF de texto, eles não davam uma indicação clara da presença recorrente no colégio e nos eventos de forma geral, mas sim apenas dos autores em particular. O que melhor se encaixou as necessidades da pesquisa nesse momento foi a coleção dos 40 anos da entidade, isso porque ela está organizada em volumes produzidos por membros dos Grupos de Trabalhos Temáticos (GTT) do CBCE, sendo esses o *locus* de concentração destas perspectivas presentes nas pesquisas das diversas áreas da EFB e, portanto, mais interessante para conseguirmos perceber como está dividida a presença dessas teorias em relação aos autores, áreas de pesquisa e ano de criação daquele GTT.

Segundo os editores da coleção

Desde 2018, a Direção Nacional do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) conta com o engajamento de professores/as, pesquisadores/as na realização do projeto da Coleção Ciências do Esporte, Educação Física e Produção do Conhecimento em 40 anos de CBCE, composta por 13 volumes e 207 autores. A Coleção comemora a trajetória percorrida pela entidade científica, de 1978 aos dias atuais, ao mesmo tempo em que apresenta e revisa seu *modus operandi* em conjunturas histórico-sociais diversas, o que inclui sua contribuição social, política, formativa e científico-acadêmica. Sua materialização tornou-se possível com a colaboração de pesquisadores/as do Brasil e do exterior, assim como de coordenadores/as dos Grupos de Trabalho Temático que compõem o Colégio. O primeiro volume – Memória e História do CBCE – foi lançado em 2019 pela Editora Unijuí. Nesse momento, estamos divulgando à comunidade acadêmica os volumes 2 a 13, pela Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Contamos com seu apoio na divulgação dessa produção do Colégio, que passa a ser referência na história do CBCE e, quiçá, possa ser referência também na produção de conhecimento em educação física e ciências do esporte (Lara *et al.*, 2019).

A coleção está dividida em 13 volumes, sendo esses:

Quadro 1 - Volumes 1 da Coleção de 40 anos do CBCE

Volume 1	Memória e História do CBCE - Ciências do Esporte, Educação Física e Produção do Conhecimento em 40 Anos de CBCE
Volume 2	Memórias da educação física e esporte - Ciências do Esporte, Educação Física e Produção do Conhecimento em 40 Anos de CBCE
Volume 3	Por uma epistemologia da educação dos corpos e da educação física - Ciências do esporte, educação física e produção do conhecimento em 40 anos de CBCE
Volume 4	Formação profissional e mundo do trabalho - Ciências do esporte, educação física e produção do conhecimento em 40 anos de CBCE

Volume 5	Educação física escolar - Ciências do esporte, educação física e produção do conhecimento em 40 anos de CBCE
Volume 6	Gênero e sexualidade no esporte e na educação física - Ciências do esporte, educação física e produção do conhecimento em 40 anos de CBCE
Volume 7	Corpo e cultura - Ciências do esporte, educação física e produção do conhecimento em 40 anos de CBCE
Volume 8	Políticas públicas e movimentos sociais - Ciências do esporte, educação física e produção do conhecimento em 40 anos de CBCE
Volume 9	Comunicação e mídia: história, tensões e perspectivas - Ciências do esporte, educação física e produção do conhecimento em 40 anos de CBCE
Volume 10	Lazer e sociedade - Ciências do esporte, educação física e produção do conhecimento em 40 anos de CBCE
Volume 11	Atividade física e saúde - Ciências do esporte, educação física e produção do conhecimento em 40 anos de CBCE
Volume 12	Treinamento esportivo: um olhar multidisciplinar - Ciências do esporte, educação física e produção do conhecimento em 40 anos de CBCE
Volume 13	Inclusão e diferença - Ciências do esporte, educação física e produção do conhecimento em 40 anos de CBCE

Fonte: Elaboração própria (2026)

A busca pela presença da agenda pós-moderna nos volumes foi realizada para identificar as diferentes vertentes teóricas e seus diferentes termos, compreendendo que a linguagem como uma representação abstraída do real, ao apresentar diferentes termos mesmo que referentes a um mesmo escopo teórico, determina a amplitude da perpetração daquele referencial. Uma vez que as modificações necessárias para a transformação contextual do vocabulário já foi feita, esse movimento busca aprofundar ao máximo a compreensão do nível da influência de tais tendências teóricas.

Dessa forma, a busca foi realizada com o descritor que centraliza esse campo teórico, que é o termo ‘pós-’ no buscador do PDF uma vez que, mesmo em suas divergências, muitas das diferentes escolas de pensamento originadas na virada linguística se nomeiam por uma referência temporal-superadora em relação à sua base de crítica. A consulta dos termos,

somando todos os volumes, nos levou ao total de 34 diferentes termos, sendo em ordem de aparição do primeiro ao décimo terceiro volume, respectivamente:

Quadro 2 - Termos presentes na Coleção de 40 anos do CBCE

pós-modernas	pós-modernismo	pós-crítica	pós-estrutural	pós-fundacionalista
pós-moderno	pós-modernidade	pós-modernista	pós-modernos	pós-críticas
pós-estruturalistas	pós-virada culturalista	pós-moderna	pós-guerra ¹	pós-crítico
pós-críticos	pós-estruturalista	pós- estruturalismo	pós-identitária	pós-colonial
pós-vanguardista	pós-humano	pós-humanismo	pós-humanos	pós-humana
pós- estruturalismo foucaultiano	pós-coloniais	pós-humanas	pós-orgânica	pós-dualismo
pós- antropocentrismo	pós-humanistas	pós-humanista	pós-humanística	

Fonte: Elaboração própria (2026)

A seguir apresento uma imagem que demonstra em quais volumes cada termo apareceu e quantas vezes.

¹ O termo pós-guerra foi considerado porque, apesar de não se referir diretamente às teorias pós-críticas, ele se refere a uma divisão temporal muito cara para a construção da compreensão dessas teorias.

Figura 1 – Quadro dos termos presentes em cada volume da Coleção de 40 anos do CBCE

Volume 1	Quantidade de aparições	Volume 2	Quantidade de aparições	Volume 3	Quantidade de aparições	Volume 4	Quantidade de aparições
pós-modernas	2	-	-	pós-modernas	1	pós-modernas	1
pós-modernismo	1	-	-	pós-críticas	1	pós-críticas	3
pós-crítica	1	-	-	pós-estruturalistas	1	pós-críticas	1
pós-estrutural	1	-	-	pós-vida culturalista	1	pós-estruturalistas	1
pós-fundacionalista	1	-	-			pós-moderna	1
pós-moderno	4	-	-				
pós-modernidade	1	-	-				
pós-modernista	1	-	-				
pós-modernos	1	-	-				
Total	19	Total	0	Total	4	Total	7
Volume 5	Quantidade de aparições	Volume 6	Quantidade de aparições	Volume 7	Quantidade de aparições	Volume 8	Quantidade de aparições
pós-crítica	4	pós-moderno	1	pós-moderno	1	pós-modernismo	2
pós-modernidade	1	pós-modernidade	1	pós-modernidade	1	pós-moderno	1
pós-críticas	11	pós-estruturalistas	2	pós-críticas	1		
pós-guerra	1	pós-moderna	1	pós-colonial	1		
pós-crítico	2	pós-estruturalista	7	pós-vanguardista	1		
pós-críticos	1	pós-estruturalismo	1				
pós-estruturalista	1	pós-identitária	1				
pós-estruturalismo	1	pós-colonial	1				
Total	22	Total	15	Total	5	Total	3
Volume 9	Quantidade de aparições	Volume 10	Quantidade de aparições	Volume 11	Quantidade de aparições	Volume 12	Quantidade de aparições
pós-modernidade	2	-	-	-	-	-	-
pós-humano	26	-	-	-	-	-	-
pós-humanismo	19	-	-	-	-	-	-
pós-humanos	1	-	-	-	-	-	-
pós-humana	1	-	-	-	-	-	-
pós-estruturalismo foucaultiano	1	-	-	-	-	-	-
pós-coloniais	1	-	-	-	-	-	-
pós-humanas	1	-	-	-	-	-	-
pós-orgânica	4	-	-	-	-	-	-
pós-dualismo	1	-	-	-	-	-	-
pós-antropocentrismo	1	-	-	-	-	-	-
pós-humanistas	1	-	-	-	-	-	-
pós-humanista	1	-	-	-	-	-	-
pós-humanística	1	-	-	-	-	-	-
Total	61	Total	0	Total	0	Total	0
Volume 13	Quantidade de aparições						
pós-estruturalista	1						
pós-coloniais	1						
Total	2						

Fonte: Elaboração própria (2026)

Foi realizada uma aglutinação desses termos a partir de suas similaridades teóricas, organizando-os a partir de suas referência à determinadas linhas teóricas, para facilitar a análise sem quebras de compreensão acerca do que suas presenças significam, sendo organizados da seguinte maneira:

Quadro 3 – Categorias retiradas dos termos encontrados na Coleção de 40 anos do CBCE

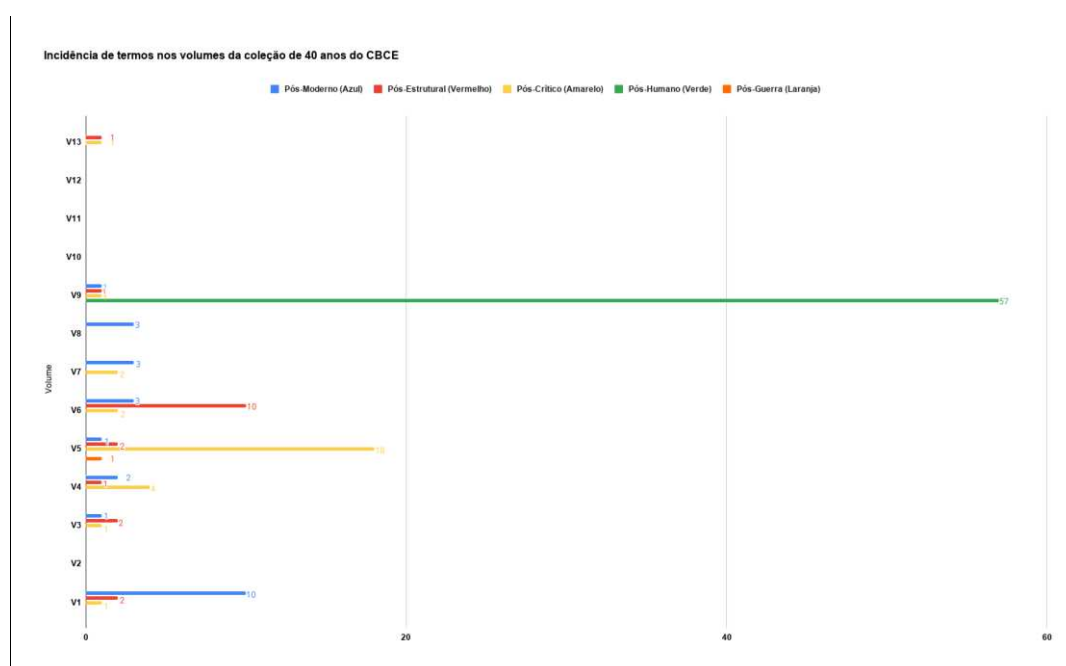
Categoria	Termos
Pós-moderno	pós-modernas; pós-modernismo; pós-moderno; pós-modernidade; pós-modernista; pós-modernos; pós-moderna; pós-vanguardista
Pós-estrutural	pós-estrutural; pós-fundacionalista; pós-estruturalistas; pós-vida culturalista; pós-estruturalista; pós-estruturalismo; pós-estruturalismo foucaultiano
Pós-crítico	pós-crítica; pós-críticas; pós-crítico; pós-críticos; pós-identitária; pós-colonial; pós-coloniais;
Pós-humano	pós-humano; pós-humanismo; pós-humanos; pós-humana; pós-humanas; pós-orgânica; pós-

	dualismo; pós-antropocentrismo; pós-humanistas; pós-humanista; pós-humanística
Termo separado	pós-guerra

Fonte: Elaboração própria (2026)

A partir das categorias encontradas, organizei a incidência delas em cada um dos volumes para localizar em quais áreas temáticas havia a maior concentração bruta e quais abrigavam a maior quantidade de cada categoria, possibilitando pistas para identificação de cada influência teórica, resultando na figura a seguir:

Figura 2 – Gráfico coma a incidência das categorias em cada volume da Coleção de 40 anos do CBCE



Fonte: Elaboração própria (2026)

Com ressalva para a categoria “pós-humano”, é possível identificar a presença de todas as categorias em quase todos os volumes que apresentam incidência dos termos, exceto no volume 13. Isso nos indica uma forte disseminação da discussão nas áreas temáticas do CBCE e uma discussão que se inter-relaciona, não sendo exclusiva de um outro grupo temático, apesar de determinados GTTs se alinharem mais a uma das correntes. Para visualizarmos melhor as semelhanças entre os volumes com incidência, olhemos para o quadro a seguir:

Quadro 4 – Volume/GTT com incidência de termos

Volume	GTT
1	Memória e História do CBCE ²

² O Volume 1 não se trata de um GTT, mas sim de um apanhado de textos que contam sobre a história do CBCE. Ele foi considerado devido a compreensão de que investigar a presença dos termos em um texto sobre a história da entidade pode nos ajudar a demonstrar como esse debate veio crescendo ao longo dos anos, sendo relevante o

3	Epistemologia
4	Formação profissional e mundo do trabalho
5	Escola
6	Gênero e sexualidade
7	Corpo e cultura
8	Políticas públicas e movimentos sociais
9	Comunicação e mídia
13	Inclusão e diferença

Fonte: Elaboração própria (2026)

Quadro 5 – Volume/GTT sem incidência de termos

Volume	GTT
2	Memória da Educação Física e Esporte
10	Lazer e sociedade
11	Atividade física e saúde
12	Treinamento esportivo

Fonte: Elaboração própria (2026)

É possível perceber um padrão de incidência de termos nos GTTs com predominância da área das ciências humanas, tendo apenas os GTTs “Lazer e Sociedade” e “Memória da Educação Física e Esporte” como divergentes. Além disso, identifica-se que todos os GTTs nos quais tende a predominar a área biodinâmica não apresentam nenhuma incidência de termos, nos levando a supor que esse não é um debate relevante nessa linha de pesquisa e que, possivelmente, estes ainda estão assentados nas noções positivistas de leitura do mundo.

Uma vez que existe uma frequente presença dos termos nos volumes, é importante que nos atentemos para aqueles que apresentam as maiores quantidades de cada uma das categorias que destacamos, isso porque, uma vez que o debate está aparentemente crescente na EFB, as diversas áreas terão algo a falar sobre, porém ao identificarmos as com maior presença poderemos ter pistas para reconhecer aquelas em que tais correntes filosóficas são, efetivamente, suas bases analíticas.

Quadro 6 – Volume/GTT com maior frequência de categoria

Categoria	Volume – GTT
Pós-moderno	Volume 1 - Memória e História do CBCE
Pós-Crítico	Volume 5 – Escola
Pós-Estrutural	Volume 6 - Gênero e Sexualidade
Pós-Humano	Volume 9 – Comunicação e Mídia

Fonte: Elaboração própria (2026)

Seria necessário uma investigação mais profunda e detalhada em cada um dos GTTs para descobrir em que momento da história o debate começou a ficar mais presente, isso porque, exceto o GTT Gênero e Sexualidade que surgiu em 2015 e na época se chamava apenas

suficiente para ser colocado em um resgate histórico.

“Gênero”, os GTTs “Escola” e “Comunicação e Mídia” estão presentes desde o surgimento desse modelo de organização de trabalhos em 1997, sendo que eles se chamavam respectivamente: Educação Física/Esporte e Escola; Educação Física/Esporte, Comunicação e Mídia.

Isso nos dá pistas de que, além de o debate estar disseminado de forma geral nas produções da EF que se relaciona com as ciências humanas, algumas áreas de pesquisa específicas como gênero e linguagem são mais perpetradas por essas correntes filosóficas, possivelmente pela compreensão sobre o que seja importante analisar sobre o mundo.

3.2 Periódicos da Educação Física Brasileira

Podemos analisar a perpetração de tais teorias em outro espaço das publicações da EFB que são os periódicos nacionais. Húngaro e Húngaro (2013) realizaram uma análise das publicações presentes na revista Movimento no período de 2000-2010, a partir da busca nos resumos pelos seguintes termos: pós-moderno, pós-moderna, pós-modernismo, pós-modernidade. Essa busca os levou ao encontro de 23 publicações. Eles comentam que, apesar de muitos resumos não possuírem tais termos, ainda assim, contam com perspectivas de análise e temáticas de correntes pós-modernas, sendo necessário um maior trabalho para identificar qual é a real dimensão dessa presença. Os resultados apontam que tais correntes tem forte impacto na produção de conhecimento da EFB e de que existe pouca resistência e contraposições a elas.

Esse estudo foi realizado há 13 anos e, de lá para cá, muitas coisas mudaram. Utilizando-o como referência, realizei uma busca nos principais periódicos da EFB, isso porque entendo que a perpetração dessas correntes não se dá apenas nos periódicos mais qualificados e que para avançar nessa compreensão devemos entender como isso se dá nos diferentes níveis da produção de conhecimento da EFB. Os critérios para a escolha dos periódicos foram: possuir classificação Quális CAPES entre A1 e B4 no quadriênio 2021-2024; possuírem português como idioma principal e se relacionarem com as áreas sociocultural e pedagógica. A seleção final contou com 16 periódicos, sendo eles em ordem alfabética

Quadro 7 – Periódicos utilizados na pesquisa

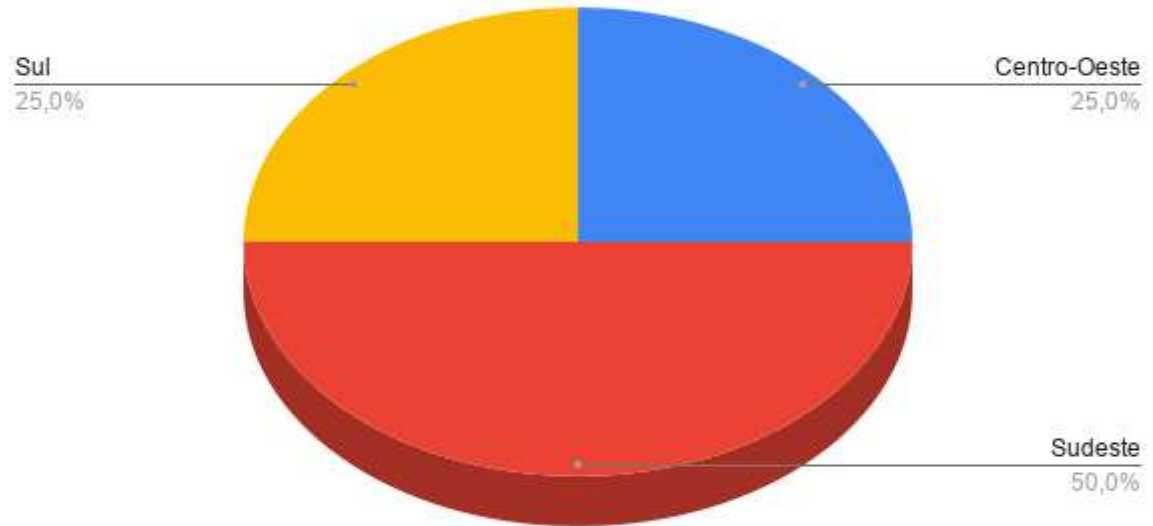
Periódico	Link de acesso	Período de busca
-----------	----------------	------------------

Arquivos em Movimento	https://revistas.ufrj.br/index.php/am	2009 - 2026
Caderno de Educação Física e Esporte	https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/index	1999 - 2026
Conexões	https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes	2007 - 2026
Corpoconsciência	https://www.periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/issue/view/906	2010 - 2026
<i>Journal of Physical Education</i>	https://www.scielo.br/j/jpe/	2016 - 2025
Licere	https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/index	2007 - 2026
Motrivivência	https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/search	1988 - 2026
Motriz	https://www.scielo.br/j/motriz/	2013 - 2023
Movimento	https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM	2008 - 2025
Pensar a Prática	https://revistas.ufg.br/fef/index	2006 - 2026
Recorde: Revista de História do Esporte	https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde	2008 - 2025
Revista Brasileira de Ciência e Movimento	https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM	2008 - 2025
Revista Brasileira de Ciências do Esporte	https://www.scielo.br/j/rbce/	2008 - 2025
Revista Brasileira de Educação Física e Esporte	https://revistas.usp.br/rbefe/pt_BR/issue/view/13939	2004 - 2026
Revista Temas em Educação Física Escolar	https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/temasemedfisicaescolar	2015 - 2026
Salusvita	https://revistas.unisagrado.edu.br/salusvita	2021 - 2025

Fonte: Elaboração própria (2026)

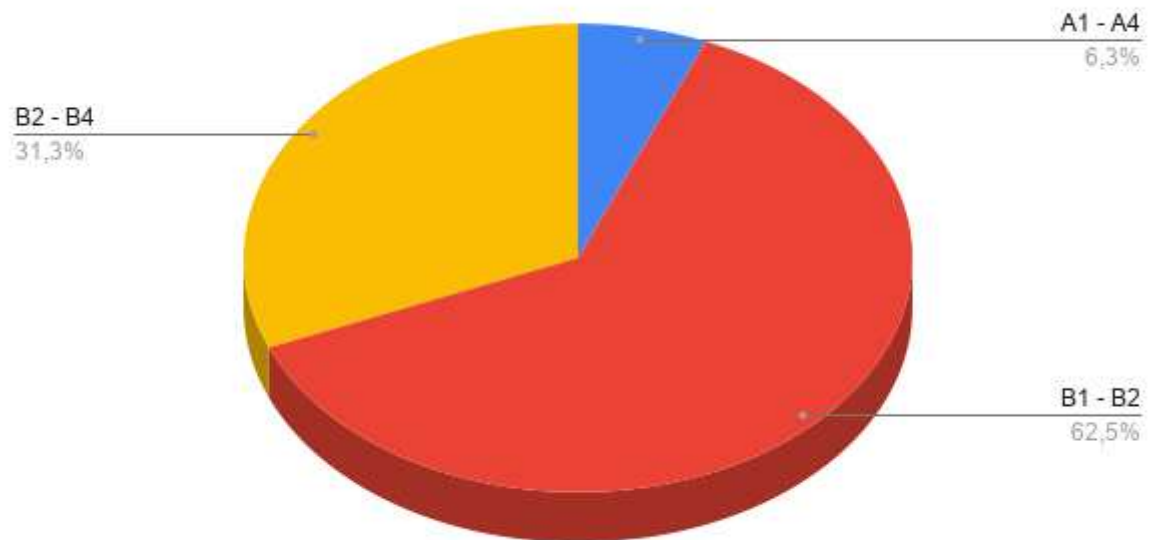
Na figura a seguir, apresento a divisão por regiões do Brasil dos periódicos elencados e a divisão por estrato

Figura 3 – Distribuição por região do Brasil dos periódicos utilizados



Fonte: Elaboração própria (2026)

Figura 4 – Divisão por estrato dos periódicos utilizado



Fonte: Elaboração própria (2026)

Foram utilizados na busca 33 dos 34 termos encontrados na Coleção de 40 anos do CBCE, visando abarcar as maiores quantidades possíveis de vertentes filosóficas. A busca foi feita utilizando os buscadores de cada periódico, sem a utilização de filtro nem recorte de data de publicação dos artigos, permitindo a pesquisa em toda a extensão da revista.

É necessário apontar para limitações dessa análise referente aos buscadores dos periódicos. Em sua maioria eles pesquisam apenas externamente aos textos, não buscando diretamente nas argumentações, isso por falta de atualização dos sistemas de busca pelo periódico e devido a artigos que não estão em formato de texto, mas sim como imagens renderizadas para PDF, impedindo a identificação de artigos que não se nomeiam como discussões dessa temática, mas que estão presentes ao longo de seu texto. Além disso, a busca apenas por termos, sem a análise dos textos, mascara aqueles artigos que não discutem explicitamente as noções filosóficas dessas correntes teóricas, mas tem sua discussão alicerçada nelas.

Foram encontrados ao total 32 artigos, sendo distribuídos da seguinte forma:

Quadro 8 – Quantidade de artigos por periódico

Periódicos	Quantidade de artigos encontrados na busca
Licere	13
Conexões (UNICAMP)	8
Revista Brasileira de Ciências do Esporte	5
Revista Temas em Educação Física Escolar	2
Corpoconsciência	1
Revista Brasileira de Ciência e Movimento	1
Motriz	1
Pensar a Prática	1

Fonte: Elaboração própria (2026)

Os periódicos Arquivos em Movimento, Caderno de Educação Física e Esporte, *Journal of Physical Education*, Motrivivência, Movimento, Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, Revista Brasileira de História do Esporte, Revista Carioca de Educação Física, Revista Mineira de Educação Física, Salusvita, não apresentaram nenhum artigo durante as buscas. A seguir apresento os artigos encontrados por ordem dos periódicos com mais aparições para os com menos aparições.

Quadro 8 – Licere: artigo 1

Termo presente	pós-moderna
DOI	https://doi.org/10.35699/2447-6218.2024.54935

Título	Entre Sela e Saudade: Um Estudo das Representações Sociais da Cavalgada no Sertão Norte-Mineiro (2005-2020)
Autor/a(s)	Guilherme Carvalho Vieira; Lucas Matheus Araujo Bicalho; Stefany Reis Marquioli; Ester Liberato Pereira
Data de publicação	01/10/2024
Palavras-chave	Cavalgada, Equitação, Lazer, História do tempo presente
RESUMO	
As práticas de cavalgadas vêm ganhando importância em território nacional, ao estabelecer conexões cada vez mais sólidas entre humanos e cavalos. Essa tendência é proporcionada pelo lazer e encontra respaldo no discurso das “tradições”. A prática está conectada a diferentes contextos e finalidades, como as cavalgadas das mulheres e as ecológicas, além daquelas que se entrelaçam com a fé e a religiosidade. Nesse caminho, a presente pesquisa tem por objetivo analisar a Cavalgada Samambaia, localizada na região rural de Montes Claros - Minas Gerais, entre os anos de 2005 e 2020, dado que o evento surgiu em 2005 e, em 2020, iniciou a pandemia de Covid-19, marcada pelo distanciamento social. Para tanto, foram analisadas fontes da imprensa tradicional e digital, bem como conteúdos audiovisuais independentes ou ligados à televisão, a fim de compreender o papel da cavalgada para constituições de representações sociais pelos discursos vinculados aos meios de comunicação impressa e digital. Este estudo se justifica pela necessidade de interpretar esse divertimento que acontece no âmbito rural, tendo em vista uma lacuna na literatura científica sobre essa prática. Em vista disso, foi possível identificar uma ambiguidade na representação da cavalgada, que mescla elementos do passado com aspectos contemporâneos e urbanos. Assim, notou-se que tal atividade se apropriou de um discurso tradicional para fins comerciais.	

Fonte: Elaboração própria (2026)

Quadro 9 – Licere: artigo 2

Termo presente	pós-moderna
DOI	https://doi.org/10.35699/2447-6218.2025.62769
Título	A Rotina das Crianças com Câncer e as Atividades Lúdicas no Ambiente Hospitalar
Autor/a(s)	Larissa da Silva Souza; Lívia Tenorio Brasileiro; Andréa Carla de Paiva; Marcelo Soares Tavares de Melo
Data de publicação	13/11/2025
Palavras-chave	Atividades lúdicas, Câncer infantil, Educação física
RESUMO	
Nesta pesquisa nosso foco é a atividade lúdica para as crianças com câncer em um hospital público. Tendo como objetivo geral analisar as atividades lúdicas para as crianças com câncer. Aqui entende-se que o câncer infantojuvenil é a principal causa de morte entre crianças e adolescentes entre 1 e 19 anos no Brasil e o tratamento, por muitas vezes, requer a ida para o hospital durante um longo período. Metodologicamente, esta pesquisa foi desenvolvida em uma abordagem qualitativa com base na hermenêutica-dialética, onde a comunicação, expressa nas falas das crianças através de entrevistas passou pela análise do discurso. A partir disso, compreendemos que as atividades lúdicas quando proporcionadas, no âmbito do hospital, atuam como catalisadoras no processo de sua recuperação e adaptação, representando estratégia de confronto das condições adversas da hospitalização.	

Fonte: Elaboração própria (2026)

Quadro 10 – Licere: artigo 3

Termo presente	pós-modernismo
DOI	https://doi.org/10.35699/2447-6218.2025.61130
Título	As Perspectivas das Juventudes Autistas sobre o Lazer
Autor/a(s)	Jessica Luisy Diniz Camilozi; Ana Cláudia Porfírio Couto
Data de publicação	15/08/2025
Palavras-chave	Lazer, Autismo, Juventudes
RESUMO	
Este estudo teve como finalidade identificar as perspectivas das juventudes autistas sobre o lazer. Para tanto, foi realizada uma revisão integrativa qualitativa e exploratória, nas bases de dados: SciELO, CAPES, PePsic e BVS. Os descritores utilizados foram: (Autismo OR “Transtorno do Espectro Autista”	

OR TEA) AND (Lazer). Na CAPES também foi utilizado: Autismo + Lazer. Após a seleção e a organização a partir de critérios de inclusão e exclusão pré-definidos, o corpus foi constituído por 2 artigos, todos encontrados no portal BVS. Os estudos abordavam os benefícios do lazer para intervenções multiprofissionais, apresentando uma visão do lazer como controle social que desconsidera a reelaboração de valores capacitistas e psicofóbicos, objetivando uma reforma da sociedade em direção à aceitação do paradigma da neurodiversidade.

Fonte: Elaboração própria (2026)

Quadro 11 – Licere: artigo 4

Termo presente	pós-modernidade
DOI	https://doi.org/10.35699/2447-6218.2024.57292
Título	Gênero e Lazer: Uma Revisão Bibliográfica sobre os Usos e as Representações dos Corpos Dissidentes nas Publicações Científicas
Autor/a(s)	Adriano Carlos Nunes Fernandes; Edmur Antonio Stoppa; Ricardo Ricci Uvinha
Data de publicação	06/02/2025
Palavras-chave	Lazer, Corpos dissidentes, Não binário, LGBTQIAPN+, Produções científicas
RESUMO	
Os estereótipos de gênero e sexualidade podem influenciar as percepções e expectativas das pessoas em relação aos corpos e comportamentos de gêneros dissidentes, inclusive nos usos e representações destes nos espaços de lazer. Partindo do entendimento do lazer como um direito de todos, questiona-se de que forma esses corpos estereotipados são representados e discutidos nos estudos de lazer. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é investigar o panorama das pesquisas de lazer que abordem/discutam a dissidência de gêneros, sobretudo não-binários, quanto a representação de seus corpos e usos dos espaços de lazer. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, descritiva e exploratória, com perspectiva multimetodológica, aliando a análise bibliográfica a partir da produção dos principais periódicos internacionais do lazer (classificação A) e a revisão narrativa dos resultados, com análise inspirada pelo paradigma da complexidade. Desvela-se que a inexpressiva produção sobre as temáticas demonstra uma escassez das discussões de corpos para além da perspectiva do binarismo. Concomitantemente indica a relevância e possibilidades para a produção científica de um campo complexo e com expressivo ineditismo sobretudo pelas lentes dos estudos queers.	

Fonte: Elaboração própria (2026)

Quadro 12 – Licere: artigo 5

Termo presente	pós-modernidade
DOI	https://doi.org/10.35699/2447-6218.2024.53475
Título	Guajarear: Experiências de Valorização do Território e Lazer na Amazônia Ocidental
Autor/a(s)	Augusto Rodrigues de Sousa; Nathalia Kelly de Araújo; Jordane Nobre dos Santos; Alexandre Sérvulo Ribeiro Hudson
Data de publicação	18/07/2024
Palavras-chave	Lazer, Turismo de base comunitária, Sentimento de pertencimento
RESUMO	
O artigo apresenta os resultados do projeto de ensino, pesquisa e extensão: “Guajarear: valorização do espaço e cultura local no município de Guajará-Mirim – Rondônia”. O objetivo do projeto foi desenvolver ações e ferramentas educativas para valorização da identidade local e potencialização de atividades de turismo de base comunitária no município. A metodologia proposta consistiu no mapeamento, visita, vivência e descrição de espaços de cultura e lazer locais, rodas de conversa com os diferentes atores locais em vistas da percepção do sentimento de pertencimento e da identidade local na região; e a criação de ferramentas digitais que apresentem tais os espaços mapeados. Os resultados alcançados foram o mapeamento dos espaços de lazer e datas festivas, bem como o diagnóstico das possibilidades de crescimento turístico como estratégia de desenvolvimento comunitário local.	

Fonte: Elaboração própria (2026)

Quadro 13 – Licere: artigo 6

Termo presente	pós-modernidade
DOI	https://doi.org/10.35699/2447-6218.2025.64721
Título	Campos de Luta O Futebol como Território de Formação Política e Memória Insurgente
Autor/a(s)	João Paulo de Souza da Silva; Emanuel Casimiro de Souza da Silva
Data de publicação	03/03/2026
Palavras-chave	Futebol político, Pedagogia popular, Resistência cultural
RESUMO	
Este estudo analisa as experiências da Liga João Saldanha de Futebol Society e da Liga Antifascista de Curitiba como práticas de resistência cultural e pedagogia popular. A partir de dados empíricos coletados entre 2022 e 2025, por meio de observação participante, análise documental das ligas, e inserções na imprensa examina-se como essas organizações ressignificam o futebol como território de disputa simbólica, formação política e construção de memória insurgente. Fundamentado nos estudos culturais de Stuart Hall e Cornelius Castoriadis e na pedagogia crítica de Paulo Freire, o trabalho demonstra que essas ligas constituem projetos político-pedagógicos que confrontam a mercantilização do esporte através de práticas autogeridas, assembleísmo e solidariedade territorial. Os resultados revelam que o futebol popular, quando politicamente organizado, opera como linguagem contra-hegemônica capaz de articular cultura periférica, educação crítica e enfrentamento às opressões estruturais, configurando-se como laboratório de experimentação democrática e utopia concreta.	

Fonte: Elaboração própria (2026)

Quadro 14 – Licere: artigo 7

Termo presente	pós-modernidade
DOI	https://doi.org/10.35699/2447-6218.2025.59153
Título	Notas sobre Lazer, Aventura e Educação :Reflexões Para Além do Risco
Autor/a(s)	Luiz Gustavo Nicácio
Data de publicação	20/05/2025
Palavras-chave	Lazer, Aventura, Educação
RESUMO	
As relações entre lazer e aventura tem recebido grande atenção de pesquisadores há quase três décadas. O objetivo deste trabalho é lançar reflexões sobre a atuação com a aventura tendo diferentes eixos de orientação, sem esquecer a dimensão do risco, mas sem que ele se torne elemento único da aventura. Trata-se de um ensaio que emerge do campo pesquisa e do mergulho na produção acadêmica para realização de uma tese de doutoramento em Estudos do Lazer. As provocações que permeiam este texto trazem considerações sobre diferentes pontos e como eles dialogam com a aventura a partir de um olhar conectado a educação não limitada a escola, as políticas públicas e outras pontes com o lazer. Como ponto central do debate está a perspectiva de buscar interfaces com a aventura que se orientam pela relação sujeito, sociedade e prática.	

Fonte: Elaboração própria (2026)

Quadro 15 – Licere: artigo 8

Termo presente	pós-modernidade
DOI	³
Título	A Escola da Barra do Guaicuí/MG: Futebol, Celular e Identidades
Autor/a(s)	Leonardo Toledo Silva
Data de publicação	03/03/2026
Palavras-chave	Futebol, Celular, Identidades
RESUMO	
Este texto tem como objetivo apresentar os acontecimentos ocorridos durante o campeonato de futebol e a utilização de celular na Escola Estadual Barra do Guaicuí e sua relação com a construção de	

³ O DOI do artigo “ A Escola da Barra do Guaicuí/MG: Futebol, Celular e Identidades” não estava funcionando na data de acesso.

identidades dos ribeirinhos. Para coleta e análise de dados utilizei a etnografia. Na investigação foi possível compreender que ali os jovens usam um estilo de vestir e conversar; escutam música; namoram; e bebem refrigerante, é um momento de se ver e ser visto, marcando suas relações de poder; estar conectado é pertencer a uma “tribo” local (sua, os chegados) e global (que tem os mesmos gostos, porém estão distantes), assistindo e compartilhando os mesmos vídeos e músicas, jogando, namorando, marcando encontros, discutindo as roupas e indumentárias da saída, zoando, trocando informações escolares...neste contexto eles criam uma rede de aproximação e produzem suas identidades.

Fonte: Elaboração própria (2026)

Quadro 16 – Licere: artigo 9

Termo presente	pós-modernas
DOI	https://doi.org/10.35699/2447-6218.2025.64717
Título	Da Individualidade ao Coletivo: A Mancha Alviverde e a Construção de Identidades no Lazer Futebolístico
Autor/a(s)	Gabriela Fernanda Aguera de Mello; Albuquerque Milagres
Data de publicação	03/03/2026
Palavras-chave	Lazer, Identidade Coletiva, Torcidas Organizadas, Psicologia Social, Ciberpsicologia, Etnografia digital
RESUMO	
Este artigo investiga os processos de construção identitária e os sentidos atribuídos ao lazer futebolístico a partir das práticas comunicacionais da torcida organizada Mancha Alviverde nas redes sociais. A pesquisa se fundamenta em uma etnografia digital, analisando postagens no Instagram durante o mês de julho de 2025, e se ancora teoricamente nos Estudos do Lazer, na Psicologia Social Crítica e na Ciberpsicologia. Os resultados indicam que as publicações da Mancha operam como dispositivos de significação e pertencimento, articulando memória coletiva, afetividade, resistência e solidariedade no contexto digital. Conclui-se que o lazer vivido no universo das torcidas organizadas não é apenas um espaço de entretenimento, mas uma arena simbólica de luta, reconhecimento e produção identitária.	

Fonte: Elaboração própria (2026)

Quadro 17 – Licere: artigo 10

Termo presente	pós-estruturalistas
DOI	⁴
Título	Futebol e Lazer Dissidente: Quando Pessoas LGBTQIA+ Vivenciam a Prática Futebolística
Autor/a(s)	João Martins Nogueira Júnior; Silvio Ricardo da Silva:
Data de publicação	13/11/2025
Palavras-chave	Futebol, Lazer, LGBTQIA+, Dissidência
RESUMO	
Esse artigo é o relato de uma pesquisa que objetivou analisar as relações das pessoas LGBTQIA+ com o futebol enquanto espaço e vivência do lazer, cuja metodologia foi de natureza qualitativa, a partir dos pressupostos etnográficos. Focou-se no time Predadores de Belo Horizonte, cujos sujeitos eram homens gays, cis, com uma trajetória de vida permeada pelo preconceito, prática de futebol como lazer e vivência no futebol amador. Esse fenômeno se identifica com um lazer e futebol “dissidente”, por exporem existências indesejáveis e discriminadas pela norma heterossexual, tensionado o meio futebolístico. As motivações para a prática do futebol, relacionam-se a ambiente familiar; apelo afetivo-sexual e paixão pela modalidade. Ao expor seus corpos e sexualidade dissidentes, esses indivíduos questionam certezas dentro e fora do campo futebolístico, reivindicando para si o direito ao esporte e lazer.	

Fonte: Elaboração própria (2026)

⁴ O DOI do artigo “Futebol e Lazer Dissidente: Quando Pessoas LGBTQIA+ Vivenciam a Prática Futebolística” não estava funcionando na data de acesso.

Quadro 18 – Licere: artigo 11

Termo presente	pós-humano
DOI	https://doi.org/10.35699/2447-6218.2024.54953
Título	Notas sobre o Des-Envolvimento Lúdico: Experiência, Significação, Profanação e o Tecropolítica
Autor/a(s)	Diego Eugênio Roquette Godoy Almeida
Data de publicação	01/10/2024
Palavras-chave	Lazer, Ludicidade, Cultura, Terapia ocupacional
RESUMO	
Consideramos aqui o lazer como uma espécie de moldura conceitual através do qual podemos compreender o processo de envolvimento lúdico. Neste sentido, este ensaio tem como objetivo problematizar a ideia de (des)envolvimento a partir da crítica antropológica de Arturo Escobar. Em um segundo momento, aprofundamos no domínio da ludicidade apoiados na filosofia de Walter Benjamin, Giorgio Agamben e dos estudos feministas de Paul Beatriz Preciado. O lúdico é abordado em sua possibilidade de significação, profanação e subjetivação, considerando também o a questão da tradição, do território e do regime tecnopolítico. Sugerimos algumas pistas capazes de nos guiar na difícil tarefa terapêutica e socioeducativa de potencializar o lazer a partir do envolvimento lúdico, trazendo recortes de práticas extensionistas e de ensino capazes de ilustrar o alcance de tais construtos.	

Fonte: Elaboração própria (2026)

Quadro 19 – Licere: artigo 12

Termo presente	pós-humanos
DOI	https://doi.org/10.35699/2447-6218.2024.57303
Título	Lazer Desgenerificado: Reflexões Sobre Práticas Corporais de Sujeitos Dissidentes da Cisheteronormatividade
Autor/a(s)	Izabelle Cesco de Carvalho; Wagner Xavier de Camargo; Olívia Cristina Ferreira Ribeiro
Data de publicação	06/02/2025
Palavras-chave	Atividades de lazer, Gênero, Cisheteronormatividade, Lazer degenerificado
RESUMO	
Este artigo discute práticas corporais de lazer e esportivas de sujeitos dissidentes da cisheteronormatividade. Propôs-se analisar uma nova categoria, a de lazer degenerificado, que envolve diversas corporalidades e estilos de vida acerca das práticas de lazer e se distancia de conceitos hegemônicos e generalistas. Utilizou-se de pesquisa bibliográfica para discutir os conceitos de lazer e de gênero, além de empregar pesquisa exploratória em vídeos nas redes sociais de equipes esportivas. Concluiu-se que o lazer degenerificado pode ser uma categoria útil para os estudos de lazer por propor novos referenciais a partir de corpos não normativos.	

Fonte: Elaboração própria (2026)

Quadro 20 – Licere: artigo 13

Termo presente	pós-humanos
DOI	⁵
Título	Do Gramado ao Console: As Novas Configurações do Futebol como Prática de Lazer Virtual
Autor/a(s)	Rubian Diego Andrade; Rafael José Gonçalves de Assis; Gisele Maria Schwartz
Data de publicação	03/03/2026
Palavras-chave	Futebol, Virtual, Lazer
RESUMO	
Analisou-se o futebol virtual como prática de lazer entre jovens brasileiros, investigando como ressignifica estruturas socioculturais do futebol tradicional. A partir de 250 comentários de uma	

⁵ O DOI do artigo “Do Gramado ao Console: As Novas Configurações do Futebol como Prática de Lazer Virtual” não estava funcionando na data de acesso.

transmissão da final da Copa do Mundo de EA SPORTS FC 2024 no YouTube, identificaram-se seis eixos: críticas ao jogo; rivalidade e competitividade; discurso de ódio e xenofobia; identidade e clubismo; redes de sociabilidade; e excitação emocional. Os resultados revelam que o futebol virtual não só reproduz, mas transforma dinâmicas tradicionais, mantendo rivalidades mediadas por algoritmos. O anonimato potencializou discursos de ódio e reações emocionais exacerbadas. Conclui-se pela urgência de uma Educação para e pelo Lazer Virtual.

Fonte: Elaboração própria (2026)

Quadro 21 – Conexões: artigo 1

Termo presente	pós-moderna
DOI	10.20396/conex.v16i4.8652583 .
Título	É proibido cochilar: os signos e significados das práticas corporais do forró universitário como contribuição para o currículo cultural da Educação Física
Autor/a(s)	Mário Luiz Ferrari Nunes; Ricardo Henrique Zambon
Data de publicação	27/11/2018
Palavras-chave	Educação Física; Currículo Cultural; Forró Universitário
RESUMO	
Este trabalho visa colaborar com a democratização dos saberes propostos pelo currículo cultural da Educação Física. Neste sentido, relata sobre os significados do forró universitário para que o docente em ação na escola tenha elementos que o auxiliem na elaboração de um currículo que atenda às diversas práticas culturais, colaborando com a justiça curricular. Utiliza, ainda, a etnografia participante a partir da perspectiva pós-moderna, adotando a posição de um flâneur. As observações foram realizadas em quatro momentos diferentes em uma casa noturna de forró universitário, com foco nas formas de regulação da cultura dos forrozeiros. Incita a produção de estudos etnográficos como base para a interpretação dos códigos culturais das práticas corporais e a sua tematização no currículo.	

Fonte: Elaboração própria (2026)

Quadro 22 – Conexões: artigo 2

Termo presente	pós-moderna
DOI	10.20396/conex.v16i2.8652996 .
Título	A beleza ultrajada
Autor/a(s)	Paulo José Germany Gaiger
Data de publicação	25/07/2018
Palavras-chave	Gênero; Corpo; Beleza
RESUMO	
O objetivo desse texto é discutir sobre o domínio falocrático em relação ao trinômio gênero, corpo e beleza, a partir de inquietações que se fundamentam no domínio masculino sobre as características a serem adquiridas e sustentadas pelas mulheres. Parte-se de uma visão pós-moderna para questionar a arrogância e a prepotência masculina e suas formas de controle, inclusive com a adoção de uma eterna permanência e existência do masculino por meio dos nomes.	

Fonte: Elaboração própria (2026)

Quadro 23 – Conexões: artigo 3

Termo presente	pós-modernas
DOI	10.20396/conex.v1i2.8638029
Título	A geografia e os esportes: uma pequena agenda e amplos horizontes
Autor/a(s)	Gilmar Mascarenhas de Jesus
Data de publicação	21/06/1999
Palavras-chave	Geografia; Esportes; Transdisciplinaridade.
RESUMO	
Os esportes vêm adquirindo magnitude crescente na atualidade, despertando a atenção de diversos ramos da produção científica. A geografia, movida por suas transformações recentes, começa a se debruçar sobre este rico e vasto campo de investigação, disposta a oferecer uma contribuição e um “olhar” peculiares. No Brasil, ainda é incipiente a investida de geógrafos sobre os esportes, de forma que o	

presente artigo pretende apresentar um pequeno conjunto de temas como sugestão de trabalhos futuros. Por outro lado, no sentido de argumentar a favor da viabilidade de uma geografia dos esportes, pretende-se também discutir os nexos entre a análise geográfica e o domínio esportivo, tomando este como fato empírico e como problematização teórico-conceitual.

Fonte: Elaboração própria (2026)

Quadro 24 – Conexões: artigo 4

Termo presente	pós-crítica
DOI	10.20396/conex.v16i3.8650464 .
Título	Análise de atos de currículo na educação física em escolas da rede municipal de Simão Dias - SE e Paripiranga - BA
Autor/a(s)	Libni David de Santana Macêdo; Tiago de Melo Ramos; Thaís Almeida Purificação; Marcos Garcia Neira
Data de publicação	28/08/2018
Palavras-chave	Educação Física escolar; Atos de Currículo; Teorias curriculares.
RESUMO	
Atos de Currículo se constituem como toda e qualquer ação curricular planejada e desenvolvida pelos atores educacionais. Na Educação Física, estes vem sendo motivados e influenciados pelas teorias curriculares tradicionais, crítica e pós-crítica. Este trabalho surge a partir das inquietações pautadas em quais teorias curriculares estão vinculados os Atos de Currículo na Educação Física escolar no ensino fundamental II em escolas da Bahia e Sergipe. Objetivamos analisar os planos de ensino da disciplina Educação Física, buscando vestígios das correntes teóricas. A metodologia caracterizada como pesquisa de abordagem qualitativa do tipo documental. Analisamos o conteúdo por categoria. O objeto de estudo foram os planos de ensino de dois professores (P1 e P2), do 6º e 9º ano de duas escolas (E1 e E2). Os resultados apontam certa dificuldade na organização dos planos. Ambos apontam para a repetição dos esportes coletivos como temas dominantes, pautados principalmente em concepções tradicionais do currículo. Concernindo à Educação Física escolar um papel reducionista de fomentar corpos biologicamente harmoniosos para o lazer, o trabalho e a aprendizagem de outros conhecimentos. Outro traço é a falta de progressão dos conteúdos a serem ensinados.	

Fonte: Elaboração própria (2026)

Quadro 25 – Conexões: artigo 5

Termo presente	pós-críticas
DOI	10.20396/conex.v16i3.8652214 .
Título	Slackline no CIEJA: não é para melhorar o equilíbrio, é porque é...
Autor/a(s)	Jacqueline Cristina Jesus Martins; Marcos Garcia Neira
Data de publicação	28/09/2018
Palavras-chave	Educação de Jovens e Adultos; Educação Física; Currículo cultural
RESUMO	
Contrariando a visão hegemônica que concebe a Educação Física na Educação de Jovens e Adultos como experiência formativa irrelevante ou destinada simplesmente a exercitar e relaxar os corpos com vistas a compensar os esforços laborais da população trabalhadora, relatamos uma experiência pedagógica realizada num Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos em que se tematizou o slackline a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da perspectiva cultural do componente. Na avaliação dos estudantes, muitos deles com deficiências, o trabalho proporcionou o acesso a uma prática corporal até então desconhecida e a oportunidade de arriscar-se e vencer desafios corporais.	

Fonte: Elaboração própria (2026)

Quadro 26 – Conexões: artigo 6

Termo presente	pós-crítico
DOI	10.20396/conex.v12i2.2166 .
Título	Educação física e ensino médio: da regulação instituída para a construção permanente da experiência

Autor/a(s)	Jéssika Ribeiro da Costa Campos; José Tarcísio Grunennvaldt; Marcia Cristina Rodrigues da Silva Coffani
Data de publicação	11/07/2014
Palavras-chave	Educação Física escolar; Conteúdo; Esporte
RESUMO	
Investigou-se como as ações pedagógicas de um projeto de iniciação e fortalecimento à docência, possibilitaram transformações nas concepções/representações dos alunos em relação à disciplina, no Ensino Médio de uma escola estadual, em Cuiabá - MT. A pesquisa é qualitativo-descritiva. Fez-se a observação e descrição das aulas, antes e após as ações do projeto, e questionários (pré e pós) de avaliação dos impactos, avanços e retrocessos à luz de um referencial crítico e pós-crítico da Educação Física. Evidenciou-se que a Educação Física dessa escola se constitui com <i>modus operandi</i> do fazer pelo fazer, carecendo de uma maior problematização e sistematização de conteúdos/conhecimentos da cultura corporal, o que se distancia da pretensa legitimidade como componente curricular.	

Fonte: Elaboração própria (2026)

Quadro 27 – Conexões: artigo 7

Termo presente	pós-crítico
DOI	.. ⁶
Título	As mulheres no Universo do Futebol brasileiro: resgatando o gênero
Autor/a(s)	Mariane da Silva Pisani; Claudia Samuel Kessler
Data de publicação	14/07/2022
Palavras-chave	Antropologia; Futebol; Mulheres
RESUMO	
O presente artigo analisa questões relativas ao conceito de Gênero (e suas relações) na intersecção com a prática futebolística. Método: Para realizar a discussão utilizaremos duas importantes obras da Antropologia dos Esportes. A primeira obra é a clássica coletânea organizada pelo antropólogo Roberto Damatta e publicada no começo da década de 1980: “O universo do futebol: esporte e sociedade brasileira”. Já a segunda obra, “As mulheres no universo do futebol brasileiro”, lançada no de 2020, traz em seu título uma alusão à primeira coletânea, mas trazendo a presença e participação das mulheres no futebol. Considerações finais: Apresentaremos a discussão sobre o conceito de gênero e suas relações com o futebol a partir de uma perspectiva pós-estruturalista na qual as noções de gênero, feminino e mulher, são postas em debate a fim de evidenciar os fazeres que se contrapõem à lógica androcêntrica tão presente no universo do futebol.	

Fonte: Elaboração própria (2026)

Quadro 28 – Conexões: artigo 8

Termo presente	pós-estruturalista
DOI	10.20396/conex.v15i1.8646350 .
Título	Time amador juvenil de futsal feminino de Barra do Garças-MT: rompendo limitações na construção do gênero mulher
Autor/a(s)	Rachelly Webster Trajano; Neil Franco Pereira de Almeida; Minéia Carvalho Rodrigues; Luís Antônio Bitante Fernandes
Data de publicação	06/06/2017
Palavras-chave	Feminilidade; Futebol de salão; Homofobia
RESUMO	
O objetivo deste estudo foi de entender como atletas do Time Amador Juvenil de Futsal Feminino da cidade de Barra do Garças - MT compreendiam os significados da vivência dessa prática no que se refere às determinações históricas, sociais e culturais do gênero e da sexualidade. A compreensão sobre a relação gênero, feminilidade e futebol, sob o olhar de técnicos desse time foi também foco de interesse. Trata-se de uma pesquisa direta e de abordagem qualitativa, construída a partir da correlação de fontes bibliográficas, questionário e entrevista. A perspectiva pós-estruturalista definiu o campo teórico que sustentou as análises. Concluiu-se que a prevalência de preconceito em relação à sexualidade é inerente ao futebol/futsal, uma vez que vivemos numa sociedade em que essa modalidade é entendida como	

⁶ O site não apresentava o periódico do artigo “ As mulheres no Universo do Futebol brasileiro: resgatando o gênero”

privilégio masculino. As mulheres que se inserem nesse esporte são expostas a vários tipos de recusas pela prevalência de um imaginário social que alimenta que o futebol/futsal possa masculinizá-las.

Fonte: Elaboração própria (2026)

Quadro 29 – Revista Brasileira de Ciências do Esporte: artigo 1

Termo presente	pós-moderno
DOI	10.1590/rbce.45.e20230087er
Título	Pós-modernidade e decadência ideológica: “O sono da razão desperta monstros”
Autor/a(s)	Edson Marcelo Húngaro; André Malina
Data de publicação	2023
Palavras-chave	Modernidade; Totalidade; Pensamento crítico; Educação Física
RESUMO	
O presente ensaio objetivou apresentar o dossiê sobre epistemologia da Educação Física, produzido pela RBCE. Como viés de apresentação, optou-se por trazer elementos que permitem entrar no debate dos fundamentos norteadores das críticas à chamada pós-modernidade. Sem pretensão de esgotar esse debate, foi mostrada uma expressão do pensamento pós-moderno com caracterizações que acabam por desconsiderar categorias centrais do pensamento marxiano. Detivemo-nos, em especial, em uma delas: a categoria da totalidade. Esperamos, assim, contribuir para que, diante do combate às manifestações autoritárias e mesmo de corte fascista que visualizamos na atualidade contemporânea do capitalismo, a nossa “batalha das ideias” decorra em ambiente fértil e profícuo.	

Fonte: Elaboração própria (2026)

Quadro 30 – Revista Brasileira de Ciências do Esporte: artigo 2

Termo presente	pós-moderna
DOI	https://doi.org/10.1590/rbce.45.e20230066
Título	A sociologia do corpo de Le Breton e sua relação com a agenda pós-moderna
Autor/a(s)	Bartolomeu Lins de Barros Júnior; Danielle Batista de Moraes
Data de publicação	2023
Palavras-chave	Sociologia do corpo; Agenda pós-moderna; Crítica ontológica; Educação Física
RESUMO	
O artigo tem como objetivo identificar aproximações da “sociologia do corpo” de David Le Breton com a agenda pós-moderna. Por uma revisão bibliográfica foi possível abordar conceitos-chave, identificar suas principais ideias e argumentos, e analisá-los sob uma perspectiva crítico-ontológica. Constatamos que tal sociologia, ao buscar superar a dicotomia corpo biológico e “espírito”, compreende-o como uma ficção, um lugar de representações e símbolos que mediam as interações sociais e influenciam as identidades individuais e coletivas. Limitando-se por uma negação da totalidade social e do sujeito histórico, e assumindo uma desreferencialização do real.	

Fonte: Elaboração própria (2026)

Quadro 31 – Revista Brasileira de Ciências do Esporte: artigo 3

Termo presente	pós-modernidade ⁷
DOI	https://doi.org/10.1590/rbce.45.e20230087er
Título	Pós-modernidade e decadência ideológica: “O sono da razão desperta monstros”
Autor/a(s)	Edson Marcelo Húngaro; André Malina
Data de publicação	2023
Palavras-chave	Modernidade; Totalidade; Pensamento crítico; Educação Física
RESUMO	
O presente ensaio objetivou apresentar o dossiê sobre epistemologia da Educação Física, produzido pela RBCE. Como viés de apresentação, optou-se por trazer elementos que permitem entrar no debate dos fundamentos norteadores das críticas à chamada pós-modernidade. Sem pretensão de esgotar esse	

⁷ O artigo “Pós-modernidade e decadência ideológica: “O sono da razão desperta monstros” está posto duas vezes porque aparece tanto na pesquisa do termo “pós-moderno”, quanto no termo “pós-modernidade”, fato que acontece apenas com este artigo ao longo das pesquisas

debate, foi mostrada uma expressão do pensamento pós-moderno com caracterizações que acabam por desconsiderar categorias centrais do pensamento marxiano. Detivemo-nos, em especial, em uma delas: a categoria da totalidade. Esperamos, assim, contribuir para que, diante do combate às manifestações autoritárias e mesmo de corte fascista que visualizamos na atualidade contemporânea do capitalismo, a nossa “batalha das ideias” decorra em ambiente fértil e profícuo.

Fonte: Elaboração própria (2026)

Quadro 32 – Revista Brasileira de Ciências do Esporte: artigo 4

Termo presente	pós-crítica
DOI	https://doi.org/10.1590/rbce.45.e20230060
Título	Educação Física pós-crítica e suas teleologias: entre a valorização da diferença e o sujeito solidário
Autor/a(s)	Pedro Xavier Russo Bonetto; Marcos Garcia Neira
Data de publicação	2023
Palavras-chave	Educação física cultural; Currículo; Filosofia da diferença; Teleologia
RESUMO	
O artigo recorreu à hermenêutica filosófica como método analítico para produzir um mapa das teleologias educativas da chamada Educação Física pós-crítica. Os resultados demonstram uma movimentação das proposições teleológicas inicialmente afeitas à noção de emancipação e participação social para vinculação com o reconhecimento e valorização da diferença, culminando nas relações de solidariedade e o estabelecimento de alianças em prol do bem comum. A constatação fez buscar o apoio nas filosofias da diferença para problematizar a noção de subjetividade solidária anunciada pela teoria curricular cultural da Educação Física, conferindo-lhe o necessário, porém provisório, estofo epistemológico.	

Fonte: Elaboração própria (2026)

Quadro 33 – Revista Brasileira de Ciências do Esporte: artigo 5

Termo presente	pós-estruturalismo
DOI	https://doi.org/10.1016/j.rbce.2017.02.005
Título	El cuerpo del postestructuralismo. Problemas epistemológicos a partir de la perspectiva de J. Butler
Autor/a(s)	Emiliano Gambarotta
Data de publicação	2017
Palavras-chave	Cuerpo; J. Butler; Epistemología; Crítica inmanente
RESUMO	
Este trabajo discute la manera en que se problematiza el objeto de estudio de las indagaciones acerca de lo corporal, es decir, se pregunta por el cuerpo como problema epistemológico. Dentro de ese marco, se aborda la concepción que el postestructuralismo (una de las perspectivas predominantes en la actualidad de las ciencias sociales) desarrolla acerca de esta cuestión, específicamente, se realiza una crítica inmanente de la teoría de J. Butler. A partir de esto, se sostiene que su teoría sobre la materialización del cuerpo permite aprehender el proceso de producción del mismo, pero al precio de tornar (ontológicamente) invariante el modo en que es producido. De allí la necesidad de avanzar en una interrogación que ponga el foco en el "modo de producción de corporalidad".	

Fonte: Elaboração própria (2026)

Quadro 34 – Revista Temas em Educação Física Escolar: artigo 1

Termo presente	pós-crítico
DOI	https://doi.org/10.33025/tefe.v9i1.4194
Título	Brinquedo pós-crítico e basquetebol: relações entre gênero, escola e esporte
Autor/a(s)	Frederico Jorge Saad Guirra Filho; Vitor Hugo Marani; Carlos Eduardo Ferreira da Silva; Ábia Lima de França
Data de publicação	19/11/2024
Palavras-chave	Basquete, Jogos, Mulheres, Educação Física Escolar
RESUMO	
O relato de experiência tem como objetivo investigar como o brinquedo pós-crítico pode auxiliar no processo de ensino aprendizagem do/a estudante, a partir das discussões acerca da categoria de gênero	

nas aulas de Educação Física escolar. A intervenção ocorreu em um colégio público da rede estadual no município de ([INFORMAÇÃO OMITIDA PARA AVALIAÇÃO]), por intermédio do Programa de Residência Pedagógica. A pesquisa de natureza qualitativa, do tipo exploratória, lançou mão de dois procedimentos metodológicos: a criação do brinquedo pós-crítico “Basquete para todes” e o diário de campo. Por intermédio do jogo de tabuleiro e da experiência do brincar, foi possível construir e utilizar um artefato pedagógico inovador que incentiva a consciência ambiental, o desenvolvimento de capacidades motoras, comunicativas, intelectuais, dentre outras, e as discussões e reflexões de gênero e esporte, em especial do basquete feminino no contexto escolar.

Fonte: Elaboração própria (2026)

Quadro 35 – Revista Temas em Educação Física Escolar: artigo 2

Termo presente	pós-estruturalista
DOI	https://doi.org/10.33025/tefe.v2i1.968
Título	Corpo e gênero: suas representações no currículo escolar
Autor/a(s)	Bruno Inocencio Vicente
Data de publicação	15/04/2017
Palavras-chave	educação física; lutas.; sepaktakraw; esportes não-tradicionais; turismo científico-pedagógico; unidades de conservação; geopoética; orientação; slackline; cultura; antropologia; atuação; profissional; gordofobia; tecnologias; metodologia; educação público; professor relações
RESUMO	
A escola como um espaço democrático deve oportunizar a discussão de problemas sociais e o desenvolvimento do pensamento crítico. Sendo corpo e gênero uma construção social, histórica e cultural, identifica-se a necessidade de um trato pedagógico, que os coloque nas perspectivas e interesses dos diversos grupos reconhecidos na sociedade contemporânea. Para tanto o estudo teve como objetivo geral mapear como questões relacionadas ao corpo e gênero são materializadas no currículo escolar, segundo uma ótica pós-estruturalista. Foi feita uma análise documental dos projetos políticos pedagógicos de duas escolas públicas do bairro de Pedra de Guaratiba, zona oeste da cidade Rio de Janeiro, buscando compreender como foi construído o currículo dessas escolas e como as relações entre corpo e gênero são tratadas nos mesmos.	

Fonte: Elaboração própria (2026)

Quadro 36 – Corpoconsciência: artigo 1

Termo presente	pós-crítica
DOI	https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/20499
Título	Estágio curricular obrigatório em ambiente hospitalar: formação e atuação de profissionais de educação física
Autor/a(s)	Jéssica Urrutia Pereira; Fernanda de Souza Teixeira; Franciele Roos da Silva Ilha
Data de publicação	06/02/2026
Palavras-chave	Estágio Curricular Supervisionado, Formação Profissional, Educação Física
RESUMO	
A formação de Profissionais de Educação Física (PEFs) é permeada por dinâmicas de poder que moldam a atuação desses/as profissionais. Este estudo, de abordagem qualitativa pós-crítica, exploratório-descritivo, busca compreender a percepção de egressos/as do curso de Bacharelado em Educação Física de uma universidade pública do sul do Brasil sobre a atuação de PEFs em âmbito hospitalar e a contribuição formativa do Estágio Curricular Supervisionado (ECS) realizado nesse contexto. A pesquisa, realizada com oito egressos/as, utilizou um questionário online para produção de dados. Os resultados destacam que o ECS contribui para o desenvolvimento de habilidades interpessoais e uma visão ampliada do papel de PEFs. Observa-se, uma mudança no entendimento do papel e da importância do/a PEF no ambiente hospitalar, extrapolando as expectativas iniciais de egressos/as. Portanto, a experiência do estágio revelou-se fundamental para uma formação integral, preparando os/as profissionais para enfrentar os desafios e oportunidades no SUS (Sistema Único de Saúde) e em diversos contextos de atuação.	

Fonte: Elaboração própria (2026)

Quadro 37 – Revista Brasileira de Ciência e Movimento: artigo 1

Termo presente	pós-modernidade
DOI	https://doi.org/10.18511/rbcm.v18i2.1138
Título	Risco e práticas corporais na natureza: uma revisão sistemática
Autor/a(s)	Priscilla Pinto Costa Silva; Andréa Maria Pires Azevedo; Emília Amélia Pinto Costa Silva; Clara Maria Silvestre Monteiro Freitas
Data de publicação	26/11/2010
Palavras-chave	Assunção de risco; Natureza; Lesão
RESUMO	
Como as práticas corporais na natureza estão interligadas ao risco real ou calculado, o seu estudo pode dizer muito sobre os elementos essenciais da pós-modernidade que apontam para um sentimento de aventura, em que algumas situações ocasionam acidentes, lesões e doenças, podendo atingir a fatalidade. O objetivo do estudo é revisar a literatura científica a luz dos riscos ocorridos nas práticas corporais na natureza. Adotou-se como metodologia a revisão sistemática realizada nas bases de dados eletrônicas MEDLINE/PubMed, LILACS, SciELO e Bireme. Como critério de inclusão instituiu-se artigos originais, publicados no período de 2000 a junho de 2009, em periódicos nacionais e internacionais (português e inglês), e pesquisas realizadas com humanos. Foram selecionados 11 artigos, os quais atendiam aos critérios de inclusão estabelecidos. O processo de seleção foi realizado por pares. As análises dos artigos revelaram que os sujeitos da amostra foram predominantemente de jovens e adultos, que apresentaram maior reincidência ao risco nas seguintes práticas: andar a cavalo, mountain bike, atividades aquáticas, caminhadas, atividades em montanhas e esportes na neve. Os gastos com acidentes e lesões podem atingir um alto custo para empresas de gerenciamento, os estabelecimentos possuem regras e normas predeterminadas. As causas dos acidentes e lesões provocadas nestas práticas são ocorridas pela carência de intervenção e promoção educacional quanto às regras e normas de segurança necessárias. Neste sentido, os artigos selecionados permitem buscar novas estratégias que possibilitem transformações nos aspectos de segurança para minimizar os riscos que as práticas corporais na natureza pode oferecer aos usuários.	

Fonte: Elaboração própria (2026)

Quadro 38 – Pensar a Prática: artigo 1

Termo presente	pós-críticas
DOI	https://doi.org/10.5216/rpp.v28.81805
Título	Resolução 06/2018 e a construção curricular dos cursos de Educação Física da ESEFID/UFRGS
Autor/a(s)	Eduardo Pinto Machado; Roseli Belmonte Machado
Data de publicação	2025-12-22
Palavras-chave	Educação Física, Resolução 06/2018, Formação Docente, Bacharelado, Licenciatura
RESUMO	
O objetivo deste ensaio é realizar uma análise sobre a construção curricular dos cursos de Educação Física da ESEFID/UFRGS frente à Resolução 06/2018, refletindo a respeito dos efeitos nas formações em curso. Foram considerados estudos sobre reformulações anteriores e documentos que embasaram a construção curricular vigente, além do Projeto Pedagógico dos cursos, à luz das teorizações pós-críticas sobre currículo. O texto destaca desafios como o equilíbrio entre demandas de mercado e formação crítica, a valorização do bacharelado em detrimento da licenciatura, a ausência de debates sobre marcadores sociais no bacharelado e as dificuldades dos estudantes na Etapa de Formação Comum.	

Fonte: Elaboração própria (2026)

Quadro 39 – Motriz: artigo 1

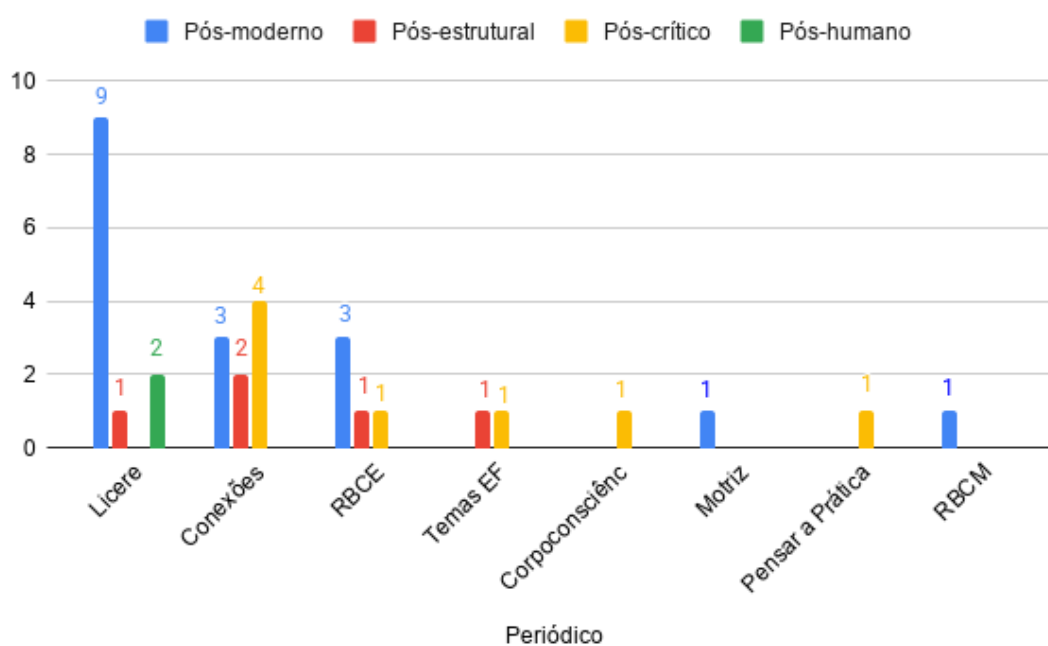
Termo presente	pós-modernidade
DOI	https://doi.org/10.5016/1980-6574.2011v17n2p280
Título	A aprendizagem profissional - as representações de treinadores desportivos de jovens: quatro estudos de caso
Autor/a(s)	Valmor Ramos; Amândio Braga dos Santos Graça; Juarez Vieira do Nascimento; Rudney da Silva
Data de publicação	03/10/2011

Palavras-chave	Educação Física e Esporte; Formação do treinador; Professor; Ensino; Basketball; Representações; Pós-Modernidade
RESUMO	
A preocupação com a formação de jovens no esporte tem estimulado investigações a respeito da profissionalização do treinador. Neste sentido, o objetivo do estudo foi descrever a representação dos treinadores sobre sua aprendizagem profissional no basquetebol e interpretá-las em conformidade com a literatura especializada. Foi realizada uma pesquisa qualitativa, com estudos de caso múltiplos envolvendo 4 treinadores com reconhecida competência na formação de jovens jogadores em Santa Catarina. Os dados biográficos foram coletados a partir de entrevistas estruturada e semi-estruturada. Os resultados indicam que os treinadores valorizam diversas fontes informais e não-formais de aprendizagem. A observação de outros treinadores e a experiência de prática cotidiana são essenciais na construção do conhecimento profissional. Conclui-se que a aprendizagem dos treinadores investigados decorre de um processo de auto-aprendizagem e de socialização do conhecimento, no qual os mecanismos implicados de observação, reflexão e orientação informal necessitam ser investigados.	

Fonte: Elaboração própria (2026)

A figura 5 nos apresenta as categorias mais presentes em cada um dos periódicos.

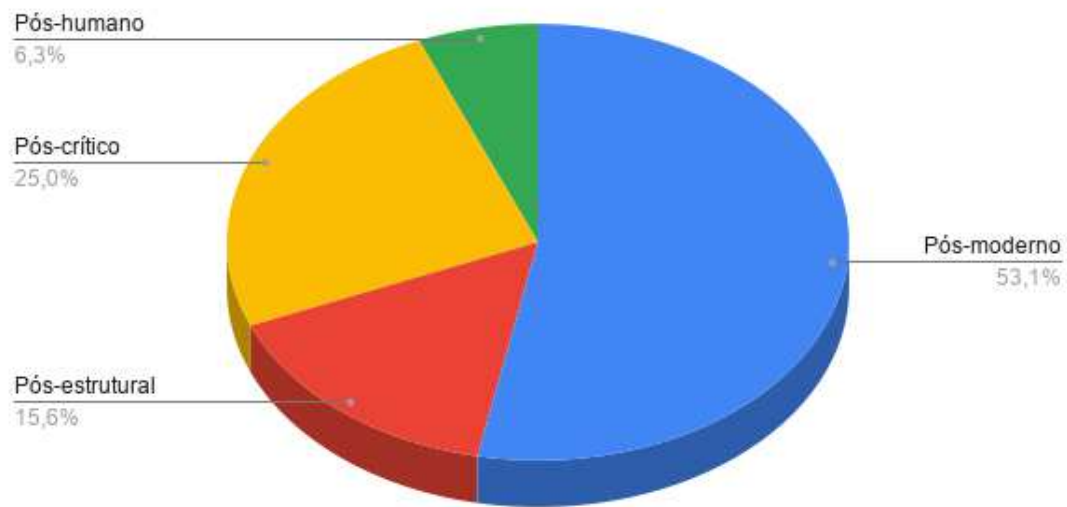
Figura 5 – Quantidade de aparições das categorias em cada periódico



Fonte: Elaboração própria (2026)

É possível perceber uma frequente presença da categoria “pós-moderno” e da mesma forma que ocorreu na Coleção de 40 anos, pontual aparição da categoria “pós-humano” ficando a divisão das categorias ao final da pesquisa da seguinte forma

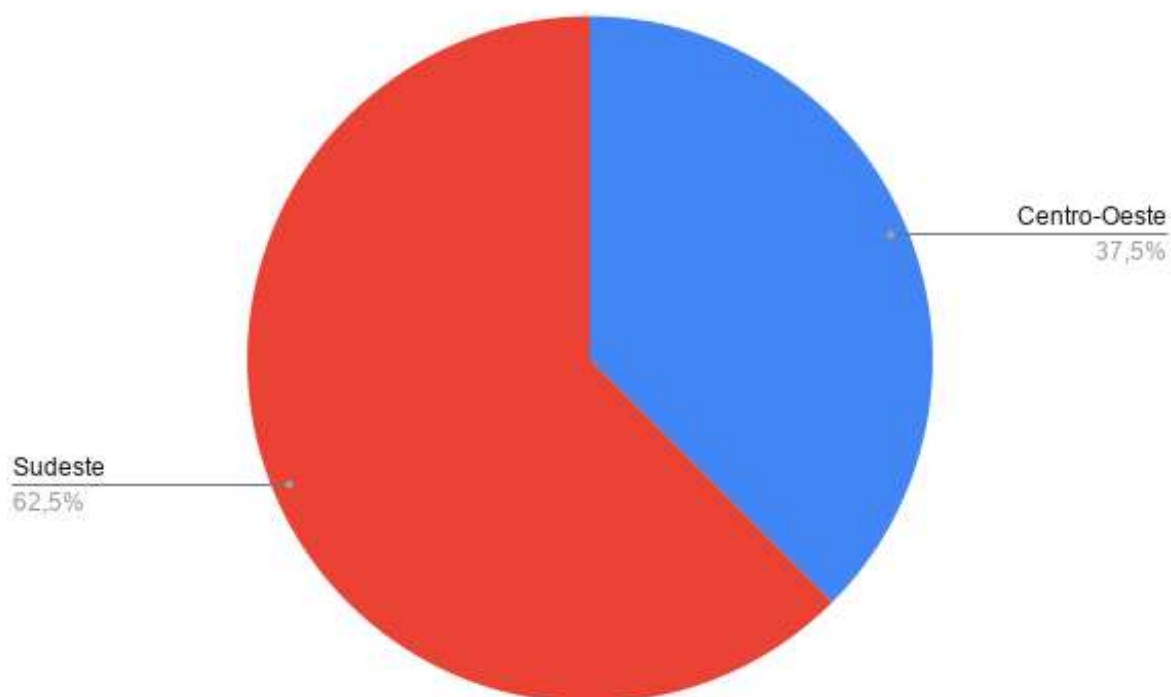
Figura 6 – Incidência das categorias nos periódicos da Educação Física



Fonte: Elaboração própria (2026)

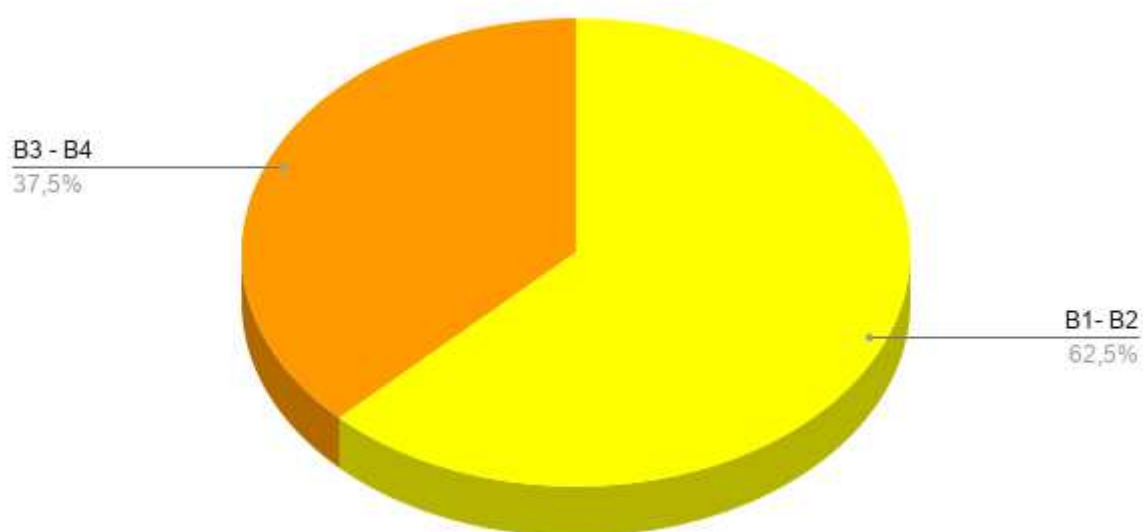
Como estamos analisando a influência dessas correntes teóricas em toda a EFB, é importante compreendermos como essa presença se dá nos periódicos de cada região do Brasil, compreendendo que é muito comum que pesquisadores publiquem em periódicos de sua região e essas apresentam diferentes características socioeconômicas. A seguir apresento os gráficos com a divisão da incidência dos termos por região do Brasil e a divisão por estrato dos periódicos com incidência de termos.

Figura 7 – Distribuição por região do Brasil dos periódicos com presença dos termos pesquisados



Fonte: Elaboração própria (2026)

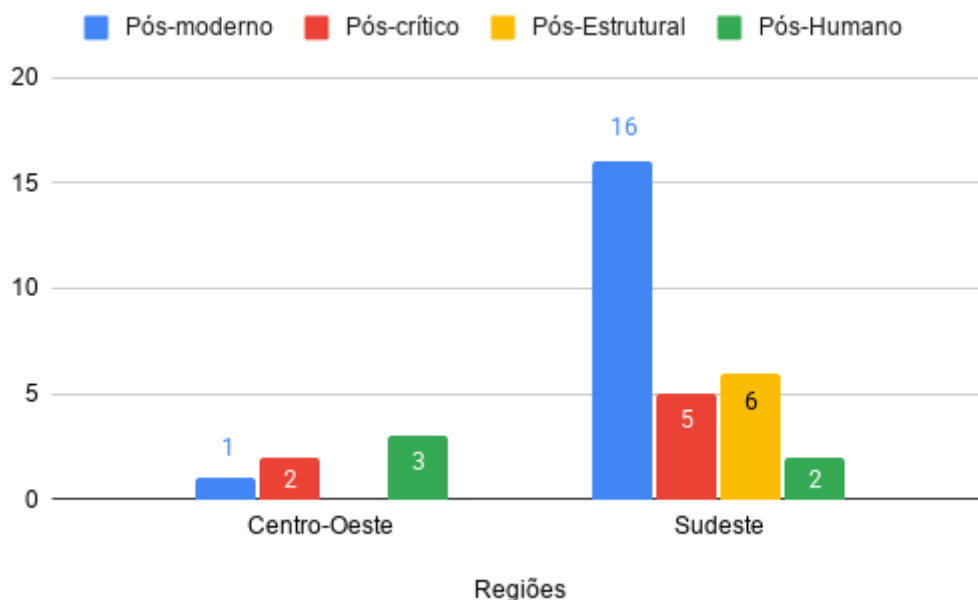
Figura 8 – Divisão por estrato dos periódicos com presença de termos



Fonte: Elaboração própria (2026)

É importante, além de compreender quais regiões possuem maior incidência de termos, quais as categorias mais incidentes nelas, para identificar qual a corrente teórica mais influente em cada uma das regiões, como demonstrado na figura a seguir.

Figura 9 – Presença das categorias nos periódicos agrupados por região do Brasil



Fonte: Elaboração própria (2026)

Dessa forma, percebemos ao olhar para os diferentes periódicos da EFB, uma presença equivalente das categorias presentes Coleção de 40 anos do CBCE, demonstrando que possivelmente essas categorias não estão isoladas naqueles textos, mas que são expressões do que chamarei de Movimento Subjetivista⁸ na Educação Física Brasileira. Nesses periódicos encontramos uma maior incidência de termos que remetem à categoria pós-moderno, aquela que é historicamente a mais antiga dentre as diferentes correntes teóricas advindas dos giros linguísticos.

Não só os periódicos com a nota *Quális* CAPES mais altas estão na região Sudeste, como a região apresenta maior incidência de termos, possuindo uma incidência das categorias pós-moderno, pós-crítico e pós-estrutural maior do que todas as outras regiões que tiveram a presença de termos. É possível suspeitar que a discussão acerca dos fundamentos filosóficos

⁸ A opção pelo termo subjetivista se dá pelo posicionamento filosófico das escolas de pensamento desse movimento de posicionar a subjetividade dos sujeitos previamente a realidade na análise ontológica, adequando-se assim ao movimento filosófico subjetivista.

que norteiam essas correntes teóricas e as suas contraposições (sejam quais forem), estejam concentradas nos programas de pós-graduação (PPG), especificamente de mestrado e doutorado

Talvez a Educação Física no nível da graduação ainda não apresente maturidade teórica em matéria de ciências-humanas, especificamente quanto à filosofia para realizar esse debate. Sendo assim, como a Região Sudeste é aquela que abriga maior quantidade de PPG em Educação Física (totalizando 38 dos 83 PPG registrados na área 21, contra 18 do Nordeste, 17 do Sul, 7 do Centro-Oeste, e 3 do Norte) (Brasil, 2026), faz sentido possuir uma maior presença nos periódicos.

Essas são hipóteses que aparecem a partir de um primeiro aprofundamento nos dados do tema, uma vez que para uma futura pesquisa com a intenção de aprofundar ainda mais a compreensão, seria necessário acessar os diversos repositórios de graduação e pós-graduação da Educação Física para identificar a incidência dessas categorias e de possíveis novas, realizando a comparação entre os diferentes níveis de ensino, para confirmar ou não essas hipóteses. Outras possibilidades de análise são dos textos presentes nos GTT com incidência das categorias ao longo dos anos de sua existência; análises isoladas de revistas para identificar artigos que, mesmo sem discutir a matriz filosófica das correntes teóricas, tem sua base nelas e análise dos textos encontrados nessa busca para agrupar possíveis convergências em suas discussões.

3.3 Relações entre o Movimento Subjetivista e o Movimento Renovador

Uma vez recolhidos os dados, precisamos analisar o fluxo histórico que nos trouxe aqui para compreender em que contexto sociocultural se estrutura o Movimento Subjetivista e quais suas particularidades. Dessa forma poderemos olhar para o fenômeno da EFB e capturar suas determinações históricas a fim de buscar sua compreender para além da imediatez do fenômeno e produzir um plano de ação coerente.

O quadro histórico dos debates de cunho sociocultural e pedagógico da EFB na academia é aquecido desde a década de 1980, momento em que a EFB se defrontava com demandas revolucionárias de um país que lutava contra a ditadura civil-militar. Com as ideias de redemocratização presentes no país naquele momento, juntamente com uma perspectiva transformadora, era quase que geral um esforço dos pesquisadores da área, em especial

aqueles/as que, *a posteriori*, vieram a ser identificados/a como pertencentes a uma abordagem pedagógica ou sociocultural, da realização de autocrítica na intenção de compreender de que formas as práticas historicamente produzidas pela EF a partir do paradigma da aptidão física, corroboravam com as necessidades de um projeto neoliberal e imperialista de sociedade.

A discussão no primeiro momento gira em torno da identidade da Educação Física dentro do quadro das ciências, questionando-se se ela poderia ser considerada uma ciência própria. O debate problematizava o colonialismo epistêmico presente em disciplinas produzidas em outros contextos e que se apossavam da EF como seu depósito, como a biomecânica, anatomia, bioquímica, fisiologia, etc. Diversos são os pesquisadores que, seguindo a tradição positivo-biologista, foram na direção de interpretá-la como Ciência do Movimento Humano e Ciência da Motricidade Humana (Scapin e Souza, 2022), que colocam como objeto central da análise da EF, o movimento em si, descontextualizado e lido apenas pela ótica de sua produção por um ser orgânico.

Por outro lado, a corrente de pesquisadores posteriormente denominada de pedagógica, compreendia que a análise puramente biológico-mecânica, além de limitante, ia contra os interesses das classes trabalhadoras e corroborava com as demandas sócio-históricas que buscavam superar. A argumentação principal da linha pedagógica era de que o movimento humano deveria ser analisado compreendendo o ser humano não apenas como um ser biológico, mas como um ser social, interpretando o movimento humano de forma contextualizada, a partir de seu contexto cultural e/ou pelas subjetividades (a variar da formação filosófica de cada pesquisador/a). Com o avanço das discussões nesse âmbito, no fim da década de 1980 e início da década de 1990, a pedagogização da EFB consolidou-se na discussão teórica da área. Nesse momento, tratar a EF como apenas uma ciência biológico-motora era nadar contrário a toda uma onda revolucionária que se organizava em prol da conquista da própria hegemonia em relação ao domínio epistemológico imperialista europeu e estadunidense.

Diversas eram as correntes teóricas que estavam ativamente disputando espaço no projeto histórico da EFB nesse momento, sendo que suas divergências filosóficas desembocaram em diferentes propostas acerca de como operacionalizar essa transformação, segundo Scapin e Souza,

[...] a produção acadêmica da Educação Física e do Esporte, elaborada nos Programas de Pós-Graduação no findar dos anos 1980 e início dos anos 1990, já apresentava desdobramentos das novas matrizes teórico-epistemológicas que foram inseridas (e ganhavam espaços) nas formas de produzir conhecimento na área. A saber: a Fenomenológico-Hermenêutica, que tematiza, conforme Kunz; Santos (2009), o

movimento humano à luz da fenomenologia de autores holandeses e alemães (Gordijn, Tamboer, Trebels, entre outros), na Teoria Crítica e na Razão Comunicativa de Habermas, produzindo, inclusive, como objeto para a área a Cultura de Movimento, com seu expoente máximo na Educação Física brasileira: Elenor Kunz; e a Crítico-Dialética, que fundamenta a produção do conhecimento da Educação Física à luz da abordagem marxista do Materialismo-Histórico e Dialético, e estabeleceu como objeto para a área a Cultura Corporal, com as formulações do Coletivo de Autores em 1992 e possui, atualmente, como principais expoentes (não únicos) Celi Taffarel e Micheli Escobar (Scapin e Souza, 2022, p.9).

Dentre as linhas teóricas, o coletivo de autores⁹ era quem representava a perspectiva marxista, compreendendo o real em sua totalidade e a luta de classes como o motor histórico. Fica claro ao longo do livro o objetivo a que a obra se propunha lograr com sua publicação e leitura pelos professores na escola, especificamente no primeiro capítulo intitulado de “A Educação Física no currículo escolar: desenvolvimento da aptidão física ou reflexão sobre cultura corporal”, quando discorrem sobre o projeto-político-pedagógico, podemos perceber a sua determinação para com as reflexões de cunho marxista, como nessas duas citações

Nas sociedades de classe, como é o caso do Brasil, o movimento social se caracteriza fundamentalmente, pela luta entre as classes sociais a fim de afirmarem seus interesses. Tais interesses podem ser classificados em imediatos e históricos (Souza, 1987:11). Pode-se dizer, grosso modo, que os interesses imediatos da classe trabalhadora, na qual se incluem as camadas populares, correspondem às suas necessidades de assimilar riquezas, gerar a renda, ampliar o consumo, patrimônio etc. Ainda com relação a essa classe, seus interesses históricos correspondem à sua necessidade de garantir o poder para manter a posição privilegiada que ocupa na sociedade e a qualidade de vida construída e conquistada a partir desse privilégio. (Soares *et al.*, 2012, p. 26)

O presente texto trata de uma pedagogia emergente, que busca responder a determinados interesses de classe, denominada aqui de crítico-superadora (Soares *et al.*, 2012, p. 27).

Dentre as chamadas abordagens pedagógicas produzidas nesse período, a crítico-superadora produzida pelo coletivo de autores se consagrou como uma importante vertente teórica, sendo tema de diversas pesquisas, ensaios, inspiração para experiências de gestão de escolas públicas e privadas, debates, bibliografia de concursos e de formações iniciais e continuadas por todo o país. Aquilo que se almejou como uma intenção de ruptura (Húngaro e Húngaro, 2013), mesmo com forte impacto na EFB e consolidada como uma das principais tendências da Educação Física, a abordagem crítico-superadora não pôde se afirmar como hegemônica, nem naquele contexto, menos ainda agora.

⁹ Nome dado a um grupo de pesquisadores/as que em um trabalho conjunto nos anos de 1989-1992 produziram a obra “Metodologia do ensino da Educação Física”. Os membros do coletivo são: Carme Lúcia Soares; Celi Nelza Zulke Taffarel; Maria Elizabeth Medicis Pinto Varjal; Lino Castellani Filho; Micheli Ortega Escobari e Valter Bracht.

Diversos são os motivos pelos quais podemos endereçar a falha na intenção de hegemonização da abordagem de cunho marxista. O fim da União Das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) em 26 de dezembro de 1991 - que após a segunda guerra mundial foi em grande parte responsável por frear os Estados Unidos da América (EUA) no avanço do imperialismo contemporâneo - marca um período de aprofundamento das tendências estadunidenses por todo o mundo, com os avanços do neoliberalismo em diversos países da América Latina, como é o caso do governo de Augusto Pinochet em 1990 no Chile e o governo de Fernando Collor de Melo no Brasil do mesmo ano, que já no início de seu mandato criou o Programa Nacional de Desestatização (PND) que permitia transferir empresas e serviços públicos ao setor privado. Esse cenário geopolítico não só suplantou formas de reprodução da vida que eram contrárias aos postulados de cunho crítico-marxista para os vários setores da sociedade brasileira, como também era campo fértil para a proliferação de cosmovisões alinhadas com as perspectivas dessa estrutura, como é o caso do esvaziamento do papel da pesquisa e da ciência na transformação social, uma vez que o produtivismo acadêmico tomou conta do ensino superior como mais uma ferramenta para o lucro das burguesias.

Dentre as críticas endereçadas ao coletivo de autores naquele momento, a dificuldade dos professores de EF da educação básica pelo Brasil de aplicar os pressupostos teóricos dados no livro *Metodologia do Ensino da Educação Física* era uma forte questão que levava a dúvida se o livro seria realmente útil ou apenas um texto que seria descartado devido ao seu extremo academicismo.

Valter Bracht, um dos autores do livro, em entrevista concedida ao Grupo de Estudos Etnográficos em Educação Física e Esporte (ETHNÓS) no ano de 2001 para comentar sobre os 10 anos da publicação da obra do Coletivo, fala sobre algumas críticas que vinha escutando há alguns anos de professores da escola, endereçando principalmente a incapacidade do livro de se fazer entender e de apresentar soluções reais.

As críticas ou as observações críticas que eu tenho captado entre os professores são, entre outras, as seguintes: o texto é muito complexo, é de difícil entendimento para o universo e/ou arcabouço conceitual que os professores, que estão na prática dominam. A leitura do livro é uma leitura difícil, embora tivéssemos tido orientação do organizador da coleção de que fosse acessível. Acabou que a redação é sentido pelos professores das escolas como um elemento dificultador para o entendimento. Tem se ouvido também a crítica de que o texto é muito teórico, ou seja, de que não dá indicações mais claras de como proceder, por exemplo no item da avaliação. Uma outra observação que a gente ouve é a de que trabalhar com a proposta exige um tempo para preparar material e também para estudar que os professores das escolas não têm (Soares *et al.*, 2012, p. 147).

Muito bem pontuada, a necessidade de tempo-espço para estudo e planejamento é definitivamente fator limitante para que os/as professores/as atuando nas escolas, em um período de transformação de paradigmas, se atualizassem das novas proposições feitas pelos pesquisadores e conseguissem não só compreender aquela abordagem, mas também se capacitar tecnicamente para utilizar tal forma de refletir o mundo em seu contexto histórico-social. Porém, como já citado, o estudo do coletivo de autores se tornou obrigatório em alguns cursos de graduação em Educação Física (especialmente aqueles de licenciatura) e nos concursos para a área. Sendo assim, por que isso não foi o suficiente para erradicar esse problema?

As reformas educacionais da década de 1990 são fortemente responsáveis por essas reivindicações apresentadas pelos/as professores/as da educação básica, isso porque reformas como a universalização da Educação Básica proposta pela constituição de 1988 fizeram com que, devido à falta de uma expansão de infraestrutura equivalente, superlotassem salas de aula, sobrecarregando a demanda de trabalho dos/as professores/as. Mesmo essa sendo uma conquista das classes trabalhadoras, é importante perceber que, quando implementada em uma sociedade na qual predomina o discurso do Estado mínimo, problemas como esse começam a surgir. É preciso fazer essas ressalvas para que fique claro que nenhuma conquista política ocorre apenas como vitória, estando sempre em uma balança de vantagens e desvantagens, como apontado por Lara e Maroneze,

Entretanto, se por um lado esses modelos priorizavam uma educação de excelência, voltada para atender os padrões de qualidade exigidos pelo mercado, por outro lado, percebe-se que na contra mão houve uma verdadeira precarização do sistema, com o sucateamento das condições de infra-estrutura, falta de recursos materiais nas escolas, maximização dos recursos existentes e baixo investimento e valorização de recursos humanos. Desse modo, longe de garantir a suposta 'qualidade' do ensino público, as reformas, em seu conjunto, produziram um verdadeiro descaso com o sistema educacional, por meio de seu não financiamento e da valorização do professor. (Lara e Maroneze, s.d., p. 9).

A inflação deste período também é notavelmente um fator determinante para a relação dos professores com a atualização das literaturas científicas. Segundo o Banco Central do Brasil [s.d.] o ano de 1994 finalizou com a inflação de 916%, sendo um período de extrema desvalorização da moeda brasileira, mas também de insegurança, pois a flutuação da inflação fazia com que o dinheiro que era suficiente para a vida cotidiana, posteriormente não fosse mais. Isso somado a não existência de um piso salarial e a promulgação de período obrigatório

de planejamento na carga horária dos professores apenas após a metade da década de 1990 com a lei 9394/1996 que instituiu as diretrizes e bases da educação nacional, fez com que não só a carga horária dos professores de Educação Física fosse superlotada para conseguir o máximo de renda possível, mas que também seu esgotamento mental fosse levado ao limite, distanciando cada vez mais a educação básica, que era uma ligação mais imediata com os impactos das transformações sociais daquele momento, das pesquisas produzidas nas universidades públicas.

Outra pista para rastrear a falta de sucesso da abordagem marxista em se tornar hegemônica é a não continuidade da obra em um segundo volume ou do coletivo em outras proposições. Na formação do grupo para a escrita da obra foram escolhidas pessoas que possuíam linhas teóricas semelhantes, porém, com várias divergências nas proposições de planos de ação. Ainda nos seminários de estudo para a construção do livro já apresentava-se divergências teóricas que quase fizeram o grupo abandonar o projeto, porém, como relata Valter Bracht (Soares *et al.*, 2012), um esforço foi feito naquele momento para a produção da obra por entenderem que no momento histórico-político que se encontravam era fundamental a produção de uma pedagogia crítica na Educação Física.

Após o fim da produção da obra, o coletivo se afastou e não voltou a se reunir, isso porque, como nos conta Lino Castellani,

Nós tentamos em 2002 um exercício de construção de uma nova síntese, novamente mobilizados pela editora Cortez, ela própria provocada pela lei de diretrizes e bases da educação nacional, de 1996, e pelas novas diretrizes curriculares, da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio. Foi feito o contato comigo, e eu me movimenteiei já sabendo que o coletivo não se configuraria mais da mesma maneira, com os mesmos integrantes. A Carminha havia se afastado do referencial teórico marxista, o Valter tinha se aproximado mais da perspectiva pós-moderna, a Celi não tinha disponibilidade de tempo (estava à frente da Secretaria Geral da Andes, militando na política partidária e assumindo seu lugar na UFBA), a Micheli, recém-chegada ao Ceará, também não tinha disponibilidade necessária. (Soares *et al.*, 2012, p. 191).

Para além disso, as contraposições teóricas das diversas abordagens que se destacaram nas décadas do chamado Movimento Renovador não se davam apenas no âmbito do que fazer, mas de como pensar esse contexto-histórico que vivemos. As compreensões filosóficas eram veementemente contrárias e partiam de pontos de análise que consideravam os sujeitos de formas diferentes. As compreensões filosóficas de mundo e sujeito dessas correntes da EFB em colisão produziram terreno fértil para a perpetração de uma corrente filosófica que, naquele

momento, era predominante nas discussões da antropologia mundial e tinha como objetivo demonstrar como as compreensões de mundo apresentadas no legado das teorias críticas que foram gestadas no seio da modernidade, já não mais davam conta de uma sociedade pós-moderna que encontrava formas extremamente complexas de organização e que não podiam ser analisadas a partir das formulações modernas.

É no movimento de importação dessas compreensões que as ciências humanas brasileiras caem novamente no colonialismo epistemológico e aderem a explicações que refletem um mundo com poucas perspectivas de mudanças, principalmente devido ao fim do plano socialista soviético, e que auxiliam no desenvolvimento de classes trabalhadoras incapazes de realizarem a superação dos limitantes históricos, derrotando-se já no plano de ação. A EFB como um constructo do tempo-espaço no qual está inserida e sendo vinculada a outras áreas das ciências humanas nesse momento, recebe aos poucos os germes do que viria a ser o Movimento Subjetivista e é atravessada em um momento de fragilidades teóricas, como apresentado no texto a seguir

De qualquer forma, é cada vez mais frequente, nos artigos dos anos 1990, a presença de autores como Foucault, Habermas, Adorno, Merleau-Ponty, Geertz, Bourdieu, Nietzsche, Boaventura de Souza Santos, teóricos do gênero, teóricos que discutem o tema da saúde etc (Bracht *et. al.*, 2012, p.5).

Mesmo com a forte consolidação da abordagem crítico-superadora por toda a EFB, como uma das principais referências para o trabalho do professor de Educação Física da educação básica, formando uma geração de profissionais que compreendiam, pelo menos a primeira vista, que a construção de um projeto de sociedade a qual almejamos, necessita de uma tomada coletiva, isso não foi suficiente para armar um escudo contra as noções idealistas de mundo, contra perspectivas que buscam deslocar o foco da luta para a subjetividade dos indivíduos.

3.4 O Movimento Subjetivista na Educação Física Brasileira

Constatando isso, uma pergunta muito importante que devemos responder é: como essas teorias entraram na produção da Educação Física Brasileira? De que forma isso ocorreu uma vez que naquele momento as principais abordagens presentes não estavam alinhadas com pressupostos ao menos semelhantes dessa matriz filosófica?

Uma das possibilidades é de que naquele período de forte questionamento dos paradigmas tecnicistas e da aptidão física, buscando sua superação a partir das teorias sociais, vários dos/as pesquisadores/as da Educação Física que estavam relacionados com a área escolar, buscaram formação continuada, em específico mestrado e/ou doutorado em Programas de Pós-Graduação vinculados à Educação ou outras áreas, como História, Filosofia e Ciências Sociais, que nesse momento já possuíam forte influência de teorias subjetivistas. Outra possibilidade são aqueles/as que se pós-graduaram no exterior, mesmo na área da Educação Física, que receberam influência dessas tendências que nesse momento já eram muito mais fortes, principalmente no território europeu.

Além disso, a globalização da acessibilidade de recursos tecnológicos em conjunto com o imperialismo dos países do norte global aprofundou em muito o trânsito de ideias de um contexto para o outro. Meios digitais como os canais abertos de televisão e a internet no final da década de 1990 foram recursos importantes para todo esse processo. Isso porque a produção dessas ideias se dá no seio das sociedades pós-guerras mundiais que, fortemente afetados pela barbárie dos conflitos, começaram a questionar a validade da racionalidade que os levou até aquele ponto.

É impossível reconhecer a influência dos conflitos mundiais na produção de um pensamento questionador da ciência moderna. O rápido desenvolvimento dos recursos tecnológico-militares por meio das descobertas científicas fez com que as destruições fossem não só mais violentas como cada vez mais exponenciais. O exemplo mais contundente aqui é a criação da bomba atômica utilizada para devastar as cidades de Hiroshima e Nagasaki que foi possível graças à descoberta do processo de fissão nuclear.

Argumento a disseminação do colonialismo epistêmico porque, quando olhamos para a história do Brasil, os impactos dos conflitos mundiais apesar de presentes indiretamente, não têm ressonância aqui como nos principais países participantes do conflito. O quantitativo de soldados brasileiros mortos quando comparado às baixas desses países é em muitas vezes menor, além de que o território brasileiro não foi destruído e nem civis brasileiros foram atacados. Portanto, os impactos desse movimento na consciência da população brasileira eram tão menores que não é possível dizer que houve uma produção orgânica dessas ideias em nosso país, pelo menos não na proporção que seria necessário para fomentar algo com a envergadura e penetração do Movimento Subjetivista.

São muitos os nexos causais que se entrelaçaram para chegarmos no cenário atual e seria necessário um aprofundamento exclusivo nesse tema para dimensionar quais e de que forma eles ocorreram. De qualquer forma, com as condições históricas necessárias, o que nesse momento eram ideias importadas de teóricos estrangeiros e que não possuíam ainda uma construção contextualmente nacional, com o passar dos anos se consolidaram na área e começaram a tomar forma e engrandecer seu escopo teórico, analisando a sociedade, se transformando e capturando uma boa parte daqueles interessados em compreender a EFB.

Com o passar da década de 1990 e o alargamento horizontal dessas teorias na EFB, temos a insurgência de um debate que tem como intuito a disputa política entre os/as pesquisadores/as crítico-marxistas e pesquisadores/as subjetivistas: a discussão sobre a base filosófica do debate epistemológico presente nessa contraposição e sobre as consequências políticas de cada uma das linhas teóricas.

Diversos foram os autores que se dedicaram a escrever sobre esse tema e dar suas contribuições, é possível apontar já em Húngaro (2001) um movimento de crítica a essas teorias. Porém, contemporaneamente uma discussão em particular vem ganhando visibilidade por sua manutenção ao longo dos anos, profundidade e envergadura dos/as autores/as envolvidos. A seguir faço uma descrição desse cenário para demonstrar em qual contexto estamos adentrando.

A exposição REAÇÕES AO GIRO LINGUÍSTICO: o “giro ontológico”, ou o resgate do real independente da consciência e da linguagem (2007) de Silvio Sánchez Gamboa no XV CONBRACE no GTT 4 - Epistemologia, trouxe uma crítica ao paradigma pós-moderno que ressonou em toda a área, gerando discussões e debates na academia.

Gamboa (2007) apresenta que os chamados “giros epistemológicos”, alicerçados nos giros linguísticos, são sumariamente um desvio de uma ontologia realista, a qual compreende a necessidade da primazia do real em relação à linguagem e à compreensão de mundo. Ele apresenta um quadro histórico e teórico dos giros epistemológicos e como esses se vinculam à teoria pós-moderna, demonstrando as necessidades de realizar a retomada de uma ontologia do real e das bases teóricas para isso, confrontando-as com as compreensões apresentadas *a priori*. Ao longo de sua exposição ele apresenta os equívocos lógicos dessas correntes de pensamento que têm a linguagem no centro de sua análise e expõe os problemas relacionados a essa compreensão, como quando diz que, em resumo, os princípios mais fundamentais dos pós-modernismos caracterizam-se por “um ceticismo epistemológico e um derrotismo político profundos” (Gamboa, 2007).

Esse texto se tornou base de discussão para um artigo que considero como motor do reaquecimento da discussão e que deu base para a publicação de diversos outros artigos que, nesse momento, foram inspiradores para a investigação aqui realizada.

O texto denominado “Do giro linguístico ao giro ontológico na atividade epistemológica em Educação Física” (Almeida e Vaz, 2010), se apresenta como uma resposta à exposição de Gamboa e realiza uma defesa da ontologia da linguagem. Apresenta argumentos para demonstrar como as compreensões da ontologia do real são equivocadas e precisam ser vistas como dogmáticas e inflexíveis, além de supostamente desconsiderarem os avanços feitos no conhecimento humano que não estejam dentro do seu escopo teórico, como é possível ver nos seguintes trechos:

Em segundo lugar, e caso se aceite a precedência da ontologia à epistemologia, poderíamos abrir mão inclusive da ideia de atividade e falar mesmo em ontologia da educação física. Uma proposta desse tipo solaparia, segundo nossa descrição, os recentes avanços alcançados pelo campo em sua discussão de caráter epistemológico, na medida em que a noção de uma atividade conserva aquilo que a noção de ontologia, tal como defendida pelos autores que descrevemos, parecer dispensar, ou seja, nosso sendo, o caráter sempre provisório e processual, nos dizeres de Fensterseifer (2006), que acompanha o que está vivo, que se repõe sempre que novas discursividades se colocam no âmbito de nossa área (Almeida e Vaz, 2010, p. 10).

Isso equivale a dizer que os defensores do giro ontológico são muito intolerantes à contingência e ambivalência da linguagem, procurando algum porto seguro, algum argumento final e definitivo que solape de uma vez por todas a dissonância cognitiva de um mundo que recusa um vocabulário ontológico geral que se mostre indiferente a cada comunidade de justificação (vale dizer, a cada linguagem em particular) (Almeida e Vaz, 2010, p. 13).

Para citar Fensterseifer (2009) mais uma vez, um democrata não precisa lamentar essa situação, dado ser essa a condição da própria experiência pluralista da democracia. Se não, pensemos que tipo de relação com o outro terá alguém que dá por pressuposto já estar de posse da única verdade realmente verdadeira? (Almeida e Vaz, 2010, p. 13).

Na medida em que esse tipo de associação for aceito sem contestação, adjetivaremos de irracionalistas todos aqueles autores que assumiram, no campo da filosofia, os giros ou viradas. Isso equivale a dizer que boa parte do trabalho filosófico feito na França, na Alemanha e nos EUA, nesses 30 trinta anos, seria facilmente identificada como irracionalista e, como tal, digna de ser descartada (Almeida e Vaz, 2010, p. 15-16).

Além das críticas de caráter moral feitas pelos autores, eles apresentam argumentações que demonstram desconhecimento da teoria marxiana e da ontologia do real, afirmando por exemplo que, ao insistir em uma ontologia que preceda a epistemologia e que demonstre uma realidade por si, está-se negando as diferenças entre as diversas comunidades e produções linguísticas pelo mundo em prol de uma descrição una e verdadeiramente correta do mundo. Desconsideram que, segundo a filosofia marxiana, a linguagem é uma construção social para

descrever a realidade que se apresenta às pessoas e está de acordo com as proposições desenvolvidas em diversos contextos. A explicação da realidade mesmo, que se desemboque em um vocabulário diferente, referir-se-ia à mesma realidade, isso porque não existe apenas uma forma de descrever a realidade, mas existe apenas uma realidade. É, portanto, trabalho da ciência fazer com que o gênero humano, abarcado em suas diferenças (contextuais, culturais, temporais, etc.) consiga se alinhar à essa realidade mesmo em suas diferenças, nominando as categorias da realidade e normatizando-as para que seja possível a disseminação dos conteúdos produzidos pela humanidade.

Outro equívoco desse artigo é a utilização anacrônica das ideias de Gyorgy Lukács em sua obra “A destruição da razão” para tecer análises acerca da ontologia do ser social. Esses erros são demonstrados por Barros Júnior *et al.* (2022), no artigo “Aspectos controversos de uma interpretação do giro linguístico sobre a ontologia de Lukács como referência crítica na Educação Física” que respondem diretamente ao artigo de Almeida e Vaz (2010), ao demonstrarem que tal obra apesar de madura no debate sobre o irracionalismo, está em fase embrionária na discussão sobre a relação teoria e prática se comparada com a obra “Para uma Ontologia do Ser Social”, conforme sinaliza Barros Júnior *et al.* (2022), sendo essa, fruto de um Lukács mais maduro intelectualmente e completamente versado nas obras de Marx, Engels e Lênin.

Os autores argumentam que a interpretação das afirmações acerca da ontologia do real além de serem equivocadas, trabalham com críticas à teoria lukácsiana a partir dos postulados de outros autores

Interpretar a ontologia como uma crítica ao que se supõe ser um antirrealismo advindo de um giro linguístico coloca a crítica em uma condição simplista de contraposição dualista. É preciso considerar que a chamada reação ontológica se refere ao ser e não se resume às antinomias: irracional e racional; ou idealismo e realismo. O tecido social do real se ampara em uma teia de determinações que se configura em objetividades, nas quais carregam em si a unidade contraditória do que é: da aparência; e da essência (Barros Júnior *et al.*, 2022, p. 4).

Em sequência, apresentam os pressupostos teóricos fundamentais da ontologia apresentada por Lukács (2012); (2013), para solidificar as críticas que, em seguida, fariam às análises de Almeida e Vaz. Finalizam demonstrando como as análises e críticas realizadas pela dupla são um constructo de seu tempo e que estão inseridas na lógica do capital

Porém, como demonstrado em nosso estudo, fundamentado pelo trabalho como protoforma do ser social, as implicações levantadas pelos autores em lide são carregadas de incompreensões sobre as categorias ontológicas de Lukács.

Incompreensões essas que não são ingênuas, mas se refletem no espelho da sociabilidade tardo-burguesa e não são resultantes diretas e imediatas, mas próprias do espírito do tempo do capitalismo tardio, tida por nós como uma ideologia pós-moderna (Barros Júnior *et al.*, 2022, p. 11).

Publicada em 2023, a mais recente resposta nessa discussão “ Aventuras da dialética na Educação Física brasileira ” de Felipe Quintão de Almeida e Valter Bracht (2023), realiza uma revisão de literatura acerca dos giros linguísticos e das discussões em torno do tema, além de uma interpretação das críticas realizadas às correntes pós-modernas nos artigos revisados. Eles argumentam que as tradições marxistas são, não só dogmáticas por não revisarem suas proposições nas últimas décadas, como estão equivocadas nas postulações que estabelecem ao criticarem as correntes pós-modernas.

Segundo os autores, a utilização da proximidade do real como critério da verdade é uma forma de teoricismo que valoriza exclusivamente os conhecimentos produzidos no âmbito da academia, reforçando o elitismo acadêmico presente em nossa sociedade. Esse teoricismo, baseado em uma compreensão substancial da teoria, realizaria uma separação intransponível entre o que chamam de “teoria dos teóricos” e a “teoria dos práticos” devido à compreensão de que os “práticos” não possuiriam uma teoria “verdadeira” que os possibilitaria compreender a realidade ao seu redor, sendo necessário que os acadêmicos detentores da teoria “verdadeira”, legislassem as formas corretas de sua existência. A proposição para a resolução desse problema é dada na forma de uma hipotética união entre duas teorias, a dos “práticos” e a dos “teóricos”. Dentre os equívocos postos nesse trecho, me aterei a dois aspectos: a disfarçada luta pelo direito dos “práticos” e a compreensão de que é apenas o discurso que afasta os “práticos” do âmbito acadêmico.

Em nenhum dos momentos de sua crítica os autores propõem formas de compreender o porquê de os “práticos” e os “teóricos” ocuparem determinados espaços na sociedade, de buscar porque essas pessoas estão afastadas do meio acadêmico e da forma sistematizada da produção de conhecimento. Apenas se aceita que as coisas se mantenham desse modo, visando aliviar as tensões. Por fim, compreendem que o afastamento dos “práticos” das teorias produzidas no seio da academia se dá exclusivamente pela divergência teórica. Não se questiona por que não se identificam com a academia e não utilizam de seu conhecimento apreendido no cotidiano para produzir conhecimento sistematicamente organizado. A divergência nas teorias é apenas a ponta do *iceberg* do afastamento entre esses dois: baixo acesso histórico a academia,

dificuldade de permanência, falta de representatividade e falta de políticas públicas efetivas são fatores muito mais relevantes para essa discussão.

Também propõem que o fim almejado por essa vertente teórica, a superação da sociedade capitalista, deve ser repensado uma vez que diversos setores da esquerda mundial compreenderam que a revolução não seria o instrumento correto para a melhora das condições de vida das classes trabalhadoras, mas sim o aprofundamento da democracia burguesa, mesmo que por meio da violência. Isso mostra como o fim da experiência da URSS promoveu, mesmo nos setores da esquerda progressista, um desvínculo com o projeto revolucionário, acreditando que esse fim se deu pela falha no projeto socialista e não pela luta de classes presente nesse âmbito.

Finalizam, com uma acusação que, mesmo de forma velada, reduz a lógica filosófica do materialismo-histórico-dialético à busca de uma verdade exclusiva e irrefutável, que deve ser defendida e que ao ser posta na materialidade desembocaria na tirania. Isso pode ser visto no seguinte trecho:

Historicamente os regimes autoritários se caracterizam exatamente por se basearem em fundamentos últimos tomados como verdades (raça superior; verdade divina; superioridade natural da elite, etc.). Essas posturas são responsáveis pelo “ódio à democracia”, como bem demonstrou Rancière (2014). Na epistemologia e na democracia não podemos abrir mão de buscar a “verdade” (justificação para Richard Rorty e também Rainer Forst) entre aspas, portanto, entendida como processual e por isso mesmo nunca alcançável de forma definitiva, junto com a democracia sempre em construção. Se no debate político e na epistemologia alguém possuir a verdade (no sentido de saber como o mundo é ou, mais, deveria ser), essa pessoa decreta o fim da política(e da democracia). Por isso, colocamos sempre em debate nossas compreensões/ explicações de como o mundo é (que podem orientar nossas decisões) e de como desejamos que o mundo seja. A democracia, assim, é o espaço do pluralismo, da divergência, do conflito de visões, da transgressão da ordem, do conhecimento em processo, do diálogo, da ausência de certezas absolutas, só compatíveis, portanto, com uma postura epistemológica que advoga uma noção também processual de verdade. Como sugere Magro (1998), talvez devêssemos deixar de falar dos afazeres de cientistas como sendo fornecer os elementos para a apreensão da verdade final e descrever suas atividades como sendo a criação de espaços para conversação e reflexão (Almeida; Bracht, 2023, p. 6-7).

Essas afirmações apenas servem para corroborar com a ideia disseminada, principalmente pelos EUA durante a Guerra Fria, de que todo o projeto soviético era acima de tudo totalitário, e que buscava centralizar seus poderes em uma só figura para tomar para si as riquezas e os bens, deixando sua população com sob a égide da miséria.

Fica claro nessa exposição como os acontecimentos do fim do século XX foram determinantes para a perpetração das teorias do Movimento Subjetivista na EFB. O projeto imperialista estadunidense foi muito bem-sucedido em conseguir implementar ideias em nossa nação que fossem objetivamente auxiliares no seu projeto de colonização contemporânea. Em um período pós-guerras onde a desconfiança mundial sob a dominação de uma nação em relação a outra era altíssima e no qual a pressão popular pelo fim das batalhas cada vez mais aumentava, era necessário implementar uma forma de invadir e dominar essas sociedades para além das batalhas armadas.

O projeto neoliberal precisa da forte individualização da nação, não apenas para corroborar como a premissa da empresa de si próprio, mas para impedir com que o distanciamento das pessoas causado pelo aumento nas jornadas de trabalho, desvalorização da moeda e retirada de direitos conquistados, não fosse debatido em comunidade e o que senso de nação não nos fizesse organizar contra essas questões.

O projeto de individualização acontece em várias frentes, na academia não é diferente. O crescimento do vírus do Movimento Subjetivista na EFB é parte de uma lógica que estrutura o pensamento contemporâneo, que visa a extinção do pertencimento de grupo, a individualização global para impossibilitar a organização política e revolta organizada contra o que nos oprime. Portanto, esse movimento, mesmo que trajado como emancipador, é profundamente destruturante para nossos direitos e nossa luta pela superação do sistema capitalista.

4 O ESTUDO DA ONTOLOGIA AO LONGO DA HISTÓRIA DA FILOSOFIA OCIDENTAL

Compreender a história da humanidade se trata de compreender os processos de transformação inorgânicos, orgânicos e sociais que levaram as sociedades a se organizarem da determinada forma em que estão. As formas atuais de organização de cada sociedade passam por uma série de processos que configuram sua forma de agir-pensar no mundo a partir das necessidades de sua vivência cotidiana. Para aqueles que almejam destrinchar tais processos se apresenta a seguinte questão, aparentemente simples: por que as coisas acontecem assim e não de outra forma?

Ao longo da história da humanidade, compreender os modos de funcionamento do mundo foi uma missão realizada por vários dos seres humanos que a constituíram e tinha como princípio fundamental dar uma explicação última da causa dos processos vivenciados. Por que chove? Por que ficamos doentes? Por que ontem tivemos comida e hoje não? Todas essas questões pertinentes às necessidades reprodutivas da espécie, ao serem respondidas visavam satisfazer tais necessidades a partir de uma relação com o mundo que, na compreensão dos elementos fundantes da organização da realidade, levaria ao reconhecimento das relações de causa e consequência produzidas dentro dos processos e possibilitaria a humanidade satisfazer suas necessidades biológicas e sociais de forma mais eficiente, tanto na realização do que foi proposto, quanto para evitar possíveis consequências indesejadas a partir da realização dos atos para a conclusão da tarefa.

Como todos os outros, esse ramo de pesquisa apresenta conflitos e tem sido munido, ao longo da história, de diferentes teorias que visam explicar o mesmo mundo a partir de diferentes compreensões, elaborando conceitos de acordo com as necessidades e possibilidades do seu tempo-histórico. É algo que nos caberá aprofundar neste capítulo, porém, é importante delinear que a produção de uma teoria ontológica está profundamente ligada às capacidades de se relacionar com o mundo produzidas até aquele período, sendo muitas vezes ao longo da história, impossível avançar mais em determinadas explanações por não haver possibilidades materiais de investigar o mundo. Dessa forma, determinados conhecimentos (relações de causa e consequência) ficaram obscuros a esses pensadores, muitas vezes os impedindo de perceber determinados erros.

Apesar de ser um fator determinante para a produção de uma ontologia coerente, o desenvolvimento das forças produtivas não é o único fator importante nesse processo de elaboração de uma ou outra forma de pensar o mundo. Explicar o mundo parte das necessidades apresentadas por determinado grupo de seres humanos - sejam esses quais forem - e essas estão ligadas tanto às necessidades de reprodução da vida biológica quanto às necessidades do que Lukács chama de ‘ser social’ (Lukács, 2012), tendo a explicação do mundo, a característica de se basear diretamente na realidade material em seu processo de construção (mesmo aquelas que são recheadas de explicações metafísicas).

As explicações de mundo muitas vezes traçaram o caminho de organização de sua compreensão a partir das necessidades imediatas de determinada classe social naquele momento levando, assim, à uma ontologia que nada mais era do que a generalização das formas de agir daquela classe a partir de suas necessidades reprodutivas como classe. Esse processo

levou a embates não só ontológicos no plano filosófico, mas também políticos e religiosos ao longo da história.

Mesmo com a mutação das ontologias ao longo da história, a possibilidade de investigar a totalidade do mundo e refletir sobre os seus modos de funcionamento ficou quase que exclusivamente legada às classes dominantes em cada época, devido ao processo de dominação de classe. Esse processo durante grande período da história fez com que as classes dominadas se ocupassem exclusivamente do trabalho com os meios de produção responsáveis pela reprodução da vida biológica, sem a possibilidade de acessar aquilo que existia de mais refinado na produção humana.

Cabe ressaltar como as formas de estranhamento produzidas nas relações de exploração do ser humano pelo ser humano obstam a vida plena do gênero humano (a ominilateralidade) especialmente às classes dominadas, embora também as dominantes, ainda que vivenciem múltiplas “lateralidades” em sua existência, conheçam limites, por exemplo, à liberdade, pois seu patrimônio não está totalmente assegurado.

Essa presença quase que completa nos setores que tinham como objetivo refletir o mundo permitiu que as classes dominantes produzissem explicações suportadas institucionalmente, de acordo com aquilo que era imediato em sua relação com o mundo e que necessariamente visava permitir a sua perpetuação como classe, como apontam Engels, Marx (2007, p. 29) “ Os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes, ou seja, a classe que tem o poder material dominante numa dada sociedade é também a potência dominante espiritual.” Tais características históricas desembocaram na compreensão de um ser humano que possui essencialmente características relacionadas às formas de organização das sociedades de cada tempo.

Tais complexos de interações, na medida em que foram sucedendo, não apenas construíram algo novo em relação aos elementos do processo de contradição que lhe deram origem, desembocando em algo que simultaneamente é aquilo que o fundou e também em algo novo, possuindo elementos de continuidade e elementos passageiros. Somos apresentados a novas configurações da sociedade de classes que, mesmo tendo uma estrutura diferente em diversos aspectos, carrega características essenciais de suas determinações de origem. As classes dominantes, que outrora tinham na sua imediatez determinadas necessidades para a sua manutenção como classe, se organizam como classes burguesas, ao possuir controle do setor econômico – aquele que produz a vida cotidiana – controlando os

meios de produção e utilizando essa dominância para organizar os aparatos sociais em prol de sua manutenção e perpetuação como classes dominantes. Ciência, direito, política, segurança, educação, lazer, filosofia, religião, música, etc. são organizados institucionalmente e produzidos a fim de não permitir que os indivíduos das classes trabalhadoras sejam capazes de conhecer e compreender o mundo ao seu entorno e ter uma melhor relação com a totalidade e mais possibilidades de satisfazer suas necessidades, individuais e coletivas. Ao contrário, é limitada sua compreensão de mundo na medida em que são preparados para exercer funções dentro do setor econômico da forma mais precarizada possível, garantindo apenas o mínimo suficiente para a sua reprodução como indivíduo, ainda que satisfazendo suas necessidades biológicas com poucas ou nenhuma possibilidade de satisfação de suas necessidades como ser social, que precisa de arte, cultura, filosofia, afeto, etc.

Como característica presente nas teorias ontológicas ao longo da história, sendo elemento fundamental para a perpetuação de sua classe, deu origem a embates não só filosóficos, mas também políticos e bélicos. Paradoxalmente, mudança nos paradigmas sociais por meio de novas necessidades que foram se apresentando, principalmente relacionadas à capacidade produtiva das sociedades, permitiram maior abertura para que as classes trabalhadoras acessasse aquilo que foi produzido ao longo da história da humanidade, mesmo que com imensas dificuldades. Esse acesso permitiu a produção de uma teoria ontológica contra-hegemônica e revolucionária, que não considerava o ser humano apenas em sua imediatez histórica e em condições de existência específica, mas que olhava para a história e percebia no seu desenrolar, suas formas de funcionamento.

Segundo Lukács (2013), Karl Marx (1818-1883) percebeu, ao analisar a história a partir do método materialista-histórico-dialético que essa, ao longo das suas eras, teve como motor os embates entre classes dominantes e dominadas, culminando em processos de contradição que dialeticamente transformavam a sociedade. É mérito de Marx ainda em sua juventude a compreensão da luta de classes como motor histórico da humanidade, porém foi Frederich Engels (1820-1895) que compreendeu a categoria do trabalho como fundante da vida humana, biológica e social, diz Lukács (2013, p. 36) ‘‘É mérito de Engels ter colocado o trabalho no centro da humanização do homem. Ele investiga as condições biológicas do novo papel que o trabalho adquire com o salto do animal ao homem’’.

A importância da descoberta da categoria trabalho no processo de análise da história

é fundamental pois é o que permite compreender não só a lógica dos processos históricos em si, mas os seus porquês, retornando à fundamentação primeira do ser humano para compreender os desdobramentos nos seus níveis mais complexos, como demonstrado

O destaque da categoria trabalho se dá pela mediação entre o agir humano na natureza para a criação do novo. Essa mediação é crucial para a satisfação das necessidades de manutenção e reprodução da vida, bem como de outras necessidades sociais que vão surgindo de acordo com o processo de criação de novos produtos pelo trabalho (Barros Júnior *et al.*, 2022, p.5).

A compreensão dessa categoria nos possibilitou ao olhar para a história, compreender que o domínio dos meios de produção é a forma com a qual as classes dominantes se mantiveram no poder e, mesmo com as classes dominadas vez ou outra concluindo acerca da necessidade de construir uma nova forma de organização social com intenção de subverter essa relação, não foi possível alcançá-la por não compreenderem coerentemente os processos reais que as mantinham em seu cativeiro histórico.

É necessário dizer que todo processo de mudança infligida no mundo, seja natural ou social, apresentará uma reação, podendo esta ser antagônica ou não. Dessa forma, a construção de uma teoria que permite explicar solidamente, por meio de uma análise materialista, histórica e dialética os processos históricos que nos trouxeram até aqui e construir formas coerentes de cumprir com o objetivo revolucionário de derrubada das classes dominantes, ao mesmo tempo fornece as bases para o desenvolvimento de ontologias antirrevolucionárias que, em suas características específicas são diversas, porém, têm como elemento comum a manutenção do *status quo*, opondo-se às perspectivas de transformação social pela via da revolução

Portanto, para produzir uma análise da relação ontológica presente na virada epistemológica é necessário que retornemos ao processo histórico de transformação das compreensões ontológicas na filosofia ocidental, buscando compreender de que forma as interações dos nexos causais presentes nesse conjunto de complexos se movimentou até à contemporaneidade.

4.1 A ontologia ao longo da história

Como é dito por Lukács, a história da ontologia pré-marxista é confusa e até o momento da escrita da primeira parte da Ontologia do Ser Social, não havia uma história sistemática de

suas transformações, principalmente devido ao caráter obscuro dessas formas de explicação do mundo (Lukács, 2012). Esse quadro não se dá por uma carência da história da filosofia, mas, como iremos ver, devido a uma compreensão teórico-metodológica contrária ou às avessas do materialismo por parte dos filósofos que investiam em (re)construir as ontologias em seu tempo.

Dessa forma, é nas obras de Marx e Engels que, ao olhar para a história das transformações das sociedades humanas, podemos compreender que as transições entre as explicações ontológicas não estão dadas ao acaso, mas sim intimamente ligadas às necessidades cotidianas impostas aos indivíduos daquele tempo em sua realidade objetiva.

Na obra ‘‘Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado (2019), Friedrich Engels se ocupa – utilizando dos escritos de Lewis Henry Morgan em sua obra *Ancient Society* - para demonstrar como o desenrolar da história, desde as sociedades pré-históricas, se organiza de determinada forma a estruturar as sociedades daquele momento e suas necessidades cotidianas, especificamente a manutenção do conceito de família, Estado e sociedade privada. Não nos interessa nesse momento à conclusão de tal obra por não ser este nosso objeto de estudo, mas sim seu percurso, pois é nele que podemos olhar para as necessidades objetivas de cada tempo e extrair as bases de cada ontologia para compreendermos seu desenvolvimento. É importante estabelecer que os processos históricos não se desenrolam da mesma forma em todas as sociedades, relata Engels,

Ora, o continente oriental, o chamado Velho Mundo, possuía quase todos os animais úteis à domesticação e todas as espécies de cereais passíveis de cultivo, com exceção de uma; o continente ocidental, a América, possuía um único mamífero domesticável, a lhama, e esta apenas em uma região do Sul, e, de todos os cereais cultiváveis, apenas um, que, no entanto, era o melhor de todos: o milho. Essas condições naturais distintas tiveram como efeito que, dali por diante, a população de cada hemisfério andasse em seu próprio ritmo e os marcos nas fronteiras de cada um dos estágios passassem a ser diferentes para cada caso (Engels, 2019, p.40).

À medida que retornamos na história e nos atentamos ao nível da globalização das relações humanas, percebemos que os modos de ser em determinadas sociedades – a depender de qual - influenciam de forma mínima sociedades que estão relativamente afastadas e de nenhuma forma alteram as relações em sociedades presentes em outros continentes. Nesse momento, devido as bases teóricas e aos limites do objetivo do estudo, nos atentaremos aos processos de transformação de sociedades que habitavam onde hoje nomeamos como Europa e Oriente Médio.

A pré-história não é um momento homogêneo e que possa ser lido a partir de uma única régua. É possível subdividir essa em três períodos: estado selvagem, barbárie e civilização¹⁰ (Engels, 2019). Os primeiros agrupamentos humanos de que se tem registro tinham no nomadismo o elemento de centralidade em sua organização social, isso porque, naquele momento, a principal atividade para a subsistência era a coleta, recolhendo alimentos que não precisavam ser cozidos. Aponta Engels ao tratar da passagem do estágio intermediário para o estágio superior do estado selvagem,

Estágio intermediário. Começa com o aproveitamento de peixes (nos quais incluímos também caranguejos, conchas e outros animais aquáticos) como alimento e com o uso do fogo. As duas coisas andam juntas, dado que o alimento à base de peixe só é plenamente aproveitável mediante o uso do fogo. Porém, com essa nova alimentação, os seres humanos se tornaram independentes do clima e da localidade; acompanhando os rios e as costas marítimas, puderam se espalhar pela maior parte da terra mesmo em estado selvagem (Engels, 2019, p.38).

O principal sistema de crenças desse período se baseava em explicações mítico-religiosas, especificamente no modo de religião animista, que compreendia que os elementos da natureza eram dotados de espíritos ou divindades que ordenavam seu comportamento conforme as próprias vontades. É importante salientar que tais crenças, apesar de explicarem o mundo a partir de uma base não material, portanto falsa, capturavam elementos importantes da materialidade objetiva para a manutenção e perpetuação daqueles povos. Temos como exemplo a trepanação, como demonstrado por Castro e Fernandes (2010) ao apresentarem crânios datados do período pré-histórico que apresentavam buracos no crânio realizados com cortes uniformes, algumas vezes com sinais de cicatrização (o que demonstra que foi realizado antes da morte) e outras vezes sem sinais de cicatrização (o que demonstra que foi realizado em um cadáver). Segundo os autores, o encontro de vários crânios trepanados levou o médico e antropólogo francês Pierre Paul Broca (1824-1880) a buscar as justificativas para tais práticas

Segundo ele, a trepanação era realizada principalmente em jovens, para o tratamento de convulsões simples associadas a possessões demoníacas. Dessa forma, Broca atribuiu uma função religiosa, propondo que a trepanação teria a capacidade de liberar demônios que estariam atormentando o doente (Castro e Fernandes, 2010, p.3).

¹⁰ Utilizo essa divisão por compreendê-la como fidedigna ao movimento do processo real, porém em discordância com a nomenclatura usada, questionando a dualidade “civilizado/não-civilizado”

É retratado no artigo como essa prática levava a óbito principalmente por questões infecciosas, devido à falta de esterilização do ambiente, dado o não conhecimento de suas necessidades. Porém, com o estudo dessa prática e aperfeiçoamento tanto do conhecimento de mundo e das técnicas humanas, este procedimento cumpria sua função desejada e com um número significativamente menor de óbitos quando comparado ao período pré-histórico.

Outro exemplo são as crenças religiosas de tribos do Cazaquistão, conhecidas por meio da interpretação de suas figuras rupestres, que apresentavam uma adoração ao Sol, que era visto como uma divindade e como aquele com o qual, sem sua presença, não seria possível a sobrevivência (Coimbra, 2016). Além de sua adoração, foram encontrados desenhos que demonstravam a dominância do deus sol em relação à um touro,

[...] um soliforme, dotado de corpo humano, equilibra-se no dorso de um pujante touro (Fig.3), significando talvez a vitória do deus solar sobre as forças brutas da natureza terrestre, representadas pelo animal. Independentemente da veracidade ou não desta interpretação, o que fica bem patente é a predominância dada ao sol nesta imagem relativamente a outra figura importante na religiosidade pré-histórica como é o touro. De facto, o sol parece ser uma das divindades mais poderosas da pré-história, o que pode ser observado pela grande quantidade de representações, não apenas na arte rupestre mas em todo o conjunto de iconografia pré-histórica (Coimbra, 2016, p.3-4).

Para compreender as relações de formação de tais crenças, é preciso conhecer os detalhes de sua organização social. O nomadismo pré-histórico traz consigo limitações de desenvolvimento que são visíveis no processo de desenvolvimento de suas capacidades de lidar com a natureza como, por exemplo, o nível de especialização das ferramentas em posse dos humanos.

O ponto central da coleta nomadista na produção é que, com a constante mudança de território, surgiam necessidades objetivas para esses seres humanos, como a de estar com o mínimo possível de itens para serem transportados a fim de conseguir conservar energia na hora do deslocamento, caso fosse necessário se proteger de algum predador. Essa necessidade leva ao constante descarte de ferramentas, produzindo-as de forma simples, tanto pela possibilidade de descartá-las ao fim de seu uso, quanto pela incapacidade técnica daqueles humanos de desenvolver ferramentas mais sofisticadas.

Esse contexto dificultava a acumulação histórico-social desses objetos e consequentemente o seu aperfeiçoamento em produzir ferramentas que dotassem de maior capacidade de realização de tais necessidades, permitindo que os processos fossem mais efetivos, mais rápidos e economizassem tempo útil das pessoas. Além disso, o constante

deslocamento inviabilizava o aumento populacional desses grupos, uma vez que os recursos naturais eram limitados a grande concentração populacional ao realizar um movimento migratório teria de encontrar ambientes cada vez mais específicos que suportassem sua demanda.

Essa limitação de pessoal inviabilizava uma divisão social do trabalho aprofundada que, em seus exemplos históricos, desemboca em uma maior capacidade de desenvolvimento com maior efetividade dos meios de relação com a natureza e transformação da sociedade. Por fim, a falta de tempo para análise do próprio território em que se localizavam e compreensão aprofundada da natureza ao seu redor limitava as ações de tais povos.

Mesmo com tais limitações, a acumulação histórica de conhecimento ao longo das gerações permitiu ampliar a dominação da capacidade de transformar a natureza pela construção de ferramentas e compreensão dos modos de funcionamento da realidade objetiva, a dominação da agricultura e da pecuária. A capacidade de utilizar os recursos naturais para produzir em favor da humanidade representou uma revolução na vida dessas sociedades, levando-as a se organizarem em um modelo de sociedade sedentária.

Deparamo-nos aqui, em primeiro lugar, com o arado de ferro puxado por animais, o qual possibilita a agricultura em grandes áreas, o cultivo do campo e, desse modo, uma multiplicação dos meios de subsistência praticamente ilimitada para as condições daquele tempo; e assim também com a derrubada do mato e sua transformação em roça e pastagem – que, por sua vez, seria impossível em grande escala sem o machado e a pá de ferro (Engels, 2019, p.42).

Essa nova organização social revisa todas as limitações anteriormente citadas, avançando na capacidade de se relacionar com esse mundo e aprimorando suas ferramentas de trabalho. O desenvolvimento da capacidade produtiva permitiu que as sociedades crescessem e apresentassem uma capacidade de transformação de suas forças produtivas nunca vista, como explicita Engels

Porém isso levou à rápida multiplicação da população e à densidade populacional numa área pequena. Antes do cultivo dos campos, só na ocorrência de condições muito excepcionais teria sido possível reunir meio milhão de pessoas sob uma única direção central; provavelmente isso nunca acontecera (Engels, 2019, p. 42-43).

Com a mudança de paradigma social trazida pela estabilização do uso da agricultura na produção da subsistência, temos pela primeira vez na história da humanidade uma relação de produção excedente. Até o momento, as necessidades da coleta possibilitavam a produção apenas do suficiente (ou menos que isso) para a subsistência do grupo, sendo muitas vezes

necessário o racionamento e, com isso a dificuldades de saciar as necessidades biológicas. Com o uso da natureza em virtude de cumprir com a satisfação dessas necessidades, se torna possível a produção de mais do que precisaria consumir, porém apesar de ser um avanço na perpetuação da espécie humana, potencializou o que veio a seguir.

Organizações sociais que possuíam como primeira fonte alimentar a caça desenvolviam maior experiência em batalha e maiores recursos para a luta. Muitas dessas sociedades se mantiveram alinhadas com essa forma de sobrevivência, porém, algumas, visando aumentar seus recursos, ao encontrarem outras tribos, principalmente aquelas que tinham como principal meio de subsistência a agricultura, atacavam esses povos, matavam sua população e recolhiam esses recursos. A perpetuação dessas sociedades se deu por captarem mais recursos e potencializarem sua sobrevivência, impedirem que essas sociedades atacadas se reerguessem ao retirarem seus alimentos e dizimarem parte de sua população. Algumas dessas sociedades, por outro lado, perceberam que existiam formas mais efetivas de cumprir com o objetivo de aumento de recursos do que o roubo e extermínio de tais populações. Como nos conta Lukács ao se referir as falas de Engels

[...] desde o início como uma degradação, como uma queda da singela grandeza moral da velha sociedade gentílica. São os interesses mais baixos – a vil cobiça, a brutal avidez de prazeres, a sórdida avareza, o roubo egoísta da propriedade comum que inauguram a nova sociedade civilizada, a sociedade de classes. São os meios mais ignominiosos – roubo, violência, perfídia, traição – que minaram e levaram à derrocada a velha sociedade sem classes das gens (Lukács, 2012, p.245 *apud* Engels, 2019, p.147).

O surgimento do modelo escravista se dá nesse momento e inaugura o que conhecemos por sociedades de classe, sendo essa uma forma específica de organização que irá se perpetuar por várias sociedades, como é o caso das sociedades gregas, que o tem como base de sua organização social do trabalho.

As sociedades gregas introduzem nas sociedades ocidentais, a partir de seus diversos projetos filosóficos, uma ontologia idealista que viria a ser base fundamental de explicações ontológicas, mesmo após a queda grega, realizando um movimento que se dá desde os pré-socráticos até Aristóteles. Não por acaso é a importância de tal civilização neste tema. Estas sociedades são berço da explicação ontológica, isso fortemente devido a organização religiosa em seu contexto histórico, que não se valia de uma instituição de caráter dogmático-religioso rígido e sem necessidade obrigatória de pertencer a determinada religião. Esse contexto

permitiu que a produção de explicações de mundo de diversas formas surgisse mesmo com as crenças religiosas presentes na sociedade.

As primeiras organizações teóricas se dão em formas ainda semimíticas e apresentam uma rápida assimilação das categorias centrais necessárias para a organização de suas explicações de mundo. É possível notar no processo de transformação de tais teorias que seu desenvolvimento se dá de forma oportunamente retilínea, o que permitiu que seu avanço para o ponto citado se dê, de certa forma, rapidamente.

Justamente a ausência de preocupação dogmático-religiosa colocou-se como mola impulsora desse voo alçado por tais intelectuais. Nesse momento, suas maiores batalhas se dão contra os poetas, como explica Lukács:

Como únicos adversários da ontologia fundada num plano puramente filosófico apresentavam-se os mitos, em contínua mutação e continuamente reinterpretados. E, uma vez que a poesia teve participação preponderante nessa mudança, verifica-se um fenômeno que jamais se repete, a saber, que, nessas filosofias, os poetas são sempre combatidos como principais inimigos de uma imagem racional do mundo (Lukács, 2012, p.24).

É no processo chamado de crise da pólis (Lukács, 2012) que a filosofia grega pela primeira vez objetivou uma explicação de mundo a partir da necessidade de explicar o que fazer para que a pólis, que sofria com conflitos externos e internos, conseguisse se reorganizar de forma a eliminar aquilo que estava gerando conflito e sendo a pedra no caminho de sua glória.

Esse período se estende por volta do século VI A.C. até a conquista do território grego pela Macedônia no século III A.C., porém suas causas primeiras datam de alguns séculos antes, especificamente do fim do século VIII A.C. e meio do século VII A.C. Nesse momento, os estados gregos em sua maioria possuíam uma organização social de passagem hereditária das terras, que naquele momento eram os principais meios de produção da vida, pertencendo à classe aristocrática. Além disso, a participação política era exclusiva para aqueles dessa classe (Croix, 1981) sem possibilidade de transição entre classes, uma vez que o critério de pertencimento era o vínculo sanguíneo com tal.

A virada histórica chega por volta da metade do século VII A.C. e o fim do século VI A.C. que, com o desdobramento histórico do chamado a *posteriori* de período tirânico, transforma a organização social da maior parte dos estados gregos e define as bases para os conflitos políticos que irão se revelar na crise da *pólis* alguns séculos a frente.

Não possuímos informações confiáveis acerca da origem desses tiranos, algumas fontes dizem que eram aristocratas renegados, outras que eram mercadores bem-sucedidos que, por meio do dinheiro, conseguiram tomar o poder ou até que eram filhos ou netos daqueles que possuíram empreendimentos comerciais e que conquistaram determinada posição social por se tornarem donos de terra. O fato é que, independente de sua origem, ao fim do período tirânico, a prevalência da dominância aristocrática já não existia, sendo agora, a posse de terras a principal forma de influência social e referência para a participação nos momentos políticos, como é descrito por Croix no seguinte trecho:

Quando o governo dos tiranos gregos chegou ao fim — o que geralmente acontecia após um período bem curto, de uma ou duas gerações —, o domínio da aristocracia hereditária já tinha desaparecido na maior parte das regiões, sendo substituído por uma sociedade muito mais "aberta". O poder político não se baseava mais na linhagem ou no "sangue azul", mas passou a depender principalmente da posse de propriedades (que se tornou o modelo padrão da oligarquia grega). Mais tarde, em muitas cidades como Atenas, esse poder foi estendido na teoria a todos os cidadãos, sob a forma de uma democracia. Essa foi uma mudança de importância fundamental e serve como um ótimo exemplo do processo que estou tentando ilustrar (Croix, 1981, p.292-293, tradução própria¹¹).

Nesse contexto, também ocorre nos séculos V e IV A.C. um processo extremamente necessário para demonstrar os motivos das explicações de mundo que virão a *posteriori*, que é a construção de instituições políticas que mantinham no poder mesmo aqueles pertencentes a um poder não-hereditário, com a construção de uma democracia que permitia, se fosse de interesse da maioria dos cidadãos¹², que se tomasse essa ou aquela decisão.

A questão crucial é que a maior parte dos cidadãos possuía poucas ou nenhuma terra, com isso seu foco para a defesa era exclusivamente os interesses contrários aos da classe aristocrata e dos donos de terra. Essa situação leva a conflitos de classe à medida que a exploração estava sendo cerceada pelos cidadãos e isso contrariava aos interesses da classe dominante, fazendo com que essa, além de perder parte da sua capacidade de dominação de classe, perdesse suas riquezas e privilégios.

Em nenhum período histórico se apresentou um processo no qual uma classe dominante perdeu seus poderes sem alguma reação, fosse armada, intelectual ou política e nesse momento

¹¹ No original: When the rule of the Greek tyrants ended, as it usually did after quite a short period, of a generation or two, hereditary aristocratic dominance had disappeared, except in a few places, and had been succeeded by a much more 'open' society: political power no longer rested on descent, on blue blood, but was mainly dependent upon the possession of property (this now became the standard form of Greek oligarchy), and in many cities, such as Athens, it was later extended in theory to all citizens, in a democracy. This was a change of fundamental importance and it provides a good example of the process I am trying to illustrate.

¹² Cidadãos nesse momento histórico eram apenas homens, adultos, não-estrangeiros

não foi diferente. As batalhas travadas no seio da sociedade Ateniense fizeram com que filósofos como Platão e Aristóteles, filhos de famílias aristocratas e com interesse em defender sua classe, se aplicassem ao empreendimento de buscar reflexões acerca da natureza humana (mesmo recorrendo a uma natureza extra-humana em sua explicação) para que, em sequência, na proposição de atitudes morais, essas fossem respaldadas e consideradas certas pelo seu caráter derivativo de uma ontologia teleológica que representava as vontades de algo transcendental. Fica claro esse processo ao nos depararmos com o seguinte trecho

Esse generoso objetivismo, esse monismo cósmico, manteve-se predominante na cultura grega até Sócrates. Foi a crise da pólis – e, com ela, a centralidade emprestada aos problemas morais – que colocou, pela primeira vez, de modo inequívoco, o humano, o problema da práxis correta, no centro da filosofia. Platão é o primeiro filósofo que, para responder à pergunta “que fazer?”, na pólis em dissolução, desenvolveu uma ontologia como base de suas tentativas de solução, cuja concepção de realidade, cuja imagem de mundo, pretendia oferecer uma garantia de que os postulados morais aparentemente imprescindíveis para a salvação da pólis pudessem ser fixados como possíveis e necessários (Lukács, 2012, p.24-25).

Aristóteles e Platão produziram compreensões ontológicas que iriam perdurar de forma hegemônica na filosofia do ocidente até Hegel. A resposta à pergunta daquele momento sobre como unir uma esfera do mundo mutável e outra não mutável veio na teoria platônica do mundo das essências, que inaugurou naquele momento a ideia de um cosmo bimundano o qual possuía um mundo imutável com essências que forneciam base para o mundo no qual existimos. O mundo sensível, que almejava se aproximar das suas essências, nada tinha de poder para alterar o mundo inteligível, apenas o contrário. Ficou exposto por Platão que o acesso a esse mundo só era possível por meio da dialética platônica, uma forma de abandonar o que ele chamava de *doxa* (opiniões) e alcançar a *episteme* (conhecimento puro).

Em Aristóteles temos algumas diferenças significativas, porém, que alcançaram o mesmo percurso. Sua ideia de que para a movimentação do cosmos era necessário um motor primário, o levou ao *logos* como sendo esse motor. A razão que conduzia a potência de algo até o seu estágio final era o motor que fazia com que as coisas se organizassem como tal. Segundo ele, o *logos* como motor primário do cosmos em ação teleológica denominava uma hierarquia natural entre as coisas. Dessa forma, algumas coisas estavam acima das outras na hierarquia devido à relação que exerciam com o *logos*.

Apesar das diferenças claras na forma de conduzir a explicação ontológica, ambas as teorias convergem para a justificação da manutenção do poder de sua classe naquele momento. Não alego intenção nesse movimento, como o desenvolvimento da ontologia dessa forma para

que fosse utilizada para tal fim, isso seria descaracterizar o percurso dos autores. É a estrutura de seu tempo que organiza a vida e as formas de pensamento, de modo que a classe dominante produzisse conhecimentos que estavam de acordo com a sua manutenção, como fica explícito nas seguintes passagens:

Sócrates — Eis-me chegado ao que nós comparávamos à onda mais alta: mas preciso dizê-lo, mesmo que isso, como uma onda viva, me cubra de ridículo e vergonha. Presta atenção no que vou dizer. Glauco — Fala. Sócrates — Enquanto os filósofos não forem reis nas cidades, ou aqueles que hoje denominamos reis e soberanos não forem verdadeira e seriamente filósofos, enquanto o poder político e a filosofia não convergirem num mesmo indivíduo, enquanto os muitos caracteres que atualmente perseguem um ou outro destes objetivos de modo exclusivo não forem impedidos de agir assim, não terão fim, meu caro Glauco, os males das cidades, nem, conforme julgo, os do gênero humano, e jamais a cidade que nós descrevemos será edificada (Platão, [20--?], p. 237).

[...] ora, jamais um homem de bom senso tratará como escravo um homem que não mereceu a escravidão; caso contrário, dizem eles, se bastasse pegar as pessoas e vendê-las, veríamos na escravidão personagens do mais alto nível, elas e seus filhos que caíssem em poder do vencedor. Pretendem, portanto, que se considerem estes homens simplesmente como estrangeiros, mas não como escravos, o que, pela intenção, se reduz ao que dissemos, que só são escravos os que foram destinados à servidão pela natureza (Aristóteles, [19--?], p. 17).

Na forma platônica fica logrado que, devido à natureza do mundo, é necessário que os filósofos assumam o controle das sociedades; já Aristóteles justifica a organização social escravista. As características dessas formas de explicar o mundo se manterão mesmo com a dominação de outros povos sobre a Grécia, sendo que durante os sete séculos que se seguiram, a filosofia ocidental não produziu uma ontologia que se diferenciasse fundamentalmente da ontologia platônica até Santo Agostinho.

Não foi necessário para a classe dominante do Império Romano, na maior parte do período de sua existência, recorrer a uma outra explicação ontológica que não as com características das produzidas na Grécia clássica devido ao constante crescimento do império ao longo dos séculos. Era suficiente pensar que a felicidade dos seres humanos – homens da classe dominante – estava dada pela vitória dos deuses de seu panteão em relação a outros deuses.

Diferente da classe dominante, a produção de uma nova ontologia se passava entre os escravos do Império Romano, vivendo em miséria e opressão ao longo de toda a sua vida. Nessa visão, a terra era um local criado para que os seres humanos sofressem, e quanto mais rápido aceitassem o destino do sofrimento nesse plano, mais leve seria sua estadia até alcançar a felicidade que os aguardava no pós vida.

É no processo de fim do Império Romano que ontologias religiosas dos escravizados romanos irão ser incorporadas pela classe dominante, isso porque sua explicação acerca de um mundo de sofrimento que levaria a felicidade no pós vida, explicava melhor aquele contexto. A noção da inevitabilidade do fim do Império começa a confrontar necessariamente a ideia politeísta dos panteões, porque apenas com a existência de um único deus seria possível produzir um único destino inevitável. Dessa forma, conclui Lukács,

A gênese do cristianismo se dá nesse ambiente da cultura antiga em dissolução, no qual, também para a filosofia, a satisfação mágico-mística da necessidade de redenção constitui o motivo primário e no qual surge uma enorme quantidade de seitas dedicadas ao atendimento imediato de tais desejos de salvação pessoal da alma. Este não é o lugar nem para investigar a razão pela qual o cristianismo pôde desenvolver-se como religião mundial, saindo vitorioso dessa competição entre seitas, nem para iluminar as mutações internas que acompanharam passo a passo tal trajetória e suas causas. Devemos indicar apenas um momento ontologicamente decisivo nesta exposição extremamente sucinta: a espera pelo retorno do Cristo ressuscitado e a concepção – intimamente vinculada a tal retorno – do fim do mundo, como evento que se imagina próximo e a ser experimentado pessoalmente (Lukács, 2012, p. 26).

Com a religião já consolidada, é com Santo Agostinho que ela recebe o devido tratamento filosófico de sua ontologia. Agostinho delimitou que o mundo foi criado por um único Deus para ser um local de disfrute, mas que devido ao pecado original cometido por uma mulher¹³, deveríamos passar nossas vidas em sofrimento, sendo que a única forma de escapar desse sofrimento seria dedicando-se em vida ao desenvolvimento espiritual-religioso-cristão para que, no fim do mundo, no chamado apocalipse, fosse levado ao céu, local da morada de Deus e da felicidade eterna.

Esse Deus possuía as características de ser onisciente, onipresente e onipotente, eliminando a possibilidade de livre arbítrio e de importância humana no movimento da história. A ideia do pecado original consolida uma noção muito importante para o período posterior que é a ideia da continuidade, a ideia de que os acontecimentos do passado influenciam nos acontecimentos do futuro.

Com o fim do Império Romano e a transição da ontologia religiosa temos uma mudança significativa na organização da classe dominante, com a igreja se consolidando e posteriormente se expandindo cada vez mais. A ontologia de Santo Agostinho define a Igreja Católica como lar da salvação da alma, onde, mesmo com profissão de fé e seguimento dos

¹³ Importante salientar que a escolha da mulher como catalisadora da punição divina não é por acaso. As mulheres historicamente eram consideradas seres de segunda classe e isso se consolida filosoficamente com a hierarquia do *logos* em Aristóteles.

ritos, estar fora da Igreja Católica era por si um impedimento de buscar a salvação em vida, como fica claro na obra “ Sobre o Batismo, Contra os Donatistas” no Livro IV, no qual Agostinho apresenta as relações com a salvação em torno do batismo

Alguém pergunta: "Então não faz diferença se dois homens, enraizados no mesmo erro e maldade, forem batizados sem mudança de vida ou de coração, um fora e o outro dentro da Igreja?" Reconheço que há uma diferença. Pois é pior aquele que é batizado fora, além de seu outro pecado — não por causa do batismo em si, porém, mas por estar fora; pois o mal da divisão está longe de ser insignificante ou trivial. Contudo, a diferença só existe se aquele que é batizado dentro da Igreja desejou estar dentro não por qualquer vantagem terrena ou temporal, mas porque preferiu a unidade da Igreja difundida por todo o mundo às divisões do cisma; caso contrário, ele também deve ser considerado entre os que estão fora. Consideremos, portanto, os dois casos da seguinte maneira: suponhamos que um deles, para fins de argumentação, tivesse as mesmas opiniões de Fócio sobre Cristo e fosse batizado em sua heresia fora da comunhão da Igreja Católica; E outro sustentava a mesma opinião, mas fora batizado na Igreja Católica, acreditando que sua visão era, na verdade, a fé católica. Considero-o ainda não herege, a menos que, quando a doutrina da fé católica lhe for esclarecida, ele opte por resistir a ela e prefira aquilo que já professava; e até que isso aconteça, é evidente que aquele que foi batizado fora da Igreja é o pior (Augustine, 1887, Book IV, ch. 16, par. 24).

A ontologia agostiniana foi fundamental para justificação da dominância da Igreja Católica nos séculos que se seguiram, sendo que sua dominância, ao fim do Império Romano, misturou-se com a formação de uma nova classe dominante que durante o período do feudalismo tinha a Igreja Católica como pilar.

Os séculos que se seguiram na Europa foram palco de uma Igreja Católica associada a nobreza dominante, que servia como pilar de justificação do poder daquela classe, alegando vontade divina para sua existência. O aprofundamento do modo de produção feudal ocorreu por todo o território, juntamente com o surgimento dos germes do que viria a ser a classe burguesa. Esse aprofundamento não se deu ao acaso, são vários os motivos que o explicam, porém, fundamentalmente o modelo de defesa militar focado no castelo fez com que as defesas não permitissem que as classes dominantes fossem alcançadas. A posição geográfica, os materiais utilizados nos muros, a utilização de armadilhas e diversas outras táticas militares impediam que invasores entrassem, os forçando a recuar.

Por volta do século X, a forma de organização do modo de produção feudal levou a um movimento que trouxe a necessidade de se repensar a ontologia agostiniana. À medida que o tempo passava, as pessoas percebiam que o fim do mundo premeditado por Agostinho não se verificava na realidade e, em um modelo onde os seres humanos da classe dominada não eram necessariamente escravizados, mas servos, a sua produção também os interessava. Quanto mais fosse produzido, maior seria a quantidade que estaria em sua porcentagem quando pagassem o

dízimo e os impostos. Pensar em como plantar, quando plantar, qual era o melhor grão para cada solo mostrou-se uma atividade que melhorava a vida terrena, indo contra os ditos de Agostinho que alegavam que preocupar-se com o mundo terreno era um pecado, que deveria ser dada exclusividade ao mundo pós vida para a salvação da alma.

A relação dos servos com o dízimo pago a igreja em alguns casos começou a ficar conturbada devido a esse aumento da produção, uma vez que o pagamento de 10% de pouca produção gerava um dízimo pequeno que justificaria a ajuda feita por cada servo para manter a igreja. Porém, com o crescente na produção, começam a questionar qual seria a necessidade de os padres receberem tanto, principalmente porque o bom cristão seria aquele que deveria viver sua vida afastado do acúmulo de riquezas devido a propriedade terrenal presente nisso.

Como a tentativa da Igreja Católica de justificar o valor do dízimo estava vinculado à vontade de Deus, isso gerou uma questão ainda mais profunda: quem disse que Deus quis dessa forma? Isso gerou um movimento de questionamento da validade da igreja católica.

Os questionamentos com o tempo aumentaram e se germinaram tentativas de intervenção da igreja. Porém, nesse momento uma questão presente na teologia agostiniana confrontava a necessidade de punição das heresias dos servos que reivindicavam os impostos. Em Agostinho fica dito que Deus é um ser onipotente, onisciente e onipresente, o qual teria, a existência dos humanos e do universo como um projeto, portanto tudo aquilo que acontece no mundo Deus conheceria pois tudo foi arquitetado por ele.

Tendo o universo essas configurações de existência, elimina-se a possibilidade do livre arbítrio nos seres humanos. Uma vez que tudo que acontece pertence ao projeto de Deus, seria impossível para o ser humano ter potência fora dos limites desses planos.

O conflito encontra-se no fato de que nesse modelo de mundo, as heresias seriam culpa de Deus e de seus planos, pois como o ser humano não possui a capacidade de agir por si próprio, para alegar a punição aos hereges, dever-se-ia também alegar uma punição a Deus, pois o herege só seria herege porque Deus o quis dessa forma. Isso significa que as punições não poderiam ser justificadas oficialmente, a busca de um grande projeto de luta contra as heresias não podia ser posto como legítimo nesse contexto.

Outro fator importante na mudança ontológica dominante naquele momento era a presença muçulmana na península ibérica. O avanço em conhecimentos produzido pelos muçulmanos era notável em vários aspectos de sua vida cotidiana, como na organização de suas

cidades, que possuíam sistema de esgoto. Essa melhora da vida começou a espalhar-se pela Europa como um questionamento sobre a validade das ideias de Agostinho. Os muçulmanos eram considerados os principais inimigos da Igreja Católica devido, não só sua crença em outra explicação de mundo, mas sua tomada de territórios considerados sagrados para a igreja.

A classe burguesa citada, que anteriormente possuía apenas germes de sua existência, já estava mais bem organizada e seu movimento no plano terreno visava o enriquecimento por meio da sua capacidade de organizar o mundo de forma que lhe fosse mais conveniente. A busca pela compreensão do mundo desemboca na criação da universidade, que com o seu preceito de liberdade de cátedra permite o acesso ao estudo por parte dessa classe. É importante citar isso porque a influência muçulmana para esse momento era demasiada, pois seu estudo do mundo era visado por essas pessoas para seus projetos.

É nesse cenário que Tomás de Aquino promove uma virada na explicação de mundo da Igreja Católica ao retomar elementos da ontologia aristotélica para reconstruir a existência do universo. Ele retira a qualidade bimundana presente em Agostinho e retoma a ideia do motor primário colocando Deus no centro do movimento do mundo.

O mundo seria formado por Deus que está no céu, a terra – mundo fenomênico - e abaixo o inferno. Esse mundo teria como, em Aristóteles, uma hierarquia a ser seguida, colocada por Deus que ela visaria articular a divindade de Deus com o pecado humano, sendo os humanos organizados na hierarquia com o papa no topo e tendo os hereges na base dela. Com a forte influência da pesquisa muçulmana, a ontologia tomista possui também traços da astronomia muçulmana daquela época com o conhecimento dos céus.

Uma outra importante característica de mudança está na crença de que existe um pouco do criador em cada criatura existente. Isso fez com que um mundo que anteriormente era todo ruim, apenas pecador, estivesse agora dotado de divindade em si. Nesse momento mudam-se as formas historicamente conhecidas de acesso a Deus pois a religião que anteriormente era a única, abre espaço para o estudo da natureza (ciência) que se tornaria uma das formas de se aproximar de Deus. Essa mudança é importante pois deu base de legitimação para as universidades burguesas e para o surgimento daquilo que viria a ser a ciência moderna, culminando no movimento iluminista.

Na questão da escolha, Tomás de Aquino alega que a bondade divina era tamanha que o fez permitir a capacidade de decidir por nossos próprios atos mesmo com a sua criação e determinação de todo o universo. A nossa potência, nosso livre arbítrio, seria apenas uma

expressão da potência divina, algo tão grande que a pequenez da mente humana não seria capaz de conceber.

Com isso ele consegue estabelecer uma visão ontológica que explica a realidade naquele momento de forma suficientemente satisfatória, o que, apesar de não impedir o contínuo desenvolvimento de questionamentos da dominância da igreja e da nobreza, permitiu a justificação oficial do movimento das cruzadas no ano de 1096.

A estruturação da classe burguesa se aprofunda com o passar dos próximos cinco séculos. Cada vez mais os mercados se organizavam em grandes redes comerciais, pessoas de toda a Europa se movimentavam para trabalhar e as ações dessas classes transformavam o mundo e potencializava a burguesia como nova classe social.

Os grandes centros comerciais se organizavam cada vez mais, promovendo grandes processos de transformação em volta desses locais, mas com poucas mudanças internamente ao feudo. O feudo, portanto, começou a estar cada vez mais cercado de um mundo comercial-capitalista, mesmo que ainda nesse momento não pudéssemos o chamar de capitalismo. As demandas comerciais eram tamanhas e possuíam uma expansão tão relevante que em determinado momento, devido a incapacidade do mercado europeu de absorver o comércio interno, foi necessária sua expansão para outros continentes a procura de novos mercados, um processo que culminaria inclusive na colonização das Américas.

Mesmo nesse contexto ainda havia a concentração do poder na nobreza feudal e na igreja, fundamentada na forma tomista de explicação de mundo para validar a sua forma de governar. Pela sua dominância, a sua centralidade era inegável, sendo sua a palavra final, mesmo com outras formas de explicação de mundo produzindo conhecimentos que explicassem melhor a realidade naquele momento.

É nesse momento que a ciência burguesa que já vinha se organizando há alguns séculos dentro da universidade a qual citamos anteriormente começa a entrar em conflito profundo com a religião. Os comerciantes já possuíam poder político e influência suficientes para não serem ignorados pela classe dominante, especialmente por começarem a reivindicar os conhecimentos produzidos pela ciência como válidos, mesmo quando iam contra a forma religiosa de explicar o mundo. É evidente que o desenvolvimento das ciências da natureza nesse momento é um elemento fundamental para o desenvolvimento da burguesia como classe (Lukács, 2012).

Começa a fermentar no âmbito da ciência burguesa uma explicação de mundo que, pela primeira vez, organizará a centralidade dos seres humanos no movimento da história. Mesmo nas ontologias que consideravam o ser humano parte da hierarquia do real, a característica a-histórica de um determinismo do real pela essência imutável sempre esteve presente. Já para uma burguesia em ascensão que compreendia que, quanto mais compreendessem o mundo e organizassem suas ações ao redor dos seus objetivos, mais sua vida melhoraria e mais prosperariam, ficou evidente que o movimento da história é causado pelas ações humanas, se movendo em continuidade ao longo de sua passagem no tempo.

Por questões ainda de dominância da Igreja Católica, não se tinha nessa explicação de mundo a negação da participação de Deus na criação. Fica exposto que Deus participou da criação do mundo, pois a organização de um mundo que funciona como deve ser, mesmo diante tantas possibilidades, levaria inevitavelmente a algo divino. Mesmo no centro da criação, Deus não seria responsável por aquilo que acontece na terra, com exceções para os casos de milagres, que ele precisaria seguir as próprias leis que criou para exercer suas ações.

Dessa forma, o que realmente importa é o que os seres humanos fazem em vida, a capacidade humana de aproveitar ao máximo todas as possibilidades existentes no mundo, não a organização de uma vida terrena para alcançar o pós vida da felicidade eterna. O pensamento se ancora na ideia de que como enriquecimento da classe se deu por suas próprias ações, eles seriam os vitoriosos da história, que estariam acima de todos os outros devido a isso.

A burguesia nesse momento já não aceitaria uma reivindicação da Igreja Católica da validade da ciência em sua produção e questionamentos dos preceitos religiosos, dessa forma o processo de separação da ciência e da religião é um movimento emancipatório que se instaura pela luta de classes e culmina no que chamamos da teoria da dupla verdade. (Lukács, 2012)

A principal expressão histórica dessa forma de pensamento se dá no Renascimento Italiano, um movimento que abriga a perspectiva de uma mudança nas formas de produzir conhecimento, endereçando os feitos da humanidade para si mesma, isso não apenas na filosofia, mas também na arte e na ciência. A atribuição da matemática para as outras áreas, juntamente a uma ruptura com a cosmovisão medieval permite que a ontologia de uma classe que está se estruturando e que se tornará dominante, se consolide e avance em uma explicação de mundo que não só permita compreender melhor o mundo daquele período, mas que, fundamentalmente, valide sua existência e dominância como classe.

São diversos os autores da filosofia burguesa importantes para o estabelecimento da ontologia da burguesia, sendo os principais Thomas Hobbes (1588-1679) e John Locke (1632-1704), pensadores britânicos que versaram sobre o chamado contrato social. Apesar das diferenças sobre como agir a partir de como o mundo é, tanto Hobbes em sua obra “Leviatã: ou matéria, forma e poder de uma república eclesiástica e civil” (2003) quanto Locke em sua obra “Segundo Tratado sobre o Governo Civil: e outros escritos” (1994), estavam alegando uma mesma natureza ontológica do ser humano.

Segundo ambos, as formas de sociedade que existiram até então não haviam prosperado pois estavam organizando a sociedade desconsiderando aquilo que seria a natureza humana. Deus, ao criar todas as coisas, coloca em suas criações as naturezas dessas coisas, portanto a natureza que podemos entender como a essência de cada coisa, determina a forma como o mundo tenderia a funcionar. Essa compreensão se deu na investigação do ser humano de seu tempo e na compreensão que suas ações visavam o lucro, a competição, o acúmulo e a disputa de forma burguesa. Assim, compreende-se que o movimento histórico se dá a partir da intenção da necessidade humana de estar em acordo com a sua natureza.

É interessante salientar como o movimento dialético das cosmovisões está profundamente presente pois, mesmo em uma explicação de mundo que centraliza o ser humano, percebemos a presença de uma característica de essência imutável, presente ainda nas ontologias gregas. Isso demonstra como as condições materiais são fatores decisivos para a construção de uma determinada ontologia, e como, de fato, não é possível que se avance na criação de ideias além do que a produção material permite.

Essa compreensão da natureza humana leva à noção de que os melhores indivíduos de uma sociedade são aqueles que mais estão de acordo com a natureza humana, aqueles que conseguirem se adequar a ela e usufruir das melhores possibilidades desse mundo. Além disso compreende-se que a existência humana em sociedade é essencialmente uma contínua disputa, assim, a sociedade deve ser organizada por meio de um contrato social que balizasse a natureza humana e colocasse os indivíduos da sociedade em pé de igualdade para exercer concorrência, para que essa disputa não desague em guerras civis. O Estado deve ser legislador dessas ações e deve fazer, por meio de leis, com que a natureza humana seja respeitada, principalmente fazendo com que a propriedade privada não seja violada.

Esse conjunto de formulações acerca da realidade não servia apenas para explicar o mundo nos moldes como ele estava, mas também para justificar a necessária destituição da

nobreza feudal por meio de uma revolução. A explicação ontológica toma nesse momento uma forma revolucionária, colocando sobre a nobreza o impeditivo de a sociedade não prosperar conforme sua natureza, isso porque os privilégios dados pela Igreja Católica a determinado grupo de pessoas impediam que a sociedade se organizasse de forma justa, pela livre concorrência, impedindo que os mais aptos ascendessem ao poder por meio de sua própria capacidade. Essa ontologia servirá como base para um movimento revolucionário da burguesia naquele momento, a qual será acompanhada dos servos e de outros grupos para combater a classe dominante, almejando uma sociedade com liberdade, igualdade e fraternidade.

É com Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1836) que viveu durante o período da revolução industrial inglesa e da revolução francesa, que temos uma mudança na perspectiva ontológica da forma com que ocorre o desenvolvimento da história e o aprofundamento da visão burguesa de mundo. Ao olhar para os movimentos de seu tempo ele compreendia que a noção de uma natureza imutável, que organizava uma essência humana fixa, não representava de forma adequada a forma com que o mundo se expressava no plano da realidade objetiva e transformava ao longo da história.

Com a aceitação de essências imutáveis, seria necessário aceitar também que a natureza dominava a humanidade quanto ao rumo que a história tomaria, impedindo que o ser humano fosse tido como portador de capacidade do comando desses processos, sendo apenas agente passivo da história. Porém, ao olhar para a revolução francesa, Hegel percebeu que não era possível que em um contexto no qual uma nação optava por manter seu rei e cinco anos depois o havia decapitado, haver uma essência imutável.

Ele percebeu na revolução francesa, e posteriormente analisou a história do mundo a partir dessa noção, que a mudança da situação histórica se dá por meio do desenvolvimento do Espírito (*Geist*), por meio do desenvolvimento das ideias. As ideias iriam se movimentar de uma a uma e moldar a história em meio às contradições presentes nesse movimento, buscando, portanto, a harmonia.

Ele argumenta sobre a revolução francesa alegando que aquele processo resultaria em uma sociedade igualitária e mais harmoniosa. Isso em si já se mostrava filosoficamente um problema, pois como apresenta Lukács, demonstraria o fim da linha para o processo histórico, em outras palavras, seria o fim da história

Mas aqui se apresenta de imediato um novo momento do “esterco das contradições” no interior da ratio contraditória dessa filosofia: a concentração no presente enquanto reino da razão efetivamente alcançado expulsa da dialética, por um lado, todos os

elementos necessariamente subjetivistas (que se recorde Fourier) e sublinha seu caráter ontológico objetivo; mas, por outro, a mesma concentração oculta em si uma profunda e insolúvel contradição: o presente pode alcançar uma fundamentação ontológica genuína tão somente enquanto ponte entre o passado e o futuro; todavia, se o presente é a realização efetiva das possibilidades internas da dialética precisamente em sua realidade e por causa de sua realização, então o processo teria de terminar; e aquilo que até esse momento aparecia como o motor ontológico da realidade deve frear o próprio movimento para a frente, orientado para o enriquecimento interior, a fim de se converter em simples momento da própria autorreprodução (Lukács, 2012, p. 128-129).

Para além disso, o resultado da Revolução Francesa não alcançou os parâmetros harmoniosos que Hegel havia previsto na sua *Fenomenologia do Espírito* (1807), pelo contrário, as disputas de classes apresentavam insurgências cada vez mais frequentes e o aprofundamento das opressões sofridas se aprofundava. Isso serviu para demonstrar como a forma hegeliana do movimento da história poderia estar equivocada.

Outro ponto importante para esse momento de Hegel é o questionamento do início da história em sua teoria. Isso porque, caso fosse válido que, segundo a noção hegeliana, o movimento de desenvolvimento da ideia se dava por meio das contradições, como seria possível a existência da ideia desvinculada da materialidade e da concretude do ser social? Esse questionamento acompanhou profundamente os jovens hegelianos e não possuía uma resposta robusta a partir de uma visão materialista, que era uma forte demanda pelo movimento de secularização histórica da filosofia.

Hegel será revolucionário no sentido de colocar o movimento histórico como um processo, demonstrando que a história não só é feita pelos seres humanos, mas que sua totalidade é produto do todo e da interação entre as partes no todo, colocando a dialética como um ponto central na ontologia de sua cosmovisão. Isso é revolucionário porque a percepção das contradições já não era novidade na filosofia, mas sua utilização como elemento central ontológico sim, como demonstra o trecho a seguir

Hegel não é de modo algum o primeiro dialético consciente entre os grandes filósofos. Mas é o primeiro – após Heráclito – para quem a contradição forma o princípio ontológico último, e não algo a ser de algum modo filosoficamente superado, como ainda era o caso na “intuição intelectual” de Schelling. A contraditoriedade como fundamento da filosofia e, em combinação com isso, o presente real como realização da razão constituem, por conseguinte, os fundamentos ontológicos do pensamento hegeliano. Essa combinação faz com que lógica e ontologia concresem em Hegel num grau de intimidade e de intensidade até então desconhecido (Lukács, 2012, p. 128).

É Ludwig Feuerbach (1804-1872) que faz a ponte para Karl Marx ao realizar a crítica à teoria Hegeliana, apresentando que a sua teoria estaria na verdade invertida de forma idealista, demonstrando que seria incorreta a noção de que as ideias moldavam a história, sendo pelo contrário, a história que moldava as ideias. A teoria de Feuerbach não estava completa, seria necessário ainda compreender a matéria e o desenvolvimento do ser social dado pelo trabalho, porém ela havia retirado a teoria hegeliana do plano idealista e a transportado para o chão material, no qual seria possível utilizá-la para encontrar uma explicação da formação do ser social.

É com Marx que temos a construção de uma ontologia de cunho materialista que, não só apresentava o movimento histórico como uma realização dos seres humanos, como centralizava o trabalho nesse processo, demonstrando como essa atividade tipicamente humana, é o elemento fundante do ser social.

A ontologia marxiana é, de fato, a primeira ontologia revolucionária da história da filosofia ocidental. Com ela podemos olhar para a história e apreender em seu desenvolvimento as determinações que nos trouxeram até o presente momento e explicar as categorias de funcionamento do real nesse momento. Marx nega Hegel de forma dialética, incorporando sua teoria à sua leitura materialista e utilizando essa noção para desenvolver, juntamente com Engels, o método do materialismo-histórico-dialético.

Porém, Marx não deu foco em aprofundar a discussão acerca da ontologia, mesmo que essa estivesse muito bem definida em suas obras. É György Lukács (1885-1971) quem, a partir das obras de Marx, constitui uma análise profundamente complexa e completa sobre a ontologia do ser social, nos possibilitando olhar para a história das ontologias do passado e, principalmente, para as que estão na contemporaneidade, para investigar como a dialética da história moldou essas teorias e o que elas trazem nesse momento histórico.

4.2 György Lukács – vida e obras

A escolha do referencial teórico para o tratamento com a questão ontológica se deu na compreensão de que o projeto investigativo de György Lukács, que culminou na produção dos dois volumes da obra “Para uma Ontologia do Ser Social”, é a construção mais completa e fiel à ontologia apresentada no pensamento de Karl Marx. Essa obra não só apresenta as categorias

da ontologia marxiana, mas realiza um breve parâmetro histórico para demonstrar como no movimento histórico da humanidade, as coisas se desenrolaram até o presente.

Apesar de sua complexidade de conteúdo, é elogiável a forma dada ao texto, sendo uma leitura orgânica, objetiva e que diferente da tradição filosófica, não visa se mascarar com construções textuais desnecessariamente complexas, mas sim se fazer entender. Isso não acontece por acaso. Lukács, além de ser profundamente inserido nas teorias marxianas e marxistas de Engels e Lênin, tem uma formação acadêmica que bebe fortemente na literatura, sendo inclusive, um importante nome para a teoria da estética marxista.

Além da obra por si, o autor teve um grande peso na decisão para a utilização de sua obra. Filho de um banqueiro da burguesia húngara, Lukács desde sua infância teve os privilégios de viver à custa da exploração das classes trabalhadoras: as melhores roupas, as melhores comidas, os melhores professores e etc. Sua formação desde criança foi feita com professores particulares e com todos os materiais necessários, solicitados pelos professores ou de interesse próprio do jovem. Desde cedo se interessou por filosofia e literatura, como a literatura russa, os mitos gregos e etc. É importante salientar esse fato pois é na tradição do estudo de obras literárias, em suas críticas e na filosofia kantiana que ele escreve e publica a obra “A história da evolução do drama moderno”, que viria a ser premiado e abre as portas para sua ida para a universidade de Heidelberg, onde estuda e recebe forte influência teórica de Max Weber, influência essa que seria importante para a sua consolidação como um marxista a *posteriori*.

É não só no movimento de sua prática teórica mas da história em si, que Lukács, ao perceber as limitações da filosofia kantiana, abandona gradualmente essa tradição e começa a estudar avidamente um pensador que vinha acompanhando há algum tempo, Georg Wilhelm Friedrich Hegel. Os acontecimentos da primeira guerra mundial o afetam profundamente e demonstram como as categorias transcendentais kantianas não se faziam suficientes para explicar por que a humanidade se punha no ato de tal barbárie. Ele destaca que é impossível explicar esse evento sem levar em conta a história, sem deixar de lado a metafísica transcendental.

A transição para a teoria hegeliana não se dá de forma acrítica, mas sim destrinchando vários de seus aspectos falhos que ele reconhecia ao olhar para realidade e perceber como a teoria falhava em explicar tais acontecimentos. Suas críticas eram fundadas nesse momento em duas grandes influências de sua juventude, Max Weber e Immanuel Kant, sendo que o segundo, mesmo superado teoricamente, ainda deixava marcas de sua teoria na visão de mundo de

Lukács, principalmente por sua ética, que se apresenta no dilema de Lukács em aderir a revolução Húngara de 1918-1919.

A primeira guerra mundial deixou marcas irremediáveis no império Austro-Húngaro e a revolução tinha como objetivo emancipar a Hungria e estabelecer um Estado proletariado de cunho socialista, fortemente influenciado pela revolução russa de 1917. Lukács nesse momento percebe que o capitalismo já não teria mais possibilidade de remendo e percebe nas leituras que vinha fazendo das obras de Karl Marx, que o proletariado como sujeito histórico se apresentava como a única possibilidade de superar a barbárie instalada pelo modelo capitalista, aceitando para si o sacrifício trágico, que para acabar com o “mal” instaurado na sociedade da época, deveria aplicar o “mal” menor da violência revolucionária para superá-lo.

É nesse momento que Lukács se filia ao Partido Comunista Húngaro (PCH) e dá início à sua década de atividades como dirigente político. A revolução Húngara é instaurada no dia 21 de março de 1918 e mesmo em seu curto período de duração de 133 dias, o filósofo húngaro teve um importante papel como Vice-Ministro da Educação Pública, sendo responsável por uma reforma educacional e uma profunda mudança na compreensão do papel da cultura para o povo.

A República Proletária dos Conselhos é derrubada devido a investida contrarrevolucionária burguesa, matando e exilando muitos dos dirigentes centrais do PCH. O filósofo vai em busca de refúgio em Viena, porém é preso ao atravessar a fronteira e sua deportação é solicitada pelo regime Húngaro, porém, um movimento de importantes intelectuais da época consegue impedir que isso aconteça.

Lukács é posto em liberdade no fim do ano de 1918 e se mantém em Viena, exilado. É no período do exílio que ele se dedica ao estudo das obras de Lênin, acerca das quais, até o momento, era ignorante. São severos os embates entre as condutas teóricas de Lênin e de Lukács, posto que nesse momento, o filósofo se encontrava (o que viria a mudar a *posteriori*) profundamente alicerçado em uma compreensão transcendentalmente ética e messiânica (Netto, 1983) que ele carregará consigo nos anos seguintes em sua participação como dirigente político de uma fração do PCH na Internacional Comunista.

Sem pretensões de aprofundamento nas lutas travadas ao longo desses anos, é importante destacar que, por diversas vezes, em suas tentativas de formulações teórico-políticas, Lukács foi rejeitado pelos membros de seu partido e também da Internacional Comunista, dando destaque para o momento em que, ao publicar críticas ao parlamentarismo dentro do movimento político comunista, acusando-o de ser entreguismo a ideia de que a

revolução não seria possível no imediato, é criticado por Lênin que o enquadra como “muito esquerdista” e seu marxismo como “puramente verbal”.

Nesse momento que acometido pela compreensão de que não se julgava vocacionado para a ação política (Netto, 1983), ele se afasta do cargo de dirigente político e se estabelece como somente um intelectual do partido. Os primeiros momentos desse período que irá se manter até o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945 são de extrema importância para o aprofundamento do filósofo nas obras de Marx e Lênin, nas quais, dos apontamentos lenineanos, retira uma compreensão materialista da metodologia de Marx e um entendimento flexível da teoria do reflexo (Netto, 1983).

Em 1945 retorna para Budapeste, elege-se ao parlamento, torna-se professor da universidade da capital nas disciplinas de Estética e de Filosofia da Cultura e Ingressa na Academia Científica da Hungria. Esse período da vida de Lukács durará 11 anos, no qual ele tinha como principal objetivo com suas contribuições teóricas, vincular a cultura às novas experiências sociopolíticas que floresciam no desdobramento da derrota do nazifascismo.

No ano de 1956 com a intervenção das tropas do Pacto de Varsóvia na Hungria que ele sofrerá uma forte pressão política e será deportado para a Romênia, país onde se manterá até 1957 quando permitem o retorno a sua terra natal. Porém, seu retorno não se dá de forma tranquila. Ele perde seu cargo de professor e precisa se afastar das atividades políticas por conta daqueles que estão no poder. Mesmo nessa situação, Lukács não se abala, mantém suas formulações teóricas, publicando dois livros na Itália, “Introdução a uma Estética Marxista” (1957) e “Contra o Realismo Mal Compreendido” (1958), que nesse último expressará seu empreendimento seguinte, a construção de uma estética marxista.

É, pois, no fim de sua vida que Lukács, tomado pela compreensão de que a tríade do marxismo (Marx, Engels e Lênin) apesar de necessária, era insuficiente para compreender os fenômenos que se apresentavam na segunda metade do século XX. Passa, então a reivindicar o renascimento do marxismo, enquanto planejava a construção de 3 obras acerca de uma estética marxista, das quais conseguiu finalizar apenas uma, a apresentando na obra *A peculiaridade do Estético* (1963).

Após sua publicação, compelido pela ideia de desenvolver uma ética marxista, percebe a necessidade, para esse empreendimento, da construção de uma Ontologia. É então que mergulha naquele que seria seu último projeto teórico, finalizado alguns dias antes de sua morte e publicado de forma póstuma, a obra “Para uma Ontologia do Ser Social”.

Durante o processo de elaboração dessa obra, além de sua formulação e profunda análise dos clássicos marxistas ele por vezes realiza autocríticas a posturas teóricas do passado e demonstra, a partir daquilo que está construindo, como várias de suas formulações na juventude estavam equivocadas e que, além de trazê-las de volta, realiza um tratamento a partir de uma ótica completamente diferente.

Sua formulação nesse momento já não mais se alicerçava em uma tradição filosófica que busca abstrair o mundo puramente no plano intelectual para a descobri-lo, mas sim compreendê-lo e produzi-lo teoricamente para transformá-lo a partir dos princípios que acreditava ao compreender a verdade histórica. Mesmo vindo de uma burguesia aliada a aristocracia Húngara, Lukács se colocou à frente da luta com as classes trabalhadoras mundiais. Além de reconhecer sua trajetória, fico feliz em seguir os seus passos, cumprindo aquilo que ele afirmou em uma de suas autoavaliações.

É por esse movimento que compreendo Lukács como além de uma filósofo genial, uma pessoa rigorosamente vinculada as suas compreensões de mundo e que não só se ocupou como a grande parte da Questão lateral e a que não posso responder é a de saber se a ponte que tentei lançar entre o passado e o futuro, para e através do presente, será realmente duradoura ... Se, nestes tempos desfavoráveis, não logrei estender mais que uma frágil ponte, um dia irão substituí-la por outra, sólida... . Eu, pessoalmente, me contentaria em conseguir facilitar a alguns homens, mesmo que a poucos, o caminho do passado ao futuro, neste confuso período de transição” (Netto, 1983, p.89).

4.3 Como se funda o ser social

Diferente das teorias ontológicas apresentadas, a ontologia lukácsiana parte de uma visão materialista para explicar o mundo. Essências imutáveis, motores primários ou espírito em desenvolvimento aqui são deixados de lado. O ser humano anteriormente ao seu estágio social, se encontrou em um estado orgânico e anteriormente em um estado inorgânico.

A evolução da espécie humana baseada na teoria darwiniana é um elemento central para compreender que, no processo dialético de transformação do mundo, a passagem do estado de ser puramente orgânico para o estado de ser social não se dá de uma hora para outra ou por vontade externa, mas sim por um acúmulo de mudanças quantitativas que produzirão por fim uma mudança qualitativa no ser humano.

A teoria ontológica que versa sobre a passagem do ser orgânico, que Lukács (2012) chama de ser social, tem três pilares: trabalho, sociabilidade e linguagem. Essa teoria se alicerça

no trabalho para explicar que a capacidade de projetar futuros para solucionar as necessidades humanas por meio do trabalho é o momento ontológico que funda o ser social.

Dentre os três pilares, o trabalho é aquele que possui o que Lukács chama de momento ontológico predominante. É necessário deixar claro que a relação entre os três pilares não é temporal, e sim ontológica, mas isso não significa ignorar que, para Lukács, a "protoforma" (atividade originária, fundante) da atividade humana é o trabalho, por ser a primeira a apresentar a dimensão teleológica, da atuação consciente, com a intenção de alocar no objeto sobre o qual se trabalha, um projeto previamente ideado, ou projetado.

Isso significa que o estabelecimento da linguagem e da sociabilidade no ser social não estão postos temporalmente em relação ao trabalho, como uma sequência, mas como simultâneos em um processo contínuo, resultando na virada qualitativa do ser puramente orgânico para o ser social, como expressa Lukács

No entanto, é preciso sempre ter claro que com essa consideração isolada do trabalho aqui presumido se está efetuando uma abstração; é claro que a socialidade, a primeira divisão do trabalho, a linguagem etc. surgem do trabalho, mas não numa sucessão temporal claramente identificável, e sim, quanto à sua essência, simultaneamente (Lukács, 2013, p. 35).

O momento ontológico predominante do trabalho se dá devido a impossibilidade de que os outros dois pilares se estruturassem sem este. O trabalho como veremos a seguir, é o mediador da relação do ser humano com a natureza, fazendo com que na capacidade de projetar futuros a partir de suas necessidades, permita-se a transformação do real e do ser humano.

Dessa forma, quando pensamos nessa fundação, seria impossível que a linguagem ou a sociabilidade produzissem o trabalho e a própria relação social do ser humano, isso porque estaria limitada as ideias, não sendo possível avançar na relação ser humano/natureza sem a modificação do mundo, uma vez que as transformações acontecem sempre da matéria para as ideias e não ao contrário.

O trabalho aqui não é o do senso comum, como uma atividade econômica organizada socialmente e juridicamente¹⁴. Ele é compreendido como a forma pelo qual o ser humano satisfaz suas necessidades objetivas e subjetivas ao estabelecer pores teleológicos e relação causais suficientemente efetivas para alcançá-los. É então no trabalho que o ser humano se

¹⁴ Porém, este mantém seu elemento essencial sendo aquilo que permite a produção das condições materiais da vida humana, na qual sem tais condições não pode aflorar-se para além do trabalho.

produz, tornando-se mais humano à medida que subjetiva o mundo ao seu redor e, ao transformá-lo, transforma a si mesmo.

A partir da sua interação com o real mediada em primeira instância pelos seus sentidos, o ser humano recolhe informações do real e as projeta em sua consciência, representando o real em sua mente¹⁵, criando o que Lukács chama de uma objetividade secundária (2013). Essa representação tem o nome de objetividade secundária pois esse real representado não é idêntico ao real, mas são as determinações do real que o ser humano consegue absorver por meio de suas capacidades sensoriais e seus acúmulos representativos, como outras teorias e ideias acerca do mundo a que tem acesso. As determinações do real são infinitas, dessa forma se faz impossível para o ser humano perceber todas, sendo a essência dos fenômenos o limite perceptível em um contato imediato com a natureza.

Essas representações do real são utilizadas para que o ser humano possa realizar o cumprimento de suas necessidades biológicas e sociais por meio da objetivação. Para cumprir a tarefa, o ser humano objetiva o futuro e coloca os pores teleológicos necessários para o cumprimento da tarefa. É na análise das representações feitas acerca do real que o ser humano consegue avaliar de que forma ele deverá manipular a natureza para conseguir alcançar seu objetivo. Aqui não se deve apenas realizar o pôr de sua própria ação, mas também dos nexos causais presentes na interação da natureza consigo mesma.

É por meio do processo de trabalho que o ser humano transforma o real ao seu redor e, não só transformando a natureza como transformando a si mesmo, constitui-se humano no próprio processo de agir sobre a natureza e sobre si mesmo. Quando a objetivação se conclui e ela se coloca no real, alterando-o, ela se torna parte do real genérico, sendo agora parte constituinte do real que será levado em consideração para as novas necessidades. Sendo assim podemos perceber que a satisfação das necessidades produz mais necessidades, que se organizam em um ciclo infinito de produção do ser humano.

A complexificação das demandas das necessidades humanas que ocorre a partir da complexificação dos meios de produção da vida material, fazem com que os seres humanos precisem se agrupar socialmente para conseguir realizar uma divisão do trabalho suficientemente satisfatória para resolver essas necessidades. Essa relação não se dá puramente por instintos, mas por uma necessidade da que deixa de ser individual e se torna, cada vez mais, coletiva. A sociabilidade e a linguagem advêm do trabalho e organizam o ser humano para além

¹⁵ Esse processo é chamado de representacionismo.

dos pores teleológicos primários nos quais a transformação é diretamente na natureza. Os chamados pores teleológicos secundários permitem que o ser humano aja sob os pores teleológicos de outros seres humanos, objetivando a transformação do comportamento de outro.

A linguagem permite que o ser humano conceitue as representações que realiza do mundo objetivo, abstraindo-o e, ao teorizar estas representações, permite o aprofundamento para além da imediatividade da expressão dos fenômenos. Esse processo permite que não só teorizemos a realidade, como também possamos socializar esses conhecimentos e modificar a realidade ao nosso entorno, dado que apenas a apreensão intelectual subjetiva dos condicionantes de um fenômeno não altera o fenômeno, mas sim é feito pelas ações políticas postas a partir da compreensão de suas características essenciais e dos pores teleológicos a serem alcançados no contexto.

É justamente essa capacidade de produzir conceituações das representações que permite que comuniquemos para outros seres humanos necessidades que nos sejam comuns. Dessa forma é a linguagem que permite que organizemos a divisão social do trabalho e possamos passar adiante os aprendizados que colhemos de nossas experiências, realizando um acúmulo histórico de conhecimentos na sociedade.

Acreditar que a linguagem é inferior ao trabalho no processo de constituição do ser social seria um equívoco tão grande como dizer que a linguagem é a base para o ser social. Fosse a linguagem o elemento fundante, demandaria uma mediação do real sem objetivo, uma mediação que aconteceria no vácuo social.

Portanto, como visto, a compreensão de que a linguagem pode ser a base ontológica para a constituição do ser social vai diretamente contra a uma ontologia materialista, produzindo uma forma de organização de mundo na qual as ideias produziram o real. O ponto crucial aqui é compreender de que forma isso se dá, buscando entender de que forma ocorre essa virada idealista na filosofia pós-moderna.

5 MOVIMENTO SUBJETIVISTA: CRÍTICA DA CRÍTICA SUBJETIVISTA A PARTIR DE JEAN FRANÇOIS LYOTARD

Foi possível constatar que aquilo que aqui se chama de Movimento Subjetivista compreende uma quantidade de vertentes teóricas que, mesmo tendo semelhanças em sua

origem, encaminham suas críticas para pontos não iguais. Identificamos quatro categorias na Educação Física Brasileira, sendo um salto importante para essa e posteriores análises nessa temática.

As categorias não são apenas representações intelectivas que servem para organizar o pensamento, mas sim expressões ontológicas da realidade material que constituem o real em si, sendo o movimento realizado aqui, o de captar, por meio das aproximações sucessivas ao fenômeno, essas categorias e explicá-las para nos permitir aproximar o máximo possível nesse momento da essência desse fenômeno, compreendendo-o e possibilitando-nos a elaboração de planos de ação efetivos.

Seria arrogância tentar analisar todas as categorias encontradas nesse momento, isso por falta de maturidade teórica e de tempo para a realização da pesquisa, fazendo com que esse texto seja compreendido como um movimento introdutório, tanto meu em relação às teorias, quanto do texto em relação ao fenômeno Subjetivista. Há que se considerar que as categorias Pós-moderno; Pós-crítico; Pós-estrutural e Pós-humano, organizam suas críticas em diferentes frentes, sendo necessário um aprofundamento rigoroso para compreender, em cada uma delas, não apenas suas proposições, mas sua relação com aquilo que criticam e com as outras categorias.

O chamado pensamento pós-moderno direciona sua crítica para a desconfiança na razão do progresso e das grandes narrativas ou explicações totalizantes do real, entendendo que a promessa da modernidade de que a razão científica iluminista nos levaria a um progresso social suficiente para que vivêssemos em um bem-estar social, sendo um dos seus principais marcos as duas guerras mundiais e a implosão estadunidense do chamado *Welfare State* (Estado de bem-estar social), tendo como principais representantes na filosofia os autores franceses Jean-François Lyotard e Jean Baudrillard.

Já as correntes pós-críticas estão alinhadas a uma crítica de cunho cultural, centralizando sua crítica nas argumentações das teorias críticas modernas (especificamente as de cunho marxista) acerca da primazia da categoria classe social para analisarmos as desigualdades presentes no contexto capitalista, desde o seu surgimento até sua expressão atual que é o neoliberalismo. Argumentam que são as identidades de raça, gênero e orientação sexual as bases para a análise dessas desigualdades, entendendo que a identificação do sujeito no mundo está ligada diretamente à sua capacidade de conquistar ou não sua emancipação social, sendo seus principais teóricos atualmente Tomaz Tadeu da Silva e Stuart Hall.

Na vertente pós-estrutural, mesmo mantendo a centralidade da noção de fragmentação dos sujeitos e da não totalidade das afirmações, a centralidade da crítica se envolve na linguagem, postulando sobre a ideia de estruturas fixas pregado pelo estruturalismo de Ferdinand de Saussure (1857-1913), organizando a ideia de verdade como uma construção linguística organizada pelas relações de poder presentes em nossa sociedade, que não é estável e que se molda conforme a organização linguística de cada sociedade, sendo assim, permitindo a noção de diversas realidades concomitantes. Seus principais teóricos são Michel Foucault, Jacques Derrida, Gilles Deleuze e Félix Guattari.

Por fim, a corrente pós-humana está ligada a noção de que os binarismos sociais são um problema para a vivência das diversas subjetividades. As divisões macho/fêmea, natural/artificial, humano/máquina, são alvos de crítica ao tentar desfazer essas noções compreendendo que estão atreladas à ideia antropocêntrica do homem branco ocidental, sendo a base para as exclusões binárias. Além disso, tece uma forte crítica à ideia de independência entre humanos, animais e máquinas dentro do contexto capitalista, organizando sua crítica em torno da defesa de que só é possível falar em interdependência e que a organização das subjetividades deve ser repensada entendendo que o ser humano atualmente está fundido (figurativamente) com a tecnologia para a sua sobrevivência, retratando a ideia do humano ciborgue. Suas principais teóricas são Donna Haraway e Rosi Braidotti.

Posto as diferenças teóricas e referenciais das categorias, se faz necessário um recorte para analisarmos aquilo que mais está em evidência no cenário da EFB em nossos achados. A categoria com maior incidência nos periódicos e Coleção de 40 anos do CBCE foi a categoria Pós-Moderno, sendo assim será este o nosso mote para nos aprofundamos na sua crítica.

5.1 O contexto histórico

A condição pós-moderna, publicada em 1979 é, provavelmente, a principal obra da década de 1970 em relação às críticas ao paradigma da modernidade e à falha das suas promessas. Na obra, o francês Jean-François Lyotard apresenta a condição pós-moderna no ocidente daquele período, suas críticas, proposições de mudança e o futuro almejado

Lyotard nasceu na França no ano de 1924. Atuou como médico durante a segunda guerra mundial na libertação de Paris, anos mais tarde, em 1954, se tornou professor de filosofia em um liceu em Constantine e, em 1966, se tornou professor de filosofia da Universidade de

Paris X. Ainda no momento de sua ida à Argélia, ele já possuía um envolvimento político profundo, se aliando a grupos marxistas, atuando como militante-político e redator de jornais.

No ano de 1966 ele rompe com o último grupo de tradição marxista do qual fez parte e, por consequência, se afasta da teoria marxista e de suas personalidades. Nesse período, ele começa a frequentar os seminários de Jacques Lacan, psicanalista, a partir dos quais é incutida em Lyotard uma dúvida em relação ao que ele considerou como uma filosofia abrangente do marxismo, criticando a noção determinista de movimento da realidade e de fim da história, presente no marxismo francês naquele período. Mesmo com esse afastamento teórico e político do marxismo francês, ele não se distanciou da luta política como um todo, estando presente nos eventos de maio de 1968¹⁶ e se mantendo ativo em escritos relacionados a temas da época.

No ano de 1979 ele lança o livro “A condição pós-moderna” a pedido do conselho de universidades do Governo Provincial de Quebec, com o intuito de apresentar um debate presente desde a década de 60 em outras áreas como a arquitetura e literatura, dessa vez na filosofia. O chamado “pós-moderno” é já nesse momento um conceito um pouco controverso por ser utilizado como um guarda-chuva para agregar diversos autores que apesar de estarem alinhados a uma certa tradição, apresentam notáveis divergências teóricas entre si. Dessa forma, essa obra foi importante para trazer uma delimitação do que seria e, dialeticamente, o que não seria, a filosofia pós-moderna. É importante destacar que teorias pós-modernas são contextualizadas em sua dinâmica espaço-sócio-temporal apresentando críticas e proposições que emergem em seu contexto a partir da realidade material.

A violência extrema da segunda guerra mundial, mediada por fins econômicos, os acontecimentos de Auschwitz e o rápido desenvolvimento tecnológico impulsionado pela Guerra Fria levaram as pessoas a questionarem as promessas de liberdade e desenvolvimento social sonhadas com a hegemonia da razão científica iluminista e do progresso tecnológico-industrial. No contexto francês, especificamente, a não efetivação das reivindicações feitas pelos estudantes em maio de 1968 levou a uma forte descrença de parte da população nas explicações de mundo de matriz marxista.

¹⁶ Os eventos de maio 1968 na França foram levantes contra a rigidez institucional e a repressão policial, unindo estudantes e de trabalhadores em greve geral. Tendo como desfecho concessões salariais e a vitória eleitoral da direita, o que esfriou o marxismo combativo e impulsionou o pós-estruturalismo na intelectualidade francesa.

5.2 A base: campo, saber e método

Dado o contexto, devemos buscar compreender as críticas assinaladas por Lyotard, sendo a principal delas, a incredulidade daquilo que se chamou de condição pós-moderna em relação as grandes narrativas postuladas pela razão moderna.

Segundo o autor, após as sociedades desenvolvidas entrarem no período pós-industrial e a cultura em um período pós-moderno, ocorreu um aprimoramento dos meios tecnológicos de forma nunca vista. A pesquisa científico-tecnológica há décadas vinha acumulando pesquisas relacionadas à linguagem computacional, buscando compreender sua relação com a linguagem humana, a organização da linguagem computacional em si, banco de dados e formas de memorização. Essas transformações sociais geraram um contexto de submissão do que ele chama de “discurso científico” à tradutibilidade da linguagem computacional e à performance capitalista.

Ele argumenta uma mudança no estatuto do saber, com sua função social já não sendo mais a de formação integral do ser humano, mas sim a de eficácia produtiva, sendo, portanto, o alvo de pesquisas aquilo que é eficaz para a reprodução do sistema. Com a maior acessibilidade de meios tecnológico-informacionais, as dinâmicas de pesquisa e de transmissão de conhecimento também se alteram, sendo que a proposição do que será pesquisado e do que será ensinado não se dá mais no campo de uma suposta intrínseca curiosidade humana, mas sim por mediação daquilo que levará ao maior lucro.

É posta a questão da legitimação como problema central na tese da argumentação. A legitimação gira em torno da ideia de que o saber científico está intrinsecamente ligado a esferas da ética e do poder, por possuírem o ocidente como tronco comum histórico. O saber científico nessa proposta é apresentado como apenas uma das formas de organização dos discursos nas sociedades, argumentando que este sempre estabeleceu seus conceitos em oposição ao que ele chama de saberes narrativos, que apresentam uma maior proximidade com as ideias de equilíbrio interior e convivialidade¹⁷. Além disso ele argumenta uma relação direta entre o progresso técnico-científico e crescimento econômico e do poder sociopolítico.

A legitimação é o problema central nessa obra porque aqui ela se caracteriza como o elemento central de perpetuação das desigualdades nas relações de poder nas sociedades, causando invisibilidade de determinados grupos, de forma juridicamente legal e eticamente

¹⁷ A ideia de convivialidade é apresentada em “*Tools for conviviality*” de Ivan Illich

aceita. O saber científico segue determinadas regras para que possa ser considerado cientificamente válido. Da mesma forma que uma lei, é necessário que alguém aponte quais serão as determinações a serem seguidas para cumprir tais critérios, por isso, o autor critica:

[...] a questão da dupla legitimação está longe de se diluir e não pode deixar, por isso, de ser considerada com mais cuidado. Pois ela se apresenta em sua forma mais completa, a da reversão, que vem evidenciar serem saber e poder as duas faces de uma mesma questão: quem decide o que é saber, e quem sabe o que convém decidir? O problema do saber na idade da informática é mais do que nunca o problema do governo (Lyotard, 2026, p. 33).

Ficou posto que a legitimação da ciência moderna está diretamente ligada à legitimação do Estado moderno, estando em uma relação dialética de coexistência, utilizando do método científico para justificar não só a existência do Estado como as suas ações e as suas pautas, enquanto a organização do Estado como tal justifica o método científico, buscando verdades irreduzíveis e finais.

Lyotard ataca nesse trecho do livro especificamente algumas narrativas, sendo essas a dialética do espírito (Hegel), a hermenêutica do sentido (Gadamer), a emancipação do sujeito racional (Kant) ou do trabalhador (Marx). Segundo ele, essas formas de construção de uma explicação da realidade material estão à serviço da produção de uma estratificação social do poder e do conhecimento, não apenas da produção do conhecimento, mas também de sua apreensão.

É possível dizer que a descrição do momento histórico presente no livro vale até os dias atuais. O cenário da informatização das diversas sociedades é um fator de extrema importância para a modificação do cenário do saber no mundo, principalmente nas últimas três décadas com a disseminação de meios tecnológico-informacionais para países subdesenvolvidos e a dominação da internet. Além disso, como vimos no segundo capítulo, a relação de legitimação mútua entre ciência e Estado também está presente desde a formação do Estado burguês, sendo a ciência uma das ferramentas das burguesias mundiais como método de validação de suas ideias. Porém, o erro dessa compreensão de mundo se torna grave quando avaliamos o endereçamento do catalizador do problema.

Considerar os discursos como elementos centrais da legitimação desconsidera todo um acúmulo de estudos em relação às organizações das classes sociais ao longo da história e como essas operam nas relações de poder, além disso, também desconsidera a formação e organização do Estado burguês na sociedade capitalista ao olhar para o Estado e não o nominar como

executor das necessidades de determinadas classes sociais, com determinadas características históricas e necessidades político-econômicas. É preciso levar em consideração de que forma as organizações estruturais dadas pelas classes dominantes de nossa sociedade dão solo fértil para a emergência de uma superestrutura que esteja de acordo com suas necessidades de manutenção.

Ao avaliar erroneamente o *locus* do problema, o método de intervenção proposto é colocado também de forma equivocada, propondo que a construção de uma nova política que busque eliminar o problema apresentado seja feita por meio da teoria dos Jogos de Linguagem. A teoria de Ludwig Wittgenstein, considerado pai da filosofia analítica, coloca a experiência da vida alicerçada em jogos de linguagem. Na linguagem os diversos enunciados possuiriam regras próprias, como um jogo de xadrez, suas regras possuem legitimação em contratos explícitos ou implícitos entre os jogadores e caso, determinado enunciado não cumpra as regras desse jogo, ele não pertence ao jogo. Segundo o autor, falar é combater no sentido de jogar (Lyotard, 2026).

O problema está na sua utilização estrita para explicar o mundo e pôr uma teleologia da primazia da linguagem em relação ao mundo. Como já falamos anteriormente, a linguagem se trata de uma forma de organizar e simbolizar as representações mentais produzidas em nosso contato com o a objetividade material, portanto, sua utilização para analisar o mundo a partir de si já começa a demonstrar traços de uma virada ontológica em relação à ontologia do real.

A questão central aparece na compreensão de que a noção representacionista¹⁸ é a base para a legitimação de um silenciamento feito em diversas instâncias e com muita ressonância no contexto científico. O conhecimento com lastro no real necessita a existência de uma verdade objetiva traduzida em representação mental organizada por meio da linguagem, dessa forma ao postularmos cientificamente algo podemos valorar a postulação em relação a sua aproximação do real. Segundo Lyotard, essa forma de valorar as postulações por si gera o silenciamento de determinados grupos com visões diferentes daquela que se entende como mais aproximada ao real, uma vez que essas outras postulações não teriam relevância por sua menor proximidade ao real. Essa relação de silenciamento acontece em relações de poder que legitimam os grupos hegemônicos a se perpetuarem, gerando um ciclo de exaltação da hegemonia e rebaixamento

¹⁸ É a compreensão de que o nosso conhecimento se trata de representações mentais de uma realidade externa ao nosso conhecimento sobre ela, que são representados não em completude - vide as infinitas faces do fenômeno – mas a partir de nossa estrutura subjetiva, criando assim aquilo o que Lukács (2013) chama de uma nova forma de objetividade.

dos escanteados. Mas será mesmo que o representacionismo pode ser culpado por todos esses fenômenos?

O silenciamento de grupos subalternizados é uma realidade objetiva e não pode ser negado. Esse fenômeno pode ser identificado já nos primeiros registros societários aos quais temos acesso, nas relações entre senhores e escravos, homens e mulheres, crianças e adultos, etc. Após as colonizações europeias fica perceptível um aprofundamento dessa estrutura a partir das noções de civilização levadas as últimas instâncias pelo eurocentrismo colonial. É com base nesse aprofundamento que Lyotard organiza a crítica do movimento pós-moderno. Porém, quando olhamos para o passado, podemos perceber três coisas: a primeira é que a ontologia da teoria representacionista não era majoritária nas sociedades pré-iluministas; a segunda refere-se à manutenção dessa relação ao longo do tempo, constituindo parte da essência desse fenômeno; e, por fim, a profunda relação com a luta de classes que esse fenômeno estabelece ao longo da história.

O processo histórico de formação das classes sociais ao fim do período conhecido como comunismo primitivo nos mostra como o movimento de construção de uma classe expressa sua organização interna de diversas formas, não possuindo uma hegemonia de poder social entre as diversas identidades¹⁹. Como nos mostra Engels em *Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado* (2019), mesmo pertencendo a mesma classe social, homens, mulheres e crianças possuíam papéis diferentes dentro da dinâmica relacional das classes. Essa dinâmica expressava-se com maior rigidez em períodos pré-capitalistas, porém, à medida que avançamos na história podemos perceber a flexibilização dessas dinâmicas, ainda que com a mesma essência. Isso fica muito mais evidente quando olhamos para as dinâmicas entre diferentes classes no período pré-capitalista, na qual a produção de saberes institucionalizados se dá exclusivamente pelas classes dominantes.

No contexto do capitalismo tardio percebemos uma mudança nas mãos que produzem esses conhecimentos. Nesse momento as classes trabalhadoras, depois de grandes disputas de classes por esses espaços, se fazem presentes nessas instituições, mas será que isso é o suficiente? As chamadas classes trabalhadoras brasileiras não se constituem como uma amálgama de pessoas, mas sim diversos grupos que se dividem por renda, raça e gênero, devido ao complexo contexto escravocrata brasileiro. Sendo assim, ainda existem parcelas das classes trabalhadoras que possuem maior acesso a essas instituições do que outras, fazendo com que,

¹⁹ Ver: “O que é identitarismo” Barros, Douglas (2024)

mesmo que estejamos em uma era de informações, as necessidades dessas outras parcelas silenciadas sejam menos pautadas, ou principalmente sejam silenciadas pelo conflito de classes que suas existências geram. Essa crítica de Lyotard se organiza em torno do desejo por justiça, liberdade e do desconhecido, mas será mesmo que substituir a noção de verdade como lastro no real seria suficiente para destituir as estruturas econômico-políticas que permitem a existência desse problema?

Ele tem razão quando demonstra a relação dialética entre Estado e ciência e quando diz suspeitar das estruturas de poder na modernidade mas, ao abordar esse problema a partir da epistemologia, se equivoca. A ciência como instituição social é usada desde sua criação a favor da manutenção da ordem vigente, como nos dizem Marx e Engels (2007) as ideias dominantes são as ideias da classe dominante de cada tempo. Porém, isso não se dá apenas com a ciência, mas com todas as formas de conhecimento presentes na sociedade: artístico, mítico-religioso, senso comum, etc. Existem exemplos de tentativas de subversão das ideias dominantes presente em cada forma de conhecimento citadas, o ponto central é que a hegemonia das ideias é das classes dominantes em nosso contexto espaço-socio-temporal, produzindo ideias que se alinham à manutenção da dominância.

5.3 Sobre o vínculo social

Entendemos, então, que a dupla legitimação fornece base material para a perpetuação da condição de poder na sociedade pós-industrial e pós-moderna, porém, é preciso entender de que forma essa legitimação é construída e como se organiza em relação às instituições sociais de poder para determinar de que forma a análise pós-moderna deve ser encarada, a partir de quais críticas e perspectivas teóricas.

A discussão sobre o saber em determinada sociedade passa, necessariamente, pela discussão da relação vinculativa dos indivíduos com o modo de ser de determinada sociedade. A forma de vinculação social de cada sociedade representa as crenças elaboradas em contexto sócio-histórico-temporal específico, bem como as razões para ser identificado como um pertencente da sociedade. Não que aqueles que não se identificarem com essa perspectiva estarão fora, mas como um bloco hegemônico de ideias, esses indivíduos se relacionam e se posicionam ativamente ou passivamente de forma dialética em relação a essas ideias.

5.3.1 A alternativa moderna

Lyotard divide entre moderna e pós-moderna a relação de vínculo social, apresentando forma e característica de cada uma delas. Ele divide a perspectiva moderna em dois principais modelos: a sociedade como um todo funcional e a sociedade dividida em duas partes.

O primeiro modelo parte de uma noção positivista de sociedade que se autorregula e autogere. Essa forma de ver o mundo possui tradição francesa, pensando a sociedade como um organismo vivo, mas é com Talcott Edgar Frederick Parsons que ele ganha a conotação de um sistema autorregulável, que estabiliza o desenvolvimento das economias em crescimento e das nações em abundância, gozando de um *welfare state*. Nessa visão, o sistema se autorregularia para manter as boas condições de vida presentes nas nações desenvolvidas.

Esse modelo desconsidera características como o imperialismo contemporâneo e a profunda dependência dos países do norte global em relação aos países do sul global. Lyotard critica esse posicionamento ao postular que a regulação do sistema se dá na sua necessidade de otimizar a relação global entre seus *inputs* e *outputs*²⁰ e que essa regulação existe apenas para a manutenção e reprodução do sistema em si, sem levar em consideração o bem-estar dos seres humanos nele presentes. Segundo o autor, uma vez que todas as mudanças, inovações e tentativas de atacar o sistema ou mudar seu funcionamento, apenas servem como rearranjos internos que são absorvidos e melhoram a capacidade do sistema em se manter ativo, a entropia²¹ (aleatoriedade) seria a única alternativa a esse aperfeiçoamento constante.

A segunda alternativa moderna, a teoria crítica, é atacada ainda mais vigorosamente. Criticam o que chamam de dualismo de princípio, o qual dá base para um diferente projeto de sociedade, no caso, uma sociedade comunista. Esse movimento faria oposições binárias que agiriam como pilar da teoria, são algumas dessas divisões: capital x trabalho; classes burguesas x classes proletárias; alienação x essência humana; etc. Nesse modelo dualista é necessário que exista um sujeito crítico, posicionado do lado da narrativa crítica para ser possível alcançar um futuro com unidade, no caso uma revolução proletária. O dualismo é tão criticado porque sem

²⁰ Traduzidos literalmente, esses termos significam respectivamente: entrada e saída. Eles demonstram a relação no sistema capitalista em que a lógica do investimento é principal forma de guiar a vida, considerando inteligentes as ações que possuem o mínimo de entrada de investimento para o máximo de saída do investimento, potencializando ao máximo o lucro.

²¹ A entropia é uma grandeza termodinâmica que quantifica o grau de desordem, aleatoriedade ou dispersão de energia/matéria em um sistema físico. Associada à Segunda Lei da Termodinâmica, a entropia tende a aumentar naturalmente em sistemas isolados, indicando a irreversibilidade dos processos naturais e a perda de energia disponível para realizar trabalho.

essa base teórica, toda a teoria perde seu sentido e o projeto de nação já não tem motivo para ser almejado e a luta, de fato, acontecer.

Ele aponta que no contexto das sociedades pós-modernas já não se pode mais dividir as coisas de forma binária devido ao aprofundamento das diferenciações nas relações sociais, como diferenciações no trabalho com o aumento das divisões entre cargos de operação, gerência, manipulação de dados e etc. Diferenciação nos jogos de linguagem, nos quais o indivíduo presta diferentes papéis em diferentes contextos de sua vida, com diferentes lógicas de organização e diferentes regras em cada uma delas. A diferenciação das identidades, por fim, mostra que diferentes grupos criam diferentes jogos de linguagem nos quais as ferramentas e contextos desses jogos são locais e só podem ser compreendidos a partir daquele contexto, não podendo ser extrapolado para nenhum outro contexto, como dito por Wittgenstein, não há nada que une todos os jogos de linguagem (Wittgenstein, 1953).

Esse aprofundamento das divisões promoveria uma dificuldade das pessoas se posicionarem como sujeitos críticos aliados ao que é chamado de grandes narrativas. As grandes narrativas legitimadoras são discursos totalizantes que servem como legitimação para a ciência, a política e a ética e esses discursos são construídos a partir de compreensões de mundo que buscam organizar a realidade a partir de uma totalidade material com o intuito de chegar a uma explicação final do real, real esse que, ontologicamente, que seria impossível de unir uma vez que, pela sua fragmentação, não seria possível identificar um eixo comum entre todas os espectros.

Por fim, criticam o marxismo pela via da experiência socialista da URSS, associando a ideia de totalidade presente na teoria crítica a ideia de totalitarismo, argumentando que essa forma de enxergar o mundo impediu que as diversidades dos sujeitos florescessem naquele contexto devido à grande repressão feita pelo Estado proletário.

A crítica ao dualismo esbarra na ausência de uma noção de dialética, gerando contraposições que não se sustentam. Quando falamos das relações de oposição entre as classes que formam a luta de classes ou entre capital e trabalho, não estamos falando de objetos opostos que, ao disputar espaços não se relacionam, mas de diferentes faces de um mesmo fenômeno. A totalidade é a forma primordial para compreender o mundo ao nos confrontarmos com a relação existente entre todas as coisas, isso porque não é possível falar de movimentos isolados, principalmente quando nos referimos aos opostos.

As leis da dialética²² nos mostram como o embate entre os opostos se dá na relação de transformação, na qual sua disputa dentro do contexto social produz um novo, que afirma e nega seus progenitores, que carrega a essência daqueles fenômenos que vão sendo interdependentes em sua existência. Fica claro na relação entre classes burguesas e classes proletárias como essas não existem separadas uma da outra e sim estão postas na realidade como contrapostos ativos. Isso faz com que seja impossível falar sobre as características de uma determinada classe sem pensar em sua contraposição, principalmente dentro de relações de poder à qual essa está submetida. A relação capital e trabalho também se mostra dessa forma, o trabalho está organizado como tal em sua relação com o capital, porém o capital só está como está pela existência de um tipo específico de trabalho, que é o trabalho assalariado e explorado pela extração de mais valia.

Quando em seguida se fala sobre um aprofundamento das divisões na sociedade, percebe-se um movimento da teoria para algo que ela mesma critica. Ao apresentar uma proposição de dissolução das propostas que visam o fim do sistema econômico que nos coloca nessas formas de opressão com relações de poder (a teoria crítica), ela está adequando as novidades do sistema à reajuste/reprodução do próprio sistema, sendo involuntariamente um catalizador para o aprofundamento dessas condições de opressão. O aprofundamento das divisões se dá justamente no processo de aprofundamento da visão neoliberal que interpreta as pessoas como mercadorias que serão ou não úteis ao sistema. Nessa visão, o sistema coloca as pessoas como valorosas ou não a partir da sua capacidade de produzir na lógica dominante, ou seja, na lógica do lucro. Cada pessoa é individualmente responsabilizada por seu desenvolvimento e por sua capacidade de ser bem-sucedida em sua vida, isso por si já dá base para o desenvolvimento dessa noção.

Porém, devemos olhar para a constituição das diferentes instituições de nossa sociedade. As instituições educacionais, religiosas, familiares, governamentais, etc., são todas partes de uma superestrutura que dialeticamente é moldada e molda a estrutura do contexto na qual existe. Sendo assim, elas seguem a lógica da estrutura do capital que visa o lucro e a concentração de riqueza, cujo objetivo é o aumento das relações de performance. Na educação a maior quantidade de pessoas oficialmente formadas, na família as relações mais felizes, no trabalho a maior quantidade de dinheiro. Sendo instituições com configurações e objetivos completamente diferentes postas sob uma só égide do lucro elas terão formas de alcançar a máxima

²² São essas: lei da transformação da quantidade em qualidade e vice-versa; lei da interpenetração dos contrários e lei da negação da negação. Ver “Dialética da Natureza” (Engels, 2020).

performance também diferentes, sendo necessário que haja não mais como uma só pessoa que frequenta esses lugares para si, mas como alguém que se adapta a performance daquele determinado contexto e se sente como alguém diferente em cada um deles.

Sendo assim, esse aprofundamento não é um indicativo de que as formas de organizar a luta contra os problemas da sociedade já não são mais necessárias, pelo contrário, nos mostra que elas se tornam cada vez mais necessárias. Compreender as sociedades como um todo que está dialeticamente relacionado às formas de produção da vida em seu contexto sócio-histórico-temporal nos permitirá realmente lutar para superar o problema, e não apenas viver com ele. Quando se fala da impossibilidade de traçar uma linha transversal que encontra todas essas divisões, não se leva em consideração que mesmo com as diferenças presentes no atual cenário do capitalismo mundial, ainda estamos falando sobre as mesmas relações de exploração, sobre a captura da mais valia do/a trabalhador/a, da produção artificial de escassez e da organização política ao redor da necessidade de reprodução desse sistema político-econômico. Por isso é tão importante que nos atenhamos ao método de investigação do materialismo-histórico-dialético, porque ele nos permitirá olhar para as mudanças dos fenômenos ao longo do tempo e capturar não só sua aparência, como é o caso, mas sim a sua essência que sobrevive ao tempo e se modifica de forma permanente para manter o que é essencial.

Por fim, em relação à afirmação da relação entre os conceitos de totalidade e totalitarismo, não é a primeira vez que nos deparamos com essa confusão. Essa referência à experiência socialista da URSS em suas últimas décadas aponta para uma relação que não existe e que é erroneamente interpretada. O movimento repressivo daquele período está atrelado a diversas necessidades do contexto, como a Guerra Fria, as lutas políticas internas e as divisões teóricas que levaram a uma não-unidade política da URSS. Porém, não é apenas na ideia de totalidade que podemos encontrar esse tipo ações, como podemos ver nas relações da década do século XXI nas sociedades capitalistas pós-modernas, nas quais, mesmo sob uma premissa não totalizante, encontramos ações tais em todos os contextos em diferentes grupos, como é o caso das ações do Serviço de Imigração e Alfândega dos Estados Unidos que vem realizando durante o mandato de Donald Trump um serviço violento e repudiável contra grupos de imigrantes presentes nos EUA. (Levenson, 2025)

5.3.2 A alternativa pós-moderna

No contexto de informatização e tecnologização massiva das sociedades contemporâneas, a visão pós-moderna identifica um movimento de mudança nas funções de regulação e reprodução do sistema capitalista, tal como a retirada dos administradores²³ e a entrega a autômatos²⁴, uma vez que esse segundo não apresenta falhas por emoções e desejos não objetivos. O ponto central, portanto, seria as informações disponíveis para que esses autômatos tomem as melhores decisões possíveis. Essas informações ficariam restritas aos especialistas, sendo um ponto de reivindicação, afirmando que o fato de os autômatos se alimentarem de informações para gerirem sua performatividade faz com que a privatização de informações seja um elemento importante na perpetuação de relações desiguais de poder.

Aponta-se também uma mudança na função dos Estados em relação à sua gerência. O Estado pós-moderno aqui não é formado pela classe política padrão, mas por decisores, uma camada formada por dirigentes de empresas, altos funcionários, dirigentes de grandes órgãos profissionais, sindicais, políticas, confessionais (Lyotard, 2026). Esses decisores não tomarão as decisões da sociedade baseadas em grandes narrativas, mas sim com foco na performance do sistema. Nesse caminho, o que são chamados de polos de atração, não serão mais úteis para gerar identificação nas pessoas, tendo essas uma dificuldade em se associar com grandes nomes ou grandes relatos.

A ênfase nas grandes narrativas é âncora de toda a crítica, porém, contraditoriamente falta explicitar como a proposição de queda das grandes narrativas na sociedade pós-moderna não se enquadraria também como uma grande narrativa. Um grande objetivo societário, uma organização em relação a um outro contraposto e uma ação guiada por um ideal de futuro, todas essas são características presentes no que está se apresentando aqui nessa perspectiva, como ficará claro adiante.

Por mais que muitas críticas à filosofia pós-moderna se ancorem na ideia de uma atomização dos indivíduos na sociedade, não é o que se identifica aqui, pelo contrário, os indivíduos são apresentados como parte de uma textura complexa de relações e que se movimentam por essas relações. Eles só existem dentro dessa textura e são obrigados a se posicionar nela desde o nascimento. Os jogos de linguagem criam a sociabilidade e suas

²³ Administradores são todos aqueles humanos em cargos de administração, não se referindo a um cargo específico.

²⁴ Autômatos são bancos de dados especializados, geridos por uma lógica de performance que buscam sempre o máximo proveito na relação *input-output*

mensagens posicionam os indivíduos no mundo, sendo que cada mensagem carrega consigo relações de poder e nenhum indivíduo está isento desse poder, mesmo o mais subalternizado.

Como um jogo, a dinâmica agonista da linguagem leva os seus jogadores a fazerem lances com o intuito de se posicionarem dentro do jogo, nem sempre para ganhar, mas para jogar e manter o jogo ativo. Cada lance gera um novo lance e os movimentos não podem ser apenas reativos, mas sim planejados e carregados de sentido. Esse movimento, compreendido como deslocamento é incentivado até certa medida pelo sistema, isso porque esse sistema busca sempre novidades para que possa incorporar para si a fim de projetar novas formas de melhorar sua performance, sendo que os lances que cada jogador pode dar dentro da estrutura dos jogos de linguagem é limitado à capacidade de reajuste do sistema. Uma vez que o sistema se reajusta e utiliza os novos lances para melhorar sua performance, a busca não é para subvertê-lo, mas sim para organizar o seu funcionamento com lances diferenciados buscando não permitir que o sistema tenha tempo de se adaptar à sua entropia.

Havia mencionado anteriormente que estava de acordo com as leituras sociais colocadas até então. Porém, a partir daqui é necessário que as questionemos pois a essa altura a profundidade da análise já está demasiadamente afetada pela visão dos jogos de linguagem como pilar da estrutura social, fazendo com que, por um método idealista, como demonstrei a seguir, as previsões não se verifiquem.

Primeiro, Lyotard segue bem o pensamento de Wittgenstein ao dizer que os jogos de linguagem são o mínimo exigido para que exista algum tipo de sociabilidade. Para o autor alemão (Wittgenstein, 1953), o modelo representacionista era um erro porquê de definição que possuíamos na tradição ocidental eram turvas, não apresentavam um elemento de ligação entre os diferentes objetos que possuíam o mesmo nome, mas sim exemplos de seu uso. Dessa forma ele postula que o que algo é, por definição, se expressa em como ele é usado. Sendo assim não seria possível mirar em uma realidade primeira que ancora todos os objetos, mas sim apenas no uso que fazemos dele. Em outras palavras, é possível afirmar que aquilo que as coisas são está diretamente relacionada com aquilo que fazemos delas. Essa afirmação carrega um caráter idealista na relação com o real, ao dar primazia à ideia em relação ao real e dá suporte para o questionamento da categoria totalidade ao afirmar que as verdades são produzidas de forma fragmentada e não há possibilidade de serem aferidas no comparativo com o real.

A incapacidade de apreender o real como totalidade vem junto com uma noção de impossibilidade de modificações estruturais no sistema. Uma vez que a realidade é construída

de forma fragmentada, não seria possível que consigamos, por meio de um projeto de transformação, mudar a situação na qual nos encontramos, já que apenas conseguiríamos compreender e influenciar a nossa realidade. Essa impossibilidade coloca uma barreira que demonstra a falta de historicidade presente na crítica pós-moderna ao – de forma irônica – estabelecer o fim do movimento das transformações históricas possíveis na sua crítica às grandes narrativas. A história do mundo teria se desdobrado até aqui, mas a partir do aprofundamento capitalista, não teríamos outra perspectiva de mudança a não ser tentar controlar os movimentos de ajuste e reajuste do sistema em relação as novidades produzidas. Segundo Húngaro (2001)

Muito embora estas formulações sejam apuradas sobre o período que vai de meados da década de 1970 até os dias atuais, a essência das transformações mencionadas não é uma novidade para quem estudou a ordem burguesa mais detalhadamente. Trata-se de uma característica do capitalismo revolucionar constantemente suas bases de funcionamento, principalmente no que tange aos aspectos tecnológicos. Nada tem de novo, portanto, a verificação de transformações no tecido social. Já sinalizavam Marx e Engels, no Manifesto do Partido Comunista, que a ordem burguesa representa a transformação constante das forças produtivas e, conseqüentemente [sic], do tecido social (p. 44).

A importância das contribuições dos autores que estamos citando está em verificar as especificidades das transformações recentes, pois, apesar de seu dinamismo, nunca o capitalismo transformou-se de maneira tão rápida como nos últimos tempos. A partir de meados da década de 70, as transformações ocorridas alcançaram um nível de profundidade e uma velocidade jamais assistidos anteriormente. Tais reviravoltas nada mais são que o desdobramento de uma profunda crise mundial que, a partir de mudanças ocorridas no padrão de acumulação, alterou todo o tecido social. Tal crise, na verdade, não pode ser entendida se não for estudada como totalidade, pois manifesta-se por toda sociedade, mas seus impactos mais fenomenais se dão nos âmbitos econômico, social, cultural e político (Cf. Hobsbawm, 1995) (p. 45).

Esse trecho nos mostra como o escanteamento da categoria da totalidade nos impede de concluir algo sumariamente importante nesse momento histórico: o fato de que o fenômeno das mazelas do capitalismo apenas mudou de cara, porém sua essência de luta de classes, expropriação dos meios de produção das classes trabalhadoras, extração da mais-valia e acúmulo de capital como base da existência se mantêm.

Olhemos para os jogos de linguagem dentro da sociedade, a ideia de que sua existência é o mínimo exigido para a existência de uma sociabilidade coloca ontologicamente a linguagem anterior à própria sociedade. Para que isso fosse verdade seria necessária uma formação prévia da linguagem para que o tecido social tomasse forma. Porém, com isso chegamos ao impasse de uma linguagem que se ancora em conceitos prévios a si mesma, isso porque, mesmo considerando que o ser humano defina o que as coisas são ou deixam de ser por meio da linguagem, seria impossível organizar essas afirmações previamente à sua existência. Para que

fique mais claro, para concretizar a visão dos jogos de linguagem seria necessário que ontologicamente os objetos de uso dos seres humanos existissem para então conseguirem dar determinados usos para eles, criando um objeto que é dado no real sem intenção, sendo sua intenção posteriormente incluída em si.

Apenas dessa forma se concluiria o que foi dito por Wittgenstein (1953), isso porque na teoria clássica dos jogos de linguagem a utilização da linguagem se dá de forma pragmática, na capacidade de fazer ou não funcionar aquele momento de comunicação. Mesmo que Wittgenstein não tenha se proposto a aprofundar a descrição ontológica de sua teoria, é possível perceber que o social se põe anteriormente à linguagem, mesmo que posteriormente seja compreendido como formador desse real.

Encontramos nesse momento não só uma demonstração de incongruência ontológica entre a referência de Lyotard e suas proposições como também mais uma pista da mudança na visão ontológica da filosofia pós-moderna em relação à ontologia do real.

5.4 As mudanças conjunturais

Seguimos para nos atentar às ideias de análise de mudanças conjunturais para que seja possível entendermos como não é necessário que se compreenda todas as relações causais envolvidas em um determinado fenômeno para se alcançar o pôr teleológico desejado, mas sim apenas aquelas combinações de relações que levam àquele determinado fim (Lukács, 2013).

Começando pela análise de uma mudança nas tomadas de decisões das empresas, as quais não mais seriam dos administradores, mas de autômatos devido à sua capacidade de ser estritamente objetivo em relação ao aumento do lucro do sistema. É verificável a transformação do modo de comando para a implementação de autômatos, em exemplos de empresas como Mercado Livre, *Ifood*, *Nubank*, *Uber* e etc. Porém, não se verifica a ideia de que os autômatos não tomarão suas decisões baseadas em valores morais e grandes projetos.

Tratar os autômatos como autogeridos demonstra desconhecimento tecnológico, isso porque mesmo nas formas mais avançadas de inteligências artificiais, a produção de informações passa diretamente por decisões humanas como a permissão de o que cada inteligência pode fazer ou não, onde pode acessar e quais são seus limites. Dessa forma, por mais que exista uma mudança de aparência na forma dessa gestão, a palavra final ainda é dos

interesses humanos, especificamente das classes dominantes, isso porque nessas atividades laborativas continuam a vigorar os dois pilares da organização do trabalho sob o arranjo capitalista: o processo não é controlado pelos trabalhadores (produtores diretos) e o produto do trabalho pertence ao capital, não a quem o realiza.

Vejamos dois exemplos. O primeiro, da empresa imobiliária Zillow e a segunda da empresa de varejo Magazine Luiza. No caso Zillow, a empresa operava um sistema de compra, reforma e revenda de propriedades nos Estados Unidos, no qual o autômato realizava o processo de análise de mercado para realizar previsões nesse processo, a fim de garantir o maior quantitativo de lucro possível. Porém, com a pandemia do COVID-19 e a grandes mudanças nos preços de diversos setores que afetavam essa economia, o autômato não conseguiu entregar essa performance. Segundo a reportagem do site “*Deep learning AI*”

Para obter lucro, precisava estimar o valor de mercado após a reforma com uma margem de erro de alguns milhares de dólares. Como a reforma e a revenda levam tempo, o algoritmo precisava prever os preços com três a seis meses de antecedência — uma tarefa que se tornou muito mais difícil nos últimos 18 meses.

A pandemia desencadeou uma corrida imobiliária, provocando flutuações de preços que o algoritmo da Zillow, treinado com dados históricos, não conseguiu prever. Também interrompeu a cadeia de suprimentos de produtos necessários para reformas residenciais, prolongando o tempo de espera.

A empresa comprou 9.680 casas no terceiro trimestre de 2021, mas vendeu apenas 3.032, com um prejuízo médio de US\$ 80.000 por imóvel (The Batch, 2021).

Devido a essas dificuldades a empresa encerrou esse negócio, com seu *Chief Executive Officer* (CEO) afirmando que mesmo com os modelos de previsão alimentados com mais informações quanto às possibilidades de transformações do mercado, não seria possível prever com exatidão essas modificações, portanto, não seria seguro para a empresa mantê-lo.

No caso Magazine Luiza, a empresa foi denunciada por contabilização indevida das bonificações com seus fornecedores. No processo ficou claro que a empresa contabilizava suas bonificações junto com a emissão da nota fiscal do fornecedor, quando deveria contabilizá-las ao fim de cada campanha. Após as correções, apresentou-se uma diminuição líquida no patrimônio da empresa de 830 milhões de reais. Segundo a reportagem do site “*E. Insight*” o diretor financeiro da Magazine Luiza apresentou a seguinte posição:

“São muitas campanhas e não tínhamos um sistema automatizado para controle”, diz Bellissimo. Por isso, o conselho de administração da companhia determinou um mecanismo para automatizar a gestão de verbas de fornecedores e o cumprimento das

obrigações. “Esse foi um ajuste temporal e, a partir daqui, as bonificações vêm contabilizadas dentro do período de competência correto” (Brandão, 2023).

Esses dois casos nos mostram como a utilização dos autômatos é feita apenas como mais uma ferramenta do capitalismo e não como um tomador final de decisões, supostamente isentas. Vemos que, até certo ponto, são legadas as tomadas de decisões para esses autômatos, porém, isso se mantém apenas enquanto há confluência com os interesses das classes dominantes. Especificamente no caso Magalu, o autômato não foi retirado, mas modificado e submetido a avaliação final de humanos devido a necessidade de avaliar o comprometimento dos resultados com determinados interesses. Se essa despersonalização dos interesses do sistema fosse verificável na realidade, apenas o funcionamento dos autômatos seria suficiente, sem falhas. Mesmo com os novos lances dos jogos de linguagem, a adaptação do sistema a entropia organizaria todas essas ações como um Mahoraga²⁵ tecnológico-informacional, fazendo com que no fim tudo se organizasse para o crescimento. Mas o que acontece na realidade é que é necessária intervenção humana no processo, pois caso contrário, iria falir.

Segunda mudança de conjuntura apresentada é a mudança do que é chamado de uma classe política tradicional para uma classe de decisores. Os decisores tomariam as decisões baseadas exclusivamente na performance capitalista e sem a interferência de valores morais. Esses decisores estariam vinculados aos interesses de reprodução do sistema e agiriam como técnicos especialistas.

A principal questão nesse ponto é a divisão que se faz entre os valores morais e grandes narrativas da chamada política tradicional e da ação técnica e interesses de performance dos decisores. Isso porque, quando olhamos para a política brasileira percebemos que, além de essa divisão não existir, essa mescla faz parte da forma de organização que provoca alienação na população.

Olhemos, por exemplo, para o cenário da educação superior na política institucional. Há pelo menos uma década as universidades públicas vêm sofrendo ataques orçamentários, reduzindo drasticamente suas verbas, piorando as condições de permanência estudantil. Esse movimento se dá necessariamente a fim de interesses financeiros dos setores do ensino superior privado. O exemplo claro disso é a relação da conselheira do Conselho Nacional de Educação

²⁵ Da animação japonesa "Jujutsu Kaizen", “Divino General Imoral da Espada de Oito Cabos Mahoraga” é uma divindade invocada por meio da Técnica das Dez Sombras e que tem como principal técnica a adaptação irrestrita, adaptando-se a qualquer técnica adversária por meio do giro da Roda de Dharma acima de sua cabeça, buscando elaborar o contra-ataque mais efetivo.

(CNE) e membro-titular do Fórum Nacional de Educação, Elizabeth Guedes, com a Associação Nacional das Universidades Particulares (ANUP), na qual atua como presidente.

A sua participação na política está direcionada para a defesa dos interesses das universidades particulares, como o aumento de cursos de medicina e reforma dos cursos de licenciatura (mudança de um enfoque teórico para um enfoque pragmático). Além disso, ela é irmã do ministro da economia do governo Bolsonaro, Paulo Guedes, esse que publicamente assumiu que a privatização é o futuro da Educação Brasileira e que durante seu mandato realizou o contingenciamento de 29,582 bilhões de reais do orçamentos federal de 2019 para a Educação, reduzindo a o orçamento das universidades e institutos em 30% (Console, 2019).

Se levarmos em consideração a noção de valores morais posta na ideia pós-moderna, pode-se dizer que esse fato representa uma forma de gestão de decisores guiados exclusivamente pela performance, porém, quando olhamos para a chamada “Bancada Evangélica” da política brasileira, essas características começam a se desfazer.

A reportagem de 2025 da revista “Agência Brasil” que escutou especialistas no assunto, afirmou que dos 513 deputados na Câmara, 90 a 100 são evangélicos, enquanto 10 a 15 dos 81 do senado ocupam essa posição. Segundo a reportagem

O pesquisador explica que a bancada evangélica, apesar de ter uma posição mais conservadora nas pautas dos costumes, historicamente mostrou-se pró-governo em outros temas, como os da economia. “Não importa se era governo de esquerda ou de direita, era um grupo próximo ao Executivo”.

Uma das causas, segundo avalia, seria a conveniência de manter os privilégios como isenção tributária para igrejas (Ferreira, 2025).

Essa relação entre instituições dogmáticas com as religiões, que em um primeiro momento pode parecer subserviência das religiões, na verdade se apresenta como uma relação de simbiose, com uma ajuda mútua na busca do maior lucro possível. Assim, os citados valores morais não são escanteados como dito pelo autor, mas sim são repaginados como sempre, ao longo da história, para se adequar 'às necessidades dominantes de nosso tempo. Os valores morais não são um passado, mas sim, um presente, vide a inauguração de 6.356 novas igrejas no ano de 2019 (Araújo, 2023). Para utilizar o termo do autor, as grandes narrativas não deixaram de ser importantes com uma cisão qualitativa, não existem fatores quantitativos suficientes que expressem esse salto (Húngaro, 2001), o que aconteceu foi mais uma vez a transformação das grandes narrativas pelas ideias das classes dominantes do capitalismo para ser mais uma forma de gerar lucro.

Por fim, falemos da afirmação de que a privatização das informações seria o problema que impediria um avanço no enfrentamento ao sistema, por impedir novos lances nos jogos de linguagem. Primeiro, devemos estabelecer que o acesso à informação do início do período moderno para a contemporaneidade tem apenas aumentado, a globalização dos meios tecnológico-informativos permitiu que a circulação de informações aumentasse em quantidades nunca experienciadas pela humanidade. Da mesma forma, ainda existem muitas informações que se mantêm sigilosas por diversos motivos, como questões de segurança, sigilo jurídico, propriedade estatal, etc., Porém, será que apenas o acesso a essas informações permitiria às populações reivindicarem direitos?

Quando analisamos o fato de um país como o Brasil, cuja maioria de sua população apresenta dificuldade em identificar notícias falsas e as distinguir de verdadeiras e que tem uma enorme confiança em conteúdos de redes sociais, como aponta a pesquisa *Truth Quest* da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)

E não só os brasileiros são os que mais consomem, mas também os que mais confiam nas informações das mídias sociais. “Eles comentam no relatório que 9% das pessoas confiam muito nas mídias sociais no mundo, essa é a média, mas no Brasil mais de 20% confiam muito.” O estudo também aponta uma relação entre acreditar nas mídias sociais e não saber discernir notícias falsas de verdadeiras. Na média, aqueles que mais acreditavam nelas tiveram os piores desempenhos em identificar as *fakes news*, acertando 54% das vezes. Quando as pessoas acreditam parcialmente nas mídias, a acurácia sobe para 59%, e sobe ainda mais (para 62%) quando elas acreditam pouco ou nada (Relatório..., 2021).

Percebemos que as disseminações vazias de informações não teriam mais utilidade na melhora da qualidade de vida das pessoas, o contrário também não pode ser dito. O ponto principal é que, mesmo que todas as informações existentes fossem liberadas, não existe capacidade técnica por parte da população para realizar o tratamento delas, mesmo em uma visão pragmática. Precisamos compreender que, para fazer o bom uso de uma informação a fim de alcançar nossos objetivos, é necessário que tenhamos uma bagagem das formas de estudo da determinada área à qual a informação se refere, isso nos permitirá ver além do imediato da informação, compreender seu contexto histórico, suas nuances contextuais e possíveis segundas intenções colocadas nela, como a própria falsificação. Apoiar a abertura de todas as informações como uma forma de emancipar as pessoas, no máximo permitirá que aqueles com maior instrução subam ainda mais nas hierarquias de poder.

5.5 Os saberes narrativo e científico

A ideia de ciência como única forma válida de saber é aqui não só criticada como desmistificada. As demonstrações principais apontam para a ideia de saber como algo muito mais abrangente do que uma forma específica de organizar os dados da realidade. Segundo Lyotard,

O saber em geral não se reduz à ciência, nem mesmo ao conhecimento. O conhecimento seria o conjunto dos enunciados que denotam ou descrevem objetos, excluindo se todos os outros enunciados, e susceptíveis de serem declarados verdadeiros ou falsos. (Lyotard, 2026, p.59)

Acrescenta-se a ideia da presença exclusiva dos enunciados denotativos no jogo de linguagem da ciência, aqueles que possuem informações sobre o que algo é ou não é. Essa visão serve para defender uma relação especificamente diferente da categoria saber com a ciência, a qual aponta que não só são diferentes nos enunciados,

Mas pelo termo saber não se entende apenas, é claro, um conjunto de enunciados denotativos; a ele misturam-se as ideias de saber-fazer, de saber-viver, de saber escutar, etc. Trata-se então de uma competência que excede a determinação e a aplicação do critério único de verdade, e que se estende às determinações e aplicações dos critérios de eficiência (qualificação técnica), de justiça e/ou de felicidade (sabedoria ética), de beleza sonora, cromática (sensibilidade auditiva, visual), etc. Assim compreendido, o saber é aquilo que torna, alguém capaz de proferir "bons" enunciados denotativos, mas também "bons" enunciados prescritivos, avaliativos... Não consiste numa competência que abranja determinada espécie de enunciados, por exemplo, os cognitivos, à exclusão de outros. Ao contrário, permite "boas" performances a respeito de vários objetos de discursos: a: se conhecer, decidir, avaliar, transformar... Daí resulta uma de suas principais características: coincide com uma "formação" considerável de competências, é a forma única encarnada em um sujeito constituído pelas diversas espécies de competência que o compõem (Lyotard, 2026, p. 60).

Como uma forma ampla, o saber se estabelece de formas diferentes nas sociedades. Neste caso, a avaliação se dá na contraposição entre o nomeado “saber tradicional” e o “saber científico”, sendo o segundo a forma principal das sociedades pós-modernas. O saber científico, diferente da tradição, não faria a avaliação de suas produções a partir das categorias belo, justo, etc., mas a partir das noções de performance do sistema.

Existe uma dificuldade em dimensionar a quantidade de produções e realizar um ranqueamento devido as métricas desiguais do impacto científico nas diferentes nações do mundo, porém, é evidente que a noção de que o conhecimento científico é o conhecimento mais objetivo possível da realidade material está presente de forma global, principalmente no grupo

de países conhecido como desenvolvidos e de desenvolvimento tardio²⁶. Não há dúvidas de que o reconhecimento da maior validade do conhecimento científico ao redor do globo é a realidade. Mas será que isso se enquadra como um problema como citado por Lyotard?

Não acho necessários que retomemos a crítica dos interesses de classe presentes nas produções da forma científica de organização do conhecimento, uma vez que já a destrinchamos o suficiente no tópico anterior e ficou evidente que responsabilizar a ciência como ente autogovernado é um erro de aprofundamento nos nexos causais dessas ações. Porém, é necessário discutir como essa compreensão de Saber, ao apresentar uma oposição das formas saber-fazer, saber-viver, saber-escutar em relação à noção de verdade, vai contra um pilar fundamental da ontologia lukácsiana na construção do processo de trabalho.

O Saber, como uma forma de se relacionar com o mundo que não apenas denota, mas é base para a construção de potencialidades que se convertem em performance, quando olhada superficialmente, não parece equivocada, isso porque nem toda expressão do Saber se converte em uma forma de linguagem de cunho descritivo, mas se encontra como um suporte de outras ações que levam a esses enunciados denotativos. Porém, seria possível saber de algo sem que isso estivesse ancorado em alguma compreensão da realidade?

Pensemos na ideia de saber-fazer que é apresentada pelo autor. Quando estamos diante uma ação, é necessário que saibamos como executar os determinados nexos causais que vão levar à produção daquele futuro ao qual objetivamos. Não só é necessário saber dizer objetivamente quais são as propriedades de cada parte dos nexos causais, mas também como executá-los, o tempo de cada ação, a sequência, as pausas, etc. Todas essas ações estão necessariamente ancoradas em critérios de verdade objetivos, postos previamente, para que seja possível se relacionar com o mundo ao seu redor.

As noções de tempo presentes no saber-fazer estão ancoradas nas compreensões naturais do tempo, que realizam determinados ciclos à medida que esse vai passando e completando mudanças no clima, mudanças na vegetação, etc. Mesmo quando inserimos as divisões humanas que, pelas observações, apreenderam tais categorias da realidade, ainda falamos de verdades objetivas da realidade utilizadas para organizar nossa interação com o mundo da melhor forma possível. Essas divisões estão presentes como base ontológica de mundo devido à nossa capacidade humana de perceber essa realidade presente. Como argumenta Lukács

²⁶ Esses termos apenas estão sendo usados por falta de um consenso de agrupamento melhor, pois essa noção de desenvolvimento social não é corroborada por mim.

(2013), existe uma infinidade de propriedades no real e é para nós impossível conhecê-las todas. Então, saber-fazer em determinado tempo, se ancora na realidade do tempo, esse tempo que está presente no material previamente à nossa capacidade de conhecê-lo e é por nós codificado no formato de linguagem.

Essa mesma explicação vale também para o saber-viver e saber-escutar, isso porque é impossível estar em um mundo sem determinar verdades acerca dele, seria como flutuar em uma piscina sem água. Mesmo que não conscientemente²⁷ estamos sempre postulando verdades acerca do que está ao nosso redor, devido a necessidade de organizar os fatos para alcançar os pores teleológicos. A forma trabalho ontologicamente, ao nos retirar da relação epifenomênica com o real, impõe a necessidade da linguagem para mediar esses processos a que estamos vinculados diariamente.

Com essa base teórica do saber são apresentados dois tipos de saberes diferentes em contraposição, o saber tradicional – com centralidade na forma narrativa – e o saber científico – com centralidade na forma denotativa –. A partir das compreensões que já discutimos, coloca-se em tom de preferência arbitrária a revalorização das formas tradicionais do saber. Segundo o trecho a seguir, dever-se-ia colocar o mesmo peso de validade entre os dois saberes, isso porque,

Não se poderia assim julgar nem sobre a existência nem sobre o valor do narrativo a partir do científico, nem o inverso: os critérios pertinentes não são os mesmos para um ou outro. Há, apenas, que se admirar com esta variedade de espécies discursivas, como se faz com as espécies vegetais e animais. Lamentar-se sobre "a perda do sentido" Na pós-modernidade seria deplorar que o saber não seja mais principalmente narrativo. É uma inconsequência. Uma outra não é menor: a de querer derivar ou engendrar (por operadores tais como o desenvolvimento, etc.) o saber científico a partir do saber narrativo, como se este contivesse aquele em estado embrionário. No entanto, como as espécies vivas, as espécies de linguagem têm relações entre elas, e estas relações estão longe de ser harmoniosas. A outra razão que pode justificar o relato sumário das propriedades do jogo de linguagem da ciência refere-se precisamente à sua relação com o saber narrativo. Dissemos que este último não valoriza a questão de sua própria legitimação; ele autoriza-se a si mesmo pela pragmática de sua transmissão sem recorrer argumentação e à administração de provas. Por isso; acrescenta à sua incompreensão dos problemas do discurso científico uma tolerância determinada a seu respeito: considera-o de início como uma variedade na família das culturas narrativas. O inverso não é verdadeiro. O cientista interroga-se sobre a validade dos enunciados narrativos e constata que eles não são nunca submetidos à argumentação e à prova. Ele os classifica conforme outra mentalidade: selvagem, primitivo, subdesenvolvido, atrasado, alienado, feito de opiniões, de costumes, de autoridade, de preconceitos, de ignorâncias, de ideologias. Os relatos são fábulas, lendas, mitos bons para as mulheres e as crianças. Nos melhores casos, tentar-se-á fazer penetrar a luz neste obscurantismo, civilizar, educar, desenvolver. Esta relação desigual é um efeito intrínseco das regras próprias a cada jogo.

²⁷ A utilização do termo se refere à ideia do senso comum de consciente e não a noção freudiana de consciente-inconsciente

Conhecem-se os seus sintomas. É toda a história do imperialismo cultural desde os inícios do Ocidente. É importante reconhecer o seu teor, que o distingue de todos os outros: está comandado pela exigência de legitimação (Lyotard, 2026, p. 74-75).

É pertinente que nos aprofundemos nas reivindicações postas, pois não estão de todo errado e escancaram uma relação problemática do conhecimento científico para com as outras formas de conhecimento. Devemos questionar as relações dialéticas presentes nas ideias de: civilizado/não-civilizado; desenvolvido/não-desenvolvido e saber válido/saber inválido. Para isso, primeiro, apresentarei as características de cada um dos saberes.

5.5.1 Características do saber tradicional

O saber tradicional conta, principalmente, com a forma relato para a transmissão de suas informações. Este é uma forma de passar adiante um conjunto de informações a partir da trajetória de um/a determinado/a persona, que passa por vivências que se relacionam com o cotidiano daqueles que contam e ouvem.

Esse saber transmite, nas sociedades nas quais é utilizado, as formas de existir daquele povo, sua cultura, seus conhecimentos acumulados, suas regras e sua identidade. Não só os valores do povo são carregados nas histórias, mas a sua forma de existir se renova no ato de contá-las. Existe uma valorização profunda no contexto da crítica pós-moderna em relação à sua forma unificada de conhecimento, onde as pessoas dessas sociedades dominam as informações necessárias para a manutenção e reprodução da vida naqueles moldes.

São apresentadas 4 propriedades sobre essa forma de saber. A primeira delas é o fato de as histórias contarem formações positivas ou negativas dos heróis em sua jornada. Essas, apresentam o sucesso ou os fracassos desses heróis e, a partir dessas ações que se legitimam as instituições dessas sociedades, colocam em perspectiva também a aderência desses heróis a essas instituições, sendo avaliado como lição as vivências do herói para demonstrar o que acontece quando se está de acordo ou contra as instituições da sociedade.

A segunda trata dos jogos de linguagem presentes nesses relatos. Segundo o autor

[...] a forma narrativa, diferentemente das formas desenvolvidas dos discursos de saber, admite nela mesma uma pluralidade de jogos de linguagem: encontram facilmente lugar no relato dos enunciados denotativos, que versam, por exemplo, sobre o céu, as estações, a flora e a fauna; dos enunciados deônticos que prescrevem o que deve ser feito quanto a estes mesmos referentes ou quanto ao parentesco, à diferença dos sexos, às crianças, aos vizinhos, aos estrangeiros, etc.; dos enuncia dos

interrogativos que estão implicados, por exemplo, nos episódios de desafio (responder a uma questão, escolher um elemento em um lote); dos enunciados avaliativos, etc. As competências cujos critérios o relato fornece ou aplica encontram-se aí misturadas umas às outras num tecido cerrado, o do relato, e ordenadas numa perspectiva de conjunto, que caracteriza este gênero de saber (Lyotard, 2026, p. 62).

Isso quer dizer que a forma de falar sobre as coisas se dá de forma variada, sendo possível falar de forma válida sobre o mundo de formas variadas, todas elas igualmente aceitáveis.

A terceira refere-se à forma de legitimação desses relatos dentro dos contextos sociais. Diferentemente da forma das sociedades científicas já apresentadas, nessas sociedades existe uma auto autorização da transmissão dos relatos no próprio ato de relatar. Aquele que escuta o relato está permitido de se tornar remetente do relato, podendo mantê-lo como escutou ou modificando-o para se adequar às formas da organização social que também estão em movimento. Não é necessário que alguém ou algum grupo da sociedade autorize uma determinada pessoa a passar esses relatos, uma vez que a transmissão desses relatos dentro da sociedade entre seus membros é o que dá a legitimidade para eles.

Por último, elenca-se a forma mais complexa das diferenças desses saberes, que está em sua relação com a passagem do tempo. Os relatos são enunciados de forma cantada, com uma configuração que valoriza o metro²⁸ em relação ao acento²⁹. Essa organização faz com que seu objetivo não seja uma enumeração entre os diferentes tempos, com o tempo sendo um pilar para a memorização. Isso faz com que a lembrança do passado não seja o fator primário nessa forma de passar adiante as formações da sociedade, mas sim que seu vínculo social aconteça no próprio ato de recitar esses relatos.

5.5.2 Características do saber científico

O saber científico se organiza em uma relação dialética entre pesquisa-ensino, sendo que a pesquisa necessita do ensino para poder formar pares e fazer a manutenção da validade científica. Essa forma de organizar o conhecimento opera da seguinte forma

²⁸ O metro (ou métrica) na música é a estrutura subjacente que organiza ritmos e silêncios em padrões regulares de tempos fortes e fracos.

²⁹ Acento na música é uma marcação de intensidade ou ênfase dada a determinadas notas, destacando-as das vizinhas.

Copérnico declara que a trajetória dos planetas é circular. Que a proposição seja verdadeira ou falsa, ela com porta um conjunto de tensões e cada uma influencia sobre cada um dos postos pragmáticos que ela coloca em jogo remetente, destinatário, referente. Estas "tensões" são tipos de prescrições que regulam a aceitabilidade do enunciado enquanto "de ciência". Inicialmente, supõe-se que o remetente diz a verdade a propósito do referente, a trajetória dos planetas. O que isto significa? Que supõe-se seja ele capaz de, por um lado, reunir as provas do que diz e, por outro lado, refutar qualquer enunciado contrário ou contraditório versando sobre o mesmo referente. Em seguida, supõe-se que o destinatário pode conceder validamente o seu consentimento (ou recusá-lo) do enunciado que ele ouve. Isto implica que ele mesmo é potencialmente um remetente pois, quando formula seu assentimento ou o seu dissentimento, será submetido à mesma dupla exigência de provar ou refutar que o remetente atual, Copérnico. Supõe-se assim que ele reúna potencialmente as mesmas qualidades que este: ele é seu par. Mas não o saberá, a não ser quando falar, e nestas condições. Antes disto ele não poderá ser considerado como alguém que efetivamente conheça a matéria. Em terceiro lugar, o referente, a trajetória dos planetas da qual fala Copérnico, supõe-se "expressa" pelo enunciado conforme o que ela é (Lyotard, 2026, p. 69-70).

Dentro do cenário dessas características põe-se a seguinte discussão: como saber que a prova apresentada pelo remetente é verdadeira? Para isso, utiliza-se uma regra de dupla verificação, na qual o objeto só é válido cientificamente caso apresente matéria comprobatória (seja verificável) e não apresente provas contraditórias. O autor nesse momento tenta demonstrar como, devido a esse fato, a ciência se apresenta como um local exclusivo de consensos, nos quais os consensos geram a realidade e não o contrário. Ele aponta a competência do enunciatador de trazer um referente que gere uma discussão entre pares e que acrescente ou destitua em relação ao que já foi postulado anteriormente, sendo não só valorizado como necessário a primazia do acento em relação ao metro, caso contrário, esses enunciados não teriam validade e o enunciatador não teria competência.

É então que chegamos no porquê da relação dialética pesquisa-ensino. Segundo Lyotard é necessário para o pesquisador que se formem novos pesquisadores para que seja possível manter o ciclo de validação das discussões, pois caso contrário, seria impossível seus achados serem dados como válidos. Organiza-se essa relação em cima da ideia de que o professor sabe mais do que o/a estudante e o/a estudante possam se aperfeiçoar até se tornar um expert ao nível do/a professor/a. Assim, guiando-o/a em seu caminho.

Quando comparadas as duas formas de saber, chega-se a algumas principais questões. A primeira é a relação dos saberes com os enunciados e com o valor de verdade. Enquanto o científico isola um jogo de linguagem (o denotativo) e coloca seu critério de aceitabilidade de um enunciado no seu valor de verdade, o narrativo tem uma variação maior de jogos de linguagem e seu critério de aceitabilidade se localiza no fato de aquele que conta já ter ouvido o relato de outro. A segunda trata a característica do saber científico não ser uma forma popular

de saber, mas uma forma organizada em instituição e que se distânciava da realidade cotidiana, diferente do saber narrativo que tem relação imediata com todas as pessoas da sociedade.

A terceira refere-se a não necessidade de competência na pesquisa científica do destinatário, isso apenas ocorre na didática, diferente da forma narrativa que demanda um saber-ser daquele que ouve. A quarta mostra como o saber científico não retira validade de relatos. Todo enunciado postulado anteriormente pode ser desbancado, caso possa ser provado que está errado. Por fim, a quinta aborda a relação que o pesquisador científico deve ter com o passado, na qual se espera que ele tenha conhecimento da bibliografia de sua área e que não verse sobre as mesmas postulações anteriores a não ser para refutá-las.

5.5.3 Crítica aos argumentos das características dos saberes

Primeiro, é necessário deixar claro que essa visão de organização da ciência mesmo que tenha verdades em si, não está de acordo quando alega que a ciência é um local de consensos e por isso a base da validação do enunciado não é puramente a verdade, mas a capacidade de gerar consenso. A ciência, como uma produção humana, está suscetível a erros de análise pela alienação humana em relação ao real, isso coloca o ser humano em um local de necessidade do social para a criação de regras para captar a maior objetividade possível dentro das limitações humanas. Essas formas de consenso não são a base do que é a verdade na ciência, mas sim são reguladores de possíveis falhas humanas nos processos de análise da realidade, sendo que a realidade está colocada como o ponto central, onde a instituição científica se organiza ao redor dela. Agora, devemos discutir essa oposição feita entre as duas formas de saber a partir do que estabelecemos como temas anteriormente.

A crítica principal está na relação que se estabelece do saber científico institucional em relação aos saberes tradicionais, onde a ciência, não só elabora sobre esse saber, como questiona sua validade a partir da noção científica de validade da verdade. Segundo essa visão, não se deveria analisar diferentes jogos de linguagem a partir da perspectiva uns dos outros, pois suas regras intrínsecas não permitem uma análise, sendo sem sentido essa tentativa. Nesse caso, além de sem sentido, devido a institucionalização do saber científico, esse exerceria poder em relação ao saber narrativo de forma indevida.

Com sua crescente com o Iluminismo, a ciência moderna possuía já, naquele momento o objetivo de explicar o mundo por meio de argumentos racionais, fugindo da tradição da Idade

Média das explicações mítico-religiosas dadas pela Igreja. É a partir dessa contraposição aos mitos que o conhecimento científico aborda as outras formas de organização do conhecimento, como o senso comum, os relatos e nesse momento até o saber filosófico, com uma postura de superioridade civilizatória. Nessa perspectiva, o conhecimento científico como o detentor do saber real e sem interferências humanas, deveria guiar os povos não-civilizados a aderirem à essas outras formas de saber libertação e iluminação de sua razão.

A noção de desenvolvimento social pressupõe a ideia de um caminho pré-determinado, o qual foi elaborado previamente no início da jornada. Determinismo histórico é a compreensão de que a história segue um caminho pré-determinado e que alguns eventos são inevitáveis, sendo causados por outros eventos, limitando a ação humana no processo. Essa crença juntamente como uma ideia cristã de salvação dos perdidos deu a justificação moral para a colonização realizada pela Europa durante as grandes navegações, enquanto lucravam com a dominação de outros povos.

O que quero demonstrar é como as relações presentes nas ideias de civilizado/não-civilizado, desenvolvido/não-desenvolvido e saber válido/saber inválido, de forma irônica, são formas idealistas e não-científicas de avaliar a realidade. Isso porque, como nos mostra Lukács, o desenvolvimento histórico não é como um trem que corre sobre um trilho, com uma rota pré-definida, mas está em constante formação a partir objetivações humanas, que colocam futuros à sua frente para satisfazer suas necessidades (Lukács, 2013). Idealistas porque colocam as próprias ideias à frente da materialidade na hora de avaliar o que está acontecendo no real e não-científicas porque se considerarmos a ideia de verificação como prova do real, esse modelo de uma sociedade mais ou menos “civilizada” ou “evoluída” não se confirma. É nesse movimento que o conhecimento científico busca superar as outras formas de organização do conhecimento consideradas inferiores, sendo utilizada como um elemento de dominação para os interesses das classes dominantes, como a utilização da teoria da evolução das espécies usada para auto justificar os atos da Alemanha Nazista.

É válida a crítica ao tratamento do conhecimento científico em relação aos saberes tradicionais. A organização do conhecimento em cada sociedade dependerá exclusivamente de seu contexto histórico e da forma de organizar os meios de reprodução da vida. Colocar moralmente ou civilizatoriamente uma forma de organizar os conhecimentos como superior a outra demonstra, em alguns casos, o desconhecimento de como a tecitura do real resulta dos interesses de classe presentes nessas compreensões.

Porém, não é por isso que devemos colocar horizontalmente as diferentes formas de organizar os conhecimentos como se esses tivessem a mesma validade e objetividade em relação ao real. O conhecimento científico é uma forma de organizar os conhecimentos alinhados aos princípios de objetividade, buscando por meio de diversos métodos isolar elementos dos nexos causais para compreender suas reais formas de ação, permitindo-nos (humanidade) a objetivar com maior complexidade e atingir os interesses diversos, sejam eles biológicos ou sociais. Importa, portanto, compreender como os determinados nexos causais atuam dentro do sistema como um todo para que possa aperfeiçoar a forma de utilização daquele determinado nexo em diferentes pores. Como nos explica Lukács (2013)

Em quarto lugar, é preciso ainda sublinhar que a investigação dos objetos e processos na natureza que precede o pôr da causalidade na criação dos meios é constituída essencialmente por atos cognitivos reais, ainda que durante muito tempo não tenha sido reconhecida conscientemente, e desse modo contém o início, a gênese da ciência. Também nesse caso vale a afirmação de Marx: “Não o sabem, mas o fazem”. Discutiremos mais adiante, neste mesmo capítulo, as consequências bastante amplas das conexões que se originam dessa maneira. Aqui só podemos observar provisoriamente que qualquer experiência e utilização de conexões causais, vale dizer, qualquer pôr de uma causalidade real, sempre figura no trabalho como meio para um único fim, mas tem objetivamente a propriedade de ser aplicável a outro, até a um fim que imediatamente é por completo heterogêneo. Embora tenha havido, durante muito tempo, apenas consciência prática, uma utilização que teve êxito em um novo campo significa que de fato foi realizada uma abstração correta que, na sua objetiva estrutura interna, já possui algumas importantes características do pensamento científico. A própria história atual da ciência, embora aborde muito raramente esse problema com plena consciência, faz referência a numerosos casos nos quais leis gerais, extremamente abstratas, se originaram da investigação referente a necessidades práticas e ao melhor modo de satisfazê-las, ou seja, da tentativa de encontrar os melhores meios no trabalho. Mas, mesmo sem levar isso em conta, a história mostra exemplos nos quais as aquisições do trabalho, elevadas a um nível maior de abstração e já vimos como tais generalizações se verificam necessariamente no processo de trabalho –, podem se converter em fundamento de uma consideração puramente científica da natureza (p. 46).

Essas formas de investigação, diferente das formas de organizar o conhecimento como os relatos, os conhecimentos tradicionais de curandeiros, o senso comum, etc., buscam no ato de isolar os nexos causais a obtenção de uma maior eficiência³⁰ na capacidade humana de agir. Isso permite que nossas ações se orientem com base no conhecimento das interações dos diferentes nexos causais dentro dos sistemas para possibilitar, não só uma ótima reprodução dessas formas, mas também a possível criação de novas formas de agir.

Já estabelecemos que todos os saberes estão alicerçados em uma determinada noção ontológica, em alguma noção de verdade. Nas formas não-científicas de organizar os

³⁰ Não confunde-se aqui com a eficiência capitalista da máxima produção

conhecimentos existe sempre uma relação com o real, apresentando de alguma forma esse real percebido. Porém, até que ponto podemos contar com a objetividade dessa percepção do real dos seres humanos? Mesmo quando essas compreensões de verdade não são fidedignas em relação ao real, elas dão base para investigação e percepção do mundo a partir deles.

O ser humano necessita de explicações para a sua realidade, para que seja possível se relacionar com ela é necessária a compreensão de porque as coisas acontecem. Devido ao trabalho ser a base ontológica do ser social, é indispensável que se compreenda o funcionamento do mundo para tentar dar um direcionamento aos seus pores, para concluir os processos de trabalho. Sendo assim, como demonstrado no primeiro capítulo, a capacidade técnica de investigação do mundo vem como fator limitante, fazendo com que os seres humanos produzam explicações alienadas em relação ao real. É a partir da investigação das características dessas formas de conhecimento que Lukács (2012) nos aponta que,

Antes de tudo, vida cotidiana, ciência e religião (teologia incluída) de uma época formam um complexo interdependente, sem dúvida frequentemente contraditório, cuja unidade muitas vezes permanece inconsciente. A investigação do pensamento cotidiano é uma das áreas menos pesquisadas até o presente. Há muitos trabalhos sobre a história das ciências, da filosofia, da religião e da teologia, mas são extremamente raros os que se aprofundam em suas relações recíprocas. Em virtude disso, resulta claro que justamente a ontologia se eleva do solo do pensamento cotidiano e nunca mais poderá tornar-se eficaz caso não seja capaz de nele voltar a aterrar – mesmo que de forma muito simplificada, vulgarizada e desfigurada. Tentaremos mostrar, no capítulo sobre o trabalho, a maneira como a ciência ascende a partir do pensamento e da práxis da cotidianidade, em primeiro lugar do trabalho, e sempre a este retorna, fecundando-o. O fato de que a origem de nossas representações ontológicas está na cotidianidade não significa que podem e devem ser aceitas acriticamente. Ao contrário. Tais representações estão repletas não apenas de preconceitos ingênuos, mas com frequência de ideias manifestamente falsas que, se às vezes provieram da ciência, nela penetraram oriundas sobretudo das religiões etc. etc. Entretanto, a crítica necessária não autoriza descurar desse fundamento cotidiano. O prosaico e terreno senso do cotidiano, alimentado pela práxis diária, pode de quando em quando constituir um saudável contrapeso aos modos de ver estranhados da realidade das esferas “superiores” (p. 22).

Por mais que não tratemos as formas de organizar o conhecimento que não tem uma fundamentação científica como moralmente ou civilizatoriamente inferiores, é preciso reconhecer que o modo científico, longe de representar aquilo que uma sociedade é, mas sim estando em relação constante com todas essas formas de organização do conhecimento, é a forma mais segura de administrarmos nossos conhecimentos acerca da realidade natural, social e histórica. Não deixemos de lado todos os conhecimentos produzidos fora da forma científica, pelo contrário, devemos nos apropriar desses para garantir que os métodos tradicionais de tratar o mundo não entrem em conflito com formas de existir no mundo que não foram levadas em

consideração e causem danos às pessoas. Não se trata aqui de colonizar ou roubar conhecimentos, mas uma vez que, no contexto atual, essas formas de conhecimento já estão presentes em nossa sociedade, precisamos tratá-las com rigor para cumprir aquilo que deveria ser o papel da ciência: a melhora das condições de existência humana.

Por fim, quando falamos sobre todos esses apontamentos feitos à ciência, devemos lembrar que se torna impossível mudá-los sem a destruição do sistema político-econômico que gera essas necessidades. A ciência não age por si, ela é parte da superestrutura do sistema capitalista, é uma forma de manutenção do sistema muito bem utilizada pelas burguesias, inclusive em formas teóricas que se propõe a criticar sua performance, como é o caso do pós-moderno. O desvio do trabalho como categoria fundante do ser social, trazendo os jogos de linguagem como fragmentadores da realidade, impedem uma condução claramente voltada ao fim do capitalismo, impede que consigamos produzir uma forma de superação desse sistema, fazendo com que, como ratos, fiquemos rodando na roda e nos entretendo enquanto nos engordam e nos usam como elementos fundamentais para o enriquecimento de uma classe que compreende muito bem o que é a luta de classes e qual sua posição nela.

5.6 Os grandes relatos: do porquê da existência ao declínio

Após a explanação das formas narrativa e científica de saber, Lyotard apresenta a relação existente entre as duas formas na modernidade. Segundo a perspectiva exposta, mesmo que a ciência tenha negado a forma narrativa, ela teria extrema necessidade dessa forma desde o início de sua formação no Ocidente.

Retornemos ao problema da legitimação. A ciência em sua função de compreender o real não conseguiria validar-se, isso porque as regras dos jogos de linguagem pertinentes a validação de seus pressupostos, são próprias da forma científica, sendo impossível transpor esses saberes para os outros jogos de linguagem com a mesma validação, seria como tentar explicar para um macaco porque ele não deve atirar fezes. Sendo assim, os cientistas utilizariam da forma narrativa, transformando os achados científicos e o movimento da pesquisa no que Lyotard chama de epopeia do saber, utilizando um herói como forma de se relacionar com esses diferentes jogos de linguagem, em busca de se validar. Ele utiliza os exemplos de Platão e Descartes para demonstrar como esse processo ocorre,

O saber científico não pode saber e fazer saber que ele é o verdadeiro saber sem recorrer ao outro saber, o relato, que é para ele o não-saber, sem o que é obrigado a se pressupor a si mesmo e cai assim no que ele condena, a petição de princípio, o preconceito (Lyotard, 2026, p.79).

Avançando um pouco no tempo, já na modernidade após um período de diversas tentativas de solucionar a questão da legitimação – ele não exemplifica quais – há um retorno da forma relato após a ascensão da burguesia como classe dominante, porém nesse momento o herói toma uma nova forma, o povo, dando origem a ideias de progresso e acúmulo de saber. Ele critica que esse povo não é um povo real, mas um povo abstratamente construído levando em consideração apenas os aspectos do jogo de linguagem da ciência. Este povo, pensado fora da sua individualidade, mas como uma amálgama, tem representatividade apenas no formato de parlamentos, universidades e conselhos deliberativos e nesse formato atua de forma prescritiva, pensando o que é justo da mesma forma que os cientistas pensam o que é real. Sua função é a de validar a racionalidade das decisões tomadas em sociedade, tendo um local separado socialmente dos cientistas, onde o primeiro apenas prescreve e atua na esfera do que é justo – e que supostamente não teria nada relacionado com o critério de verdade – enquanto o segundo atua na descoberta das verdades dentro dos consensos dos *experts*.

Como já mostrado anteriormente neste capítulo, esse movimento cria uma relação de dependência da instituição estatal e da instituição científica em questão de validação, fazendo com que o Estado valide a ciência como forma eficaz de obtenção de conhecimentos verdadeiros, enquanto a ciência valida o Estado em suas ações alegando racionalidade nelas.

São apresentados dois importantes relatos para a história da ciência moderna que atuaram com particularidades diferentes, mas que no fim visavam apenas a validação científica, esses são: o saber emancipatório e o saber especulativo.

O primeiro, o saber especulativo, é datado historicamente na criação da universidade de Berlim no século XIX. Sua proposta era a da validação do conhecimento através de sua função na formação integral do ser humano, muito conhecida pela palavra em alemão *Bildung*³¹. Essa forma entende que o conhecimento verdadeiro deve estar associado a formação integral do ser humano, sendo necessário que o cientista consiga demonstrar de que forma esse conhecimento está de acordo com esse pressuposto. Ele possui três princípios em sua constituição teórica:

³¹ *Bildung* é um conceito filosófico e educacional alemão profundo, que vai além da simples educação ou treinamento profissional (*Ausbildung*). Refere-se à formação cultural, ao desenvolvimento pessoal, espiritual e moral do indivíduo, buscando a sua completude, o cultivo de si mesmo e a enculturação

tudo fazer derivar de um princípio original; tudo referir-se a um ideal que governa a prática ética e social; reunir este princípio e este ideal em uma única ideia.

Existe aqui uma semelhança com a ideia de o povo como herói no sentido da transformação do herói das narrativas tradicionais em um sujeito abstrato, mas aqui o sujeito é o espírito especulativo. Esse espírito é a própria força da razão que pensa e organiza os fatos da realidade de uma forma dialética para organizar o quebra-cabeça do real. Nesse contexto as ciências positivas se tornam secundárias em relação à filosofia, entendendo que o saber produzido pelas ciências eram apenas parte do real e que a ciência não sabia o que dizia saber e que era necessário a filosofia especulativa para organizar esse espírito especulativo.

Aqui existe uma discussão importante sobre a relação da ciência especulativa com o Estado, no qual a ciência não está a serviço do Estado, pelo contrário, o Estado despende de seus recursos para promover a formação integral do ser humano devido a essa ser a forma ética de agir. Como a filosofia é quem pensa o espírito especulativo, essa também é quem pensa como o Estado deve ser, portanto a lógica se inverte.

Já no segundo relato, o povo é retratado como sujeito, o povo empírico. O conhecimento aqui tem como função liberar o povo de todas as formas de opressão que os impedem de se autogovernar. Dessa forma, o bom conhecimento seria aquele que estaria de acordo com o plano de emancipação dos sujeitos. Diferente da relação com o Estado presente na forma especulativa, aqui as leis serão justas, não porque estarão ligadas a uma noção de verdade, mas porque elas são feitas por legisladores que estão sob a égide das leis, portanto a vontade dos legisladores coincidiria com as leis.

Ambas as formas apresentadas são movimentos presentes no período moderno da ciência. Em seguida, Lyotard apresenta que já no período pós-industrial/pós-moderno, ocorreu uma queda da força dos grandes relatos, em especial ele trata o porquê da queda de ambos. É dito que colocar a queda desses relatos como causada pelo desenvolvimento técnico/tecnológico ou avanço do capitalismo é decepcionante, alegando que mesmo que esses sejam fatores do processo, os germes dessa queda estão presentes já na fundação da relação da filosofia com a ciência.

Como dito anteriormente, as ciências positivas possuíam posição secundária em relação a filosofia especulativa devido ao seu caráter de conhecimento alienado. Essa relação foi se dissolvendo com o aprofundamento das técnicas científicas e de sua validade, a ciência começou a questionar a incapacidade da filosofia de apresentar provas empíricas, de ser

verificável e de sustentar argumentos, se desvinculando cada vez mais dela e se fragmentando em diferentes áreas que tratam de minúsculos tópicos que tem dificuldade de se relacionar até com aqueles de seu próprio departamento. Segundo a teoria, a fragmentação foi tanta que cada área possui seu próprio jogo de linguagem e enuncia conforme este. Neste momento o Lyotard nos diz que “ O vínculo social é de linguagem (*langagier*), mas ele não é constituído de uma única fibra. É uma tecitura onde se cruzam pelo menos dois tipos, na realidade um número indeterminado, de jogos de linguagem que obedecem a regras diferentes” (p. 101). Isso é um demonstrativo claro na descrença na capacidade de tratar o real como uma totalidade, mas apenas como pedaços fragmentados que não podem interferir e relacionar-se entre si.

Por fim, a deslegitimação da forma emancipatória se dá na descrita impossibilidade dos enunciados denotativos se relacionarem com os enunciados prescritivos. Segundo o autor

Ora, esta legitimação, como vimos, constitui de imediato um problema: entre um enunciado denotativo de valor cognitivo e um enunciado prescritivo de valor prático, a diferença é de pertinência, portanto, de competência. Nada prova que, se um enunciado que descreve uma realidade é verdadeiro, o enunciado prescritivo, que terá necessariamente por efeito modificá-la, seja justo (Lyotard, 2026, p. 100).

É possível perceber nessas perspectivas que a compreensão de mudança do mundo se dá a partir das ideias e segue para o mundo real. Mesmo entendendo as ideias como tendo peso material, colocar as mudanças como advindas das relações entre as diferentes ideias escancara uma base idealista. Gostaria de direcionar nosso olhar nesse momento para os chamados grandes relatos e analisar mais profundamente sua formação e seu dito encerramento histórico.

Os chamados grandes relatos são colocados como movimentos *a posteriori* da ciência que são utilizados para justificar sua validação e poder social. Nessa ideia, a ciência existiria primeiro para que, depois, os relatos fossem criados. Já quando olhamos para a história, percebemos nos próprios exemplos dos relatos especulativo e emancipatório, como a necessidade histórica e material está *a priori* das análises científicas, com o contexto histórico-social sendo a base para aquelas leituras. Olhemos por exemplo para o que diz Hegel, um grande nome da filosofia especulativa, ao tratar do espírito e de seu surgimento naquele momento

[*Es ist übrighens*] Aliás, não é difícil ver que nosso tempo é um tempo de nascimento e trânsito para uma nova época. O espírito rompeu com o mundo de seu ser-aí e de seu representar, que até hoje durou; está a ponto de submergi-lo no passado, e se entrega à tarefa de sua transformação. Certamente, o espírito nunca está em repouso, mas sempre tomado por um movimento para a frente. Na criança, depois de um longo período de nutrição tranqüila, a primeira respiração – um salto qualitativo –

interrompe o lento processo do puro crescimento quantitativo; e a criança está nascida. Do mesmo modo, o espírito que se forma lentamente, *tranqüilamente*, em direção à sua nova figura, vai desmanchando tijolo por tijolo o edifício de seu mundo anterior. Seu abalo se revela apenas por sintomas isolados; a frivolidade e o tédio que invadem o que ainda subsiste, o pressentimento vago de um desconhecido são os sinais precursores de algo diverso que se avizinha. Esse desmoronar-se gradual, que não alterava a fisionomia do todo, é interrompido pelo sol nascente, que revela num clarão a imagem do mundo novo (Hegel, 1992, p. 26, §11).

Fica evidente como o espírito hegeliano tem seu movimento histórico *a priori* de sua compreensão ou mesmo aparição. A ideia aqui não é questionar a validade ou não do espírito, mas sim evidenciar que olhar para a formação de justificação de uma teoria a partir da própria teoria é uma inversão na forma de pensamento do materialismo-histórico-dialético, pois seria como se a teoria surgisse num vácuo histórico e, para validar sua existência, inventasse uma história de si mesma. A ciência não existe primeiro e então utiliza dos relatos para se justificar; antes, as necessidades humanas surgem no devir histórico e essas não precisam de um olhar humano para existir, são ontologicamente anteriores ao nosso conhecimento delas. Devido a isso, o ser humano usa a ciência para alcançar as resoluções dos problemas para essas necessidades. Dessa forma a ciência não se valida na forma relato, mas sim na resolução das necessidades impostas no devir histórico.

Olhemos para outro exemplo, dessa vez um exemplo do relato emancipatório, especificamente da teoria marxiana.

A história de toda a sociedade até aqui é a história de lutas de classes. [Homem] livre e escravo, patricio e plebeu, barão e servo [Leibeigener], burgueses de corporação [Zunftbürger] e oficial, em suma, opressores e oprimidos, estiveram em constante oposição uns aos outros, travaram uma luta ininterrupta, ora oculta ora aberta, uma luta que de cada vez acabou por uma reconfiguração revolucionária de toda a sociedade ou pelo declínio comum das classes em luta. Nas anteriores épocas da história encontramos quase por toda a parte uma articulação completa da sociedade em diversos estados [ou ordens sociais — Stände], uma múltipla gradação das posições sociais. Na Roma antiga temos patrícios, cavaleiros, plebeus, escravos; na Idade Média: senhores feudais, vassalos, burgueses de corporação, oficiais, servos, e ainda por cima, quase em cada uma destas classes, de novo gradações particulares. A moderna sociedade burguesa, saída do declínio da sociedade feudal, não aboliu as oposições de classes. Apenas pôs novas classes, novas condições de opressão, novas configurações de luta, no lugar das antigas. A nossa época, a época da burguesia, distingue-se, contudo, por ter simplificado as oposições de classes. A sociedade toda cinde-se, cada vez mais, em dois grandes campos inimigos, em duas grandes classes que directamente se enfrentam: burguesia e proletariado (Marx e Engels, 1997, p. 29-30).

Demonstra-se como o cenário do desenvolvimento histórico pelas ações humanas levaram a uma situação de oposição de classes na qual as classes dominadas, nesse momento as classes proletárias, possuíam como inimigo histórico aqueles aos quais estiveram aliadas na derrubada de um sistema anterior. Essa passagem mostra como dominância de classes passa

pela história como essência e se remonta em nosso tempo nesse formato. Os autores não precisaram imaginar os problemas ou discutir em consenso para definir que aqueles poderiam ou não ser problemas pelos quais se deveria reivindicar, pelo contrário, os problemas históricos batem na porta e se apresentam com a força de uma avalanche, não os permitindo se esquivarem dele. É a partir dos fenômenos que o estudo da história revelou as necessidades históricas das classes trabalhadoras, às quais a ciência deveria responder em suas pesquisas para auxiliar nesse processo.

Então, já que a ciência não pode ser validada por meio dos grandes relatos, de que forma justifica suas ações e o esforço da humanidade em prol de si? Como dito, as necessidades humanas surgem no devir histórico e se impõem aos humanos com a força de uma avalanche. A ciência como ferramenta humana no encontro dos corretos nexos causais, atua na solução dessas demandas históricas e busca seu solucionamento. Dessa forma, a validação da ciência se dá em sua capacidade de solucionar as necessidades humanas, sejam essas biológicas ou sociais. Sua validação se dá na realidade material ao se pôr e modificá-la corretamente, servindo aos propósitos humanos, sejam esses justos ou não. O peso da história e da matéria aqui novamente se afirmam, não importa o que fale da ciência, qual relato conte ou a relação que ela estabelece com outras formas de conhecimento, o que importa é como ela modifica o mundo. E aqui fica a pergunta, se a ciência se justifica solucionando as necessidades humanas, de quais humanos e que necessidades ela está sendo orientada a solucionar?

Aqui se apresenta novamente a questão da ciência como entidade autogovernada, a qual deveria produzir emancipação por si própria, apenas pela demonstração da verdade. É afirmado que a busca pela emancipação do povo³² por meio da ciência não pode se concretizar pois não há nada que faça ligação entre um enunciado denotativo e de verdade e um enunciado prescritivo de justiça. Entendemos nesse texto que a produção de ideias pela ciência por si só não é capaz de mudar a condição material das classes trabalhadoras, porém, ela é parte do processo. A compreensão da realidade material auxilia a que nós seres humanos tenhamos uma visão mais fidedigna do real e possamos escolher, com mais exatidão, os nexos causais com os quais pretendemos pôr para modificar a realidade vivida. Não é possível que busquemos uma liberdade abstrata, que se baseie exclusivamente em ideias, como diz Lukács ao discutir a noção de potência

³² Não me aterei a ideia de um povo abstrato pois a discussão realizada anteriormente sobre os jogos de linguagem já se encaixa para demonstrar como isso é um equívoco.

Ora, se examinarmos tal projeto em termos ontológicos, veremos com clareza que ele possui os traços característicos da possibilidade aristotélica, da potência: “Aquilo que tem a potência de ser pode ser e também não ser”. Marx diz, exatamente no sentido de Aristóteles, que o instrumento de trabalho no curso do processo de trabalho “se converteu igualmente de simples possibilidade em realidade”[18]. Um projeto que seja rejeitado, mesmo que complexo e delineado com base em espelhamentos corretos, permanece um não existente, ainda que esconda em si a possibilidade de tornar-se um existente. Em resumo, pois, só a alternativa daquele homem (ou daquele coletivo de homens), que põe em movimento o processo da realização material através do trabalho, pode efetivar essa transformação da potência em um ente. Isso mostra não somente o limite superior desse tipo de possibilidade de se tornar real, mas também aquele inferior, que determina quando e em que medida pode converter-se em uma possibilidade, nesse sentido, de um reflexo da realidade conforme à consciência e orientado para a realização. Tais limites da possibilidade não remontam de modo nenhum ao nível do pensamento, à exatidão, à originalidade etc. da racionalidade imediata. Naturalmente, os momentos intelectuais do projeto de um pôr de fim no trabalho são importantes, em última análise, na decisão da alternativa; seria, porém, fetichizar a racionalidade econômica ver aí o motor único da passagem da possibilidade à realidade no campo do trabalho. Esse tipo de racionalidade é um mito, tanto quanto a suposição de que as alternativas que nós descrevemos se realizariam num plano de pura liberdade abstrata. Em ambos os casos deve-se sustentar que as alternativas orientadas para o trabalho sempre se pautam para a decisão em circunstâncias concretas, quer se trate do problema de fazer um machado de pedra ou do modelo de um automóvel para ser produzido em centenas de exemplares. Isso implica, em primeiro lugar, que a racionalidade depende da necessidade concreta que aquele produto singular deve satisfazer. Essa satisfação da necessidade e também as representações acerca dela são, desse modo, componentes que determinam a estrutura do projeto, a seleção e o agrupamento dos pontos de vista, tanto quanto a tentativa de espelhar corretamente as relações causais da realização. Em última análise, a determinação se acha fundada, portanto, na singularidade da realização projetada. Sua racionalidade nunca pode ser absoluta, mas, ao contrário – como sempre ocorre nas tentativas de realizar algo –, é a racionalidade concreta de um nexu “se... então” (Lukács, 2013, p. 56-57).

Dessa forma, é preciso, não só nos ater ao papel da ciência no real movimento de emancipação das classes trabalhadoras, mas também demonstrar como a afirmação da relação entre os enunciados é falsa.

A compreensão da relação entre verdade e justiça se dá no estudo do devir histórico e em compreender sobre como a história se dá. Não é verdade que os saberes advindos das ciências positivas não se relacionam necessariamente como uma noção de justo, porém, essa relação é mais simples de se compreender quando olhamos para as ciências humanas, especificamente as que se valem do materialismo-histórico-dialético. Ao analisarem os processos históricos elas percebem na materialidade as relações de poder presentes no movimento da história da humanidade, relações não horizontais que utilizam de diversos artifícios para manter seu poder.

Argumenta-se que existe uma separação intransponível entre o estudo do real e o estudo do justo e isso parte de uma análise nada dialética, isso porque o estudo da história está intrincado em entender também as razões por trás dos acontecimentos que produziram tais atos,

isso esbarra necessariamente nas noções de bom e mal, justo e injusto, certo e errado de cada época, que necessariamente se relacionam com noções ontológicas do que é real ou não. Dessa forma, a relação dialética das noções de justo, que são em si noções ontológicas em segundo plano, é parte fundamental para transformação do real, sendo assim necessariamente relacionado a verdade com a justiça.

Além disso, quando realizamos a separação dos postulados da ciência e dos postulados do Estado, alegando que os enunciados prescritivos não se norteiam pela noção de verdade da ciência, tem-se uma mudança ontológica em relação a ontologia do real por não levar em consideração o trabalho como fim último mesmo nas relações mais complexas do ser social. É verdade que, para um olhar destreinado, não é possível, ou é minimamente muito difícil, enxergar uma relação entre o trabalho ontológico e as relações legislativas de nossa sociedade, devido à complexidade da imbricação dos pores teleológicos que alcançamos. Porém, para aqueles munidos da teoria marxiana e da ontologia lukácsiana, fica claro que todos os pores, por mais complexos que sejam, estão em última instância vinculados a forma de trabalho ontológico. É importante levar isso em consideração pois essa visão desmonta a ideia de que as ações legislativas nada têm a ver com os postulados da ciência, pois da mesma forma que analisamos anteriormente com as noções de saber-fazer e saber-ouvir, aqui o caso é o mesmo, para dizermos que algo é justo ou não, precisamos ter uma noção ontológica do contexto que vivemos, entender que mundo é, como ele funciona, quem está nele, como se organizam essas relações etc. Essa visão estar mais ou menos alienada não importa aqui, o fato é que a partir do momento que dizemos se algo é ou não justo, se é ou não certo, estamos determinando, em segundo plano, como o mundo deve ou não ser a partir do que ele é ou não.

Por fim, discutiremos brevemente as afirmações sobre a fragmentação das ciências e a queda dos grandes relatos. É utilizado a ideia da fragmentação das ciências para demonstrar que a sociedade pós-moderna já não consegue se unir por uma história que organiza todas elas, estando dividida em diversos jogos de linguagem que existem conforme suas próprias regras e que impossibilitam uma única tecitura do real por possuírem formas de linguagem intransponíveis entre si. Segundo essa visão, foi isso que causou a queda dos grandes relatos.

Porém, será que esse movimento é tão novo assim? Marx já nos alertava da alienação do trabalho humano nos manuscritos econômicos-filosóficos de 1844, quando discute quem é aquele que está acima do ser humano na alienação de ser próprio trabalho,

Examinemos, agora, mais além, como esse conceito de trabalho alienado deve expressar-se e revelar-se na realidade. Se o produto do trabalho me é estranho e

enfrenta-me como uma força estranha, a quem pertence ele? Se minha própria atividade não me pertence, mas é uma atividade alienada, forçada, a quem ela pertence? A um ser, *outro* que não eu. E que é esse ser? Os *deuses*? É evidente, nas mais primitivas etapas de produção adiantada, por exemplo, construção de templos, etc., no Egito, Índia, México, é nos serviços prestados aos deuses, que o produto pertencia a estes. Mas os deuses nunca eram por si sós os donos do trabalho humano; tampouco o era a *natureza*. Que contradição haveria se quanto mais o homem subjugasse a natureza com seu trabalho, e quanto mais as maravilhas dos deuses fossem tornadas supérfluas pelas da indústria, ele se abstinisse da sua alegria em produzir e de sua fruição dos produtos por amor a esses poderes!

O ser *estranho* a quem pertencem o trabalho e o produto deste, a quem o trabalho é devotado, e para cuja fruição se destina o produto do trabalho, só pode ser o próprio *homem*. Se o produto do trabalho não pertence ao trabalhador, mas o enfrenta como uma força estranha, isso só pode acontecer porque pertence a *um outro homem que não o trabalhador*. Se sua atividade é para ele um tormento, ela deve ser uma fonte de satisfação e prazer para outro. Não os deuses nem a natureza, mas só o próprio homem pode ser essa força estranha acima dos homens (Marx, 1844, Trabalho Alienado, seção XXV).

O ser humano necessário para a alienação do trabalho, mencionado por Marx, se expressa no capitalismo no formato das burguesias mundiais. Esse processo cada vez mais específico, visando a solução de problemas, se relaciona diretamente com a necessidade burguesa de manter a alienação das classes trabalhadoras, dessa forma não só o trabalho é mais específico, como cada vez menos relacionado com as diversas outras áreas de pesquisa, deixando de lado a totalidade do real. É, pois, nesse movimento de aprofundamento do capitalismo que a ciência, como uma forma de trabalho na estrutura econômica, aprofunda sua alienação. Nesse momento questiono se será que a queda desses relatos que vimos serem as necessidades humanas históricas realmente desapareceram da ciência?

Cada vez mais a ideia central é a da maior produção, do acúmulo de capital visando a liberdade individual e da transformação de si mesmo em uma empresa. Podemos sinalizar uma possível mistura da filosofia especulativa e da filosofia emancipatória com características do capitalismo tardio. O ser que tem de utilizar as ferramentas disponíveis a si para formar-se integralmente a fim de ser o mais valioso possível para emancipar-se das forças sociais que o impedem de se autogovernar, sendo necessário para isso a forma investimento como principal motor para essa transformação, investimento não só financeiro, mas investimento de tempo, investimento de afetos, investimento de relações, investimento de esforço e tudo que for possível.

A forma investimento já não é mais algo exclusivo do dinheiro, mas se transforma naquilo que rege a humanidade sob a ótica neoliberal, ela nos transforma em investidores de nós mesmos e nos força a exercer relações bancárias com a nossa própria vida. Assim, fica

possível visualizar que o que se chamou de grandes relatos não desapareceu da ciência para dar lugar as ilhas isoladas dos jogos de linguagem, mas sim permanece sob outra forma, se camuflando melhor do que nunca, colocando como sujeito do saber o sujeito investidor que, sem saber, defende os interesses históricos da classe dominante de seu tempo.

5.7 Pragmática da pesquisa

Na pesquisa, as mudanças apresentadas se relacionam ao enriquecimento das argumentações e a complicação da administração das provas (Lyotard, 2026), porém, será necessário destrinchar apenas o enriquecimento das argumentações, porque a crítica presente na administração das provas é facilmente desmontada com os argumentos anteriormente postos nesse texto acerca das relações de classe presentes na ciência.

Após o movimento de desvinculação das ciências positivas em relação a filosofia especulativa e a fragmentação das diversas áreas da ciência, a organização das argumentações nas ciências no que é chamado pelo autor de sociedade pós-industrial passa por uma profunda mudança. É dito que o critério de validação da argumentação baseado na sua proximidade com a verdade é substituído por uma forma de consenso de axiomáticas³³ entre os *experts* (cientistas) da área.

Seria necessário apresentar as regras e perguntar para o destinatário se ele as aceita, dessa forma, todos jogando aquele jogo de linguagem estariam de acordo com as regras do jogo e estariam em equilíbrio para fazer novos lances. A organização dessas regras não se daria de forma aleatória e o autor questiona no texto de que forma se saberia o que deve conter uma axiomática para, em seguida determinar que para seu correto funcionamento é necessária a existência de uma metalinguagem, a lógica.

Entretanto, em seguida questiona a forma como a lógica atua na criação das necessidades de uma axiomática, apresentando as necessidades clássicas de sintaxe de um sistema formal, sendo essas: consistência; completude sintática; decidibilidade e independência dos axiomas uns em relação aos outros.

Ele utiliza do teorema da incompletude de Kurt Gödel (1906-1978) para demonstrar como a ideia das axiomáticas fixas em sistemas era falha. O argumento se baseia na ideia da

³³ Os axiomas são pontos de partidas que não precisam de demonstração na construção de uma análise do real.

inevitabilidade da regressão infinita dos sistemas devido a incapacidade de um sistema fechado suficientemente complexo para conter aritmética de justificar a sua própria validade.

O caminho feito pelo autor a partir disso é de afirmar que a lógica como metalinguagem da formulação axiomática possui também uma metalinguagem na qual se expressa, a linguagem cotidiana. É feita uma mudança na ideia de uma metalinguagem universal, substituída pela pluralidade de sistemas formais (Lyotard, 2026). A linguagem que utilizamos no dia a dia, devido a sua estrutura de jogos de linguagem, permite a formação de paradoxos, e devido a isso estrutura-se o modelo de consenso apresentado anteriormente, ficando claro no trecho abaixo.

Neste sentido, a questão da legitimação do saber coloca-se de outro modo. Quando se declara que um enunciado de carácter denotativo é verdadeiro, pressupõe-se que o sistema axiomático no qual ele é decidível e demonstrável foi formulado, que é conhecido dos interlocutores e aceito por eles como tão formalmente satisfatório quanto possível (Lyotard, 2026, p. 79).

Nessa forma de funcionamento da ciência, apresenta-se uma virada também na ideia de inovação científica. O que antes era uma ideia que se aproximava do real, se dá agora na capacidade de exercer novos lances a partir dos axiomas estabelecidos em consensos ou criação de novos axiomas de maior utilidade prática do que os anteriores.

5.7.1 A matemática como fundação do pensamento

A utilização de sistemas axiomáticos é uma constante ao longo da história e tem já sua primeira formalização com Euclides (325a.C.-265a.C.) e seus cinco postulados matemáticos. Os quatro primeiros inquestionáveis axiomas tiveram boa aceitação, porém, o quinto causava dúvidas já naquela época devido a sua complexidade em relação aos outros. Ao dizer que se uma linha reta cortar duas outras linhas retas de modo que os ângulos internos do mesmo lado sejam menores que dois ângulos retos (180°), essas duas retas, se prolongadas indefinidamente, irão se encontrar daquele mesmo lado onde os ângulos são menores que dois ângulos retos. Instaurava-se a dúvida se aquele axioma realmente se comportava como axioma ou deveria ser considerado um teorema.

Durante séculos, matemáticos tentaram botar à prova o quinto postulado utilizando o próprio sistema, porém foi apenas na década de 1820 com o trabalho dos matemáticos Nikolai Lobachevsky (1792-1856) e János Bolyai (1802-1860) que foi possível solucionar esse problema milenar. Ao invés de tentarem provar o quinto postulado por meio dos outros quatro,

assumindo que ele era verdadeiro, eles decidiram pelo processo contrário, assumindo o quinto postulado como falso e organizando um sistema ao redor dessa afirmação. A partir desse movimento descobre-se que a formulação euclidiana possuía limitações na explicação do real, sendo útil para figuras planas, mas errada para pensar o mundo curvo. Esse é um passo importante na demonstração da impossibilidade do funcionamento de sistemas axiomáticos fechados, aqueles nos quais se estabelecem regras para o funcionamento do mundo e adequam as teorias as essas regras ideais.

Outro importante passo foi a demonstração de Georg Cantor (1845-1918) da relação entre o infinito dos números reais e dos números inteiros. A partir da técnica de correspondência biunívoca e do argumento da diagonal ele demonstra como o infinito dos números reais é infinitamente maior do que o infinito dos números inteiros, gerando uma revolução na forma de enxergar a matemática naquele momento. Esse achado demonstra como os números reais são uma representação do contínuo presente no real, abrigando números decimais e irracionais que representam o movimento presente na realidade material, diferente dos números inteiros que mesmo possuindo utilidade na relação do ser humano com o real, são formas de dividir o movimento para que o ser humano represente o real matematicamente para sua práxis.

A descoberta dos diferentes infinitos produziu uma revolução, pois fez a queda matemática dos sistemas axiomáticos estáticos idealistas, demonstrando que a estaticidade gerada por eles produzia um sistema fechado que falhava em explicar a totalidade, sendo limitado em sua ação.

Porém, o trabalho de Cantor gerou o que é chamado de paradoxo de cantor. Pensemos no conjunto A: o conjunto das partes de A serão sempre maiores que os elementos de A. Portanto, ficaria representado da seguinte forma: $P(A) > A$. Porém, quando conjecturado um conjunto infinito que contém todos os conjuntos, entramos em contradição. Chamaremos esse conjunto infinito de conjuntos infinitos de U, quando aplicamos a mesma regra, entendendo que o conjunto das partes de U $[P(U)] > U$, a contradição reside no fato de que U deve conter todos os conjuntos, sendo assim P(U) para estar de acordo, deveria possuir a mesma quantidade $[P(U) = U]$ ou ser menor $[P(U) < U]$.

Esse paradoxo foi questionado por Bertrand Russel (1872-1970) em 1901 que demonstrou que o problema do paradoxo era a autorreferência irrestrita dos conjuntos imaginada por Cantor, a qual se baseava no axioma da compreensão irrestrita, que permitia a abstração matemática a qualquer coisa que pudesse ser alcançada pela linguagem humana. O

paradoxo de Russel aponta para um conjunto de conjuntos que não contém a si mesmos, que caso contenha a si mesmo não deveria estar no conjunto, mas caso não esteja no conjunto, deveria estar.

É possível perceber que o problema aqui reside na utilização da abstração humana para pensar uma realidade que não confere a realidade objetiva na qual vivemos. Maças não são conjuntos de maçãs, não são abstrações, mas existem de forma dialética e suas contradições são outras. Porém, como veremos a seguir, o movimento realizado após essas descobertas não se tratou da materialização da utilização da matemática, de uma mudança na fundação matemática, mas sim na utilização de axiomas que permitiriam estruturar um sistema organicamente lógico e que evitaria esses ruídos da realidade.

Empreendimentos como os de David Hilbert (1862-1943); Ernst Zermelo (1871-1953) e Adolf Abraham Halevi Fraenkel (1891-1965) e Grupo Bourbaki, se interessaram em criar estruturas matemáticas que fossem a prova de contradições e que permitissem que a matemática não só provasse a si mesma, mas que também fosse sua própria estrutura. O projeto formalista almejava que a matemática agisse como um sistema fechado que possuiria um caminho lógico de todas as proposições até os axiomas impostos para evitar paradoxos como o da autorreferência.

Foi Kurt Gödel (1906-1978) que realizou a quebra do projeto formalista. Utilizando a própria lógica e aritmética ele vinculou a linguagem matemática com a metalinguagem externa. Ele numerou os símbolos lógicos e para cada equação matemática era possível obter o chamado número de Gödel colocando números primos em sequência correspondente a quantidade símbolos da equação a partir do algarismo dois. Em seguida era necessário elevar o número primo ao número correspondente de cada termo lógico e multiplicá-los, dessa forma seria possível por meio de decomposição em fatores primos, chegar novamente à equação original. Com isso ele demonstra uma relação direta entre as relações aritméticas e as afirmações lógicas, que até então eram consideradas como pertencentes a um plano diferente e abstrato.

A virada que nos importa compreender é quando, por meio dos números de Gödel, ele alcança a proposição G que afirma que seria impossível provar a proposição com o número de Gödel G. O problema reside no fato de que se for possível provar a proposição, o sistema estaria provando uma falsidade, demonstrando-se assim um sistema inconsistente. Caso provasse que a afirmação é verdadeira, o sistema se demonstraria incompleto pois possuiria uma proposição que não poderia ser explicada apenas pela própria matemática, como era o ideal dos formalistas.

O segundo teorema da incompletude demonstrou que nenhum sistema matemático poderia validar a si mesmo, mas que necessitaria de uma metalinguagem para fazer isso. Isso foi feito por meio da afirmação de que um sistema consistente deveria conseguir provar que a proposição *G* era verdadeira, o que o primeiro teorema já havia demonstrado que não, sendo impossível realizar tal ato num sistema consistente.

5.7.2 A falsa correlação com a ciência

São nessas afirmações dos dois teoremas de Gödel que Lyotard se baseia para assumir que a ciência como um todo opera por meio de uma não justificação de si mesma. Ele assume que o projeto formalista se estende para todas as áreas das ciências e organiza dentro da sociedade pós-industrial uma relação de fragmentação que corresponde à queda das possibilidades formalistas feitas por Kurt Gödel, sendo a linguagem cotidiana o bote salva-vidas no afundar da metalinguagem da lógica, permitindo que a formação de paradoxos não sejam um problema dentro dos sistemas, mas sim uma característica dada por meio dos jogos de linguagem.

Ele não está errado na análise de que existe um extravasamento desse descolamento proposital com a materialidade da matemática. A interpretação de Copenhague nos demonstra que, na física, a negação da coisa-em-si kantiana já estava consolidada e demonstrava resultados imediatos significativos.

Porém, Lyotard falha em perceber como mesmo no projeto geométrico euclidiano as axiomáticas se validavam na relação com as necessidades reais. Mesmo levando em consideração a descoberta das geometrias não-euclidianas, vemos que as noções euclidianas, que explicavam a geometria plana, eram suficientes e cumpriam suas funções na teleologização do mundo.

Quando avaliamos os sistemas axiomáticos percebemos semelhanças, que mesmo aqueles sistemas que postulam suas axiomáticas por meio de consensos entre seus pares, produzem as postulações por meio da sua relação com o real. Mesmo que pensemos em um processo de abstração que cria um sistema lógico formal, é impossível que ideias sejam produzidas no vácuo. A lógica só está dada dessa forma porque o mundo se organiza dessa determinada forma. Diferente da noção kantiana, é impossível que capturemos regras lógicas do pensamento puro e abstrato, pois não só a lógica como o pensamento estão ancorados no

desenvolvimento histórico até o momento da análise. Portanto, mesmo que se tente excluir a objetividade material das proposições em um sistema, esbarra-se no mundo material no pensamento, em seu necessário lastreamento, na impossibilidade de existir no vácuo.

Isso fica claro na formação dos paradoxos dos sistemas que cumprem suas funções até certo ponto. O ser humano em sua incapacidade de apreender todas as infinitas determinações do real, produz abstrações de determinada profundidade, isso leva a produção desses sistemas.

A proposição da inevitabilidade da regressão infinita para os sistemas propostas por Gödel não fala de um intrínseco movimento paradoxal nos sistemas devido a incapacidade de alcançar o real, devido a uma impossibilidade ontológica, pelo contrário, ele nos mostra como o movimento do real é implacável e para que possamos avançar na explicação de um elemento paradoxal precisamos de um sistema que capturou determinações mais profundas da totalidade do real. Isso demonstra como abstrações não são capazes de capturar o real de forma estática e que a produção de axiomáticas que pretendem dar conta de sistemas fechados só podem dar conta do mundo em duas esferas, a primeira é a profundidade na qual se insere e a segunda é no tempo até uma virada qualitativa.

O modelo de consenso apresentado, portanto, não existe como uma virada qualitativa no modo de fazer ciência da pós-modernidade, mas é apenas uma forma de perpetuar a negação do real de ciências não-revolucionárias. Isso porque os consensos estão dados por aqueles que possuem acesso e capacidade política de organizar a exclusão de grupos contra hegemônicos. A hegemonia nesse sentido é uma construção política baseada nas relações de poder econômico, que visam a perpetuação de membros das classes dominantes em seus postos e como exposto no capítulo 1, esse falso distanciamento do real se mostra como um movimento histórico muito útil para as classes dominantes.

As inovações por meio de lances ou mudanças nas axiomáticas de consenso também não se sustentam, pois, com sua desvinculação do real, as necessidades de mudança também se perdem. Mesmo que argumentem os lances dos jogos de linguagem que geram necessidades pragmáticas no cotidiano, também caímos no mesmo local, no qual o real deveria ser alterado para que produzisse novas demandas para os seres humanos. Nesse caso, os novos lances a partir dos axiomas antigos quanto à mudança dos axiomas deveria partir de uma necessidade produzida conscientemente pelos seres humanos em suas relações de linguagem, que também não possuem lastro no real e sim na pragmática cotidiana.

Portanto, a noção da ciência como um sistema axiomático organizado pelos pares desmorona ao avaliarmos como a utilização desses modelos ao longo da história mesmo que descolocados do real – por vezes intencionalmente, por vezes não - produziam movimentos no real devido a sua necessária relação com ele no movimento histórico. A força do real produz nesses/as cientistas uma consciência que está ancorada no real e que carrega consigo determinações desse real mesmo que imperceptíveis, fazendo com que qualquer produção esteja necessariamente vinculada com o devir histórico. Seja no grupo Bourbaki, com Hilbert ou na interpretação de Copenhague, as noções de mundo não foram produzidas exclusivamente pela linguagem, mas pelo real e as necessidades sociais produzidas por ele.

Fica claro ao longo da exposição, e agora mais que nunca, que a interpretação do período pós-moderno realiza uma virada ontológica na sua intitulada virada epistemológica que está conectada com o movimento histórico e as necessidades de classe. O real colocado como pano de fundo dos jogos de linguagem é desmontado quando percebemos que as inovações viriam de puras abstrações que se baseariam em ideias, essas que são produzidas nas relações de linguagem. Também quando assume que as axiomáticas podem propor sistemas que funcionam que não estejam lastreados no real, apenas nos lances feitos pelos *experts*, que produziriam uma realidade artificial dentro de seu jogo que funcionaria a ciência dentro dessa sua realidade.

Os apontamentos recolhidos até aqui são mais que suficientes para demonstrar que a virada ontológica presente na virada epistemológica é concreta e que a negação do real acontece em vários ângulos da teoria. Não é necessário aprofundar como a negação da totalidade é em si uma virada ontológica da ontologia marxiana/lukacsiana, pois Húngaro (2001) foi suficiente em demonstrar como a noção de negação da totalidade do real era um profundamente idealista e produziam uma lógica de derrotismo nas classes trabalhadoras. Finalizo essa exposição com um trecho profundamente motivador que nos anima nessa jornada de negação das formas idealistas de mundo

É possível a análise de totalidade, é possível a transformação radical da totalidade, e mais, é possível a construção de uma sociedade em que o homem seja a medida e o centro de tudo – uma sociedade em que um homem não seja meio para outro homem e sim um fim em si próprio (Húngaro, 2001, p. 241).

6 CONCLUSÃO

Essa pesquisava almejou compreender como se expressam na produção da EFB as ramificações teóricas da agenda pós-moderna e, à luz da concepção materialista-histórico-

dialética, identificar se a relação da linguagem com a realidade objetiva, tal como apresentada pelas correntes teóricas da agenda pós-moderna, atua como catalisadora de uma compreensão ontológica idealista e de uma virada na ontologia do trabalho como fundante do ser social.

Para isso, estipulou-se a análise da Educação Física Brasileira por meio do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte e de seus principais periódicos; o estudo do desenvolvimento das explicações ontológicas na história da filosofia ocidental e a análise da principal corrente filosófica encontrada.

Vimos ao longo do estudo que as formulações ontológicas ao longo da história das sociedades de classe mesmo que não propositalmente, agiam como elementos de justificação e manutenção dos poderes das classes dominantes. Ao analisar o contexto sócio-histórico no qual estavam presentes, as diferentes tentativas de explicar o mundo acabavam extrapolando as formas de ser de seu tempo para o que era a essência humana.

A consolidação da classe burguesa como classe dominante após o século XVIII mantém esse padrão e coloca como forma de existência máxima a essência do indivíduo burguês, essa que tem intenções egoístas em relação ao mundo que busca individualmente o sucesso, fazendo mesmo que precise passar por tudo e por todos. Essa individualização não é apenas uma organização mental dos filósofos burgueses, mas uma representação de como o modelo capitalista de sociedade funciona.

Os conflitos mundiais que ocorreram no século XX devido a disputas econômicas no seio das principais potências mundiais daquele tempo fizeram com que a razão moderna fosse questionada, isso porque acreditava-se que o grande catalisador desses conflitos foi a noção do desenvolvimento por meio do conhecimento racional. A criação de armamentos que permitiam destruição em massa e sua utilização contra civis, juntamente com o grande contingente de militares mortos, levaram a compreensão de que a racionalidade científica foi o fator determinante para esse fenômeno.

Os germes do que chamamos de Movimento Subjetivista começam a tomar forma aqui, com o aprofundamento cada vez maior da individualização na sociedade devido ao aumento das demandas de trabalho e da exploração do homem pelo homem na sociedade neoliberal e pela desconfiança na modernidade. A teoria que versa sobre a sociedade pós-moderna se alimenta da compreensão de que o período moderno chegou ao fim e da existência de uma virada qualitativa na forma de ser das sociedades pós-industriais e informatizadas.

Como é possível notar, essa teoria nada teve de inovadora, ela carrega consigo o movimento padrão de utilização da forma de existência de seu tempo para criar uma teoria que, ironicamente explica, sim, a totalidade, isso porque mesmo que seja negada esta categoria, para postulação da forma dos jogos de linguagem como primazia da existência da sociabilidade é logicamente necessário que ele verse sobre o todo, caso contrário poderíamos falar de uma forma de sociabilidade que não se organiza dessa determinada forma, sendo um sistema contraditório ou incompleto.

O aprofundamento da individualização do capitalismo não pode ser feito sem custo social. A expressão dessas mudanças vem por meio de sofrimento das pessoas e isso é percebido por elas e caso não fosse controlado se transformaria em movimento revolucionário. A filosofia subjetivista serve para deslocar o foco da totalidade das transições sociais para a subjetividade das pessoas e organizar uma forma de pensar que permita explicar o processo social desse momento.

Portanto, essas teorias são apenas mais um desdobramento das formas de explicação de mundo que são criadas no seio das classes dominantes. Mesmo que o intuito seja permitir uma emancipação dos sujeitos, o real movimento é a perpetuação do *status quo* e o trabalho como cavalo de Troia das classes dominantes.

Como visto, esse movimento tem início em países não-brasileiros que possuíram uma participação central nos conflitos mundiais, mas, devido ao movimento imperialista de dominação pela cultura e formas de pensamento, é feita a inserção dessas ideias no imaginário brasileiro, fazendo com que fossem feitos questionamentos acerca de nossa sociedade que mesmo naquele momento não se verificavam.

A Educação Física Brasileira que na década de 1990 havia passado por um intenso período de mudanças na hegemonia de suas concepções teóricas com o que é chamado Movimento Renovador, estava ainda em processo de consolidação de uma perspectiva crítica na área. Isso fez com que fosse possível a rápida proliferação dessas ideias na área e desembocasse na disputa de pesquisadores críticos-marxistas e pesquisadores subjetivistas.

Ao analisarmos a Coleção de 40 anos do CBCE percebemos uma forte presença de termos relacionadas as correntes do Movimento Subjetivista, principalmente nos GTT Escola, Gênero e Sexualidade e Comunicação e Mídia, sendo as categorias encontradas: Pós-moderno, Pós-Crítico; Pós-Estrutural e Pós-Humano. Buscando nos periódicos da EFB percebemos que a prevalência deles é muito menor do que esperada pela quantidade presente na Coleção,

levantando a suspeita de que há a possibilidade de que essa discussão ainda esteja localizada nos programas de mestrado e doutorado e não tenha se disseminado para a graduação e para o chão da escola com tanta força.

Com a categoria Pós-moderno apresentando a maior incidência tanto na Coleção de 40 anos do CBCE como nos periódicos, foi realizada a análise de uma de suas principais obras, *A Condição Pós-Moderna* de Jean François Lyotard. Foi possível perceber que existe um déficit na análise histórica nessa proposição, sendo muitas vezes desconsiderada e levando a uma compreensão errônea dos nexos causais. Isso é demonstrado principalmente no equívoco interpretativo dos conflitos na pesquisa matemática do século XX e seus desdobramentos, levando o autor a considerar que todas as ciências buscavam serem sistemas fechados que funcionavam por meio de consensos, como foi o caso do grupo Bourbaki.

Porém, o mais importante é como essa obra nos confirma a virada ontológica que estávamos investigando. A utilização da teoria dos jogos de linguagem como a base da formulação pós-moderna coloca a linguagem como necessária para a existência de uma sociabilidade e o ponto de referência dos objetos não mais como o real, mas como sua utilidade na formação de lances nos jogos de linguagem, criando um paradoxo no qual os objetos deveriam existir sem uso para que fosse significado seu uso após o conhecimento humano deste, sendo os atos teleológicos humanos dados num vácuo de sentido/significado.

Não há aqui a afirmação de que o mundo material é deixado de lado, porém quando avaliada rigorosamente, é possível perceber que, caso retiremos o mundo material das análises pós-modernas, seria possível continuar articulando um mundo de linguagens, uma vez que os significados nessa concepção seriam colocados pelos seres humanos em seus diferentes jogos de linguagem, podendo alterar completamente o significado de algo apenas mudando as relações de linguagem desse meio. Conclui-se que a afirmação da existência de uma virada ontológica no interior da virada epistemológica é verdadeira.

As contribuições dessa pesquisa se relacionam com a possibilidade de fornecer pistas para compreender a atual situação do Movimento Subjetivista na Educação Física Brasileira. Além disso, a prova da virada ontológica baseada em uma constante histórica de justificação das ideias da classe dominante nos permitirá olhar para as propostas da Educação Física e avaliar de que forma isso auxilia nesse movimento.

Além disso, será possível avançar na crítica às diferentes correntes filosóficas, compreendendo que a teoria do pós-moderno mesmo que seja a base para as outras, nesse

momento divide espaço com outras categorias que estão rapidamente galgando espaço na Educação Física. Com a análise da quantidade de prevalência dos termos em cada GTT, podemos nos guiar para novas pesquisas nesse campo.

É preciso também citar as limitações desse estudo, como a incapacidade de avaliar qualitativamente os conteúdos dos artigos encontrados nos periódicos e de outros artigos das revistas que possuem bases argumentativas nessas correntes filosóficas, mas que não tratam nominalmente dessa questão, devido a quantidade de tempo para a pesquisa.

Outra limitação do tempo foi a incapacidade de explorar a disseminação dessas categorias nos programas de mestrado e doutorado, como a análise desses termos dentro dos repositórios oficiais dos principais programas do Brasil, os repositórios nacionais como a Biblioteca Digital Brasileira de Dissertações e Teses e etc. Além disso, seria possível realizar uma análise dos conteúdos presentes nas teses e dissertações para compreender como se orientam atualmente essas discussões na Educação Física Brasileira.

A busca nessas análises não visa apenas compreensões filosóficas por si, mas por meio dessas podemos compreender quais são as bases para as proposições feitas na Educação Física Brasileira, principalmente na Educação Física escolar, como afirmado no trecho seguinte

No espaço-tempo escolar, a síntese o ideário pós-moderno é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC/BRASIL, 2018), cujas bases pedagógicas e teórico-metodológicas da Educação Física se situam na área das Linguagens, entendida como “As atividades humanas realizam-se nas práticas sociais, mediadas por diferentes linguagens: verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e, contemporaneamente, digital”, com a finalidade de viabilizar aos educandos a participação em “práticas de linguagem diversificadas, que lhes permitam ampliar suas capacidades expressivas em manifestações artísticas, corporais e linguísticas, como também seus conhecimentos sobre essas linguagens” (Scapin e Souza, 2022, p. 14).

Dado essas contribuições, é preciso que olhemos para o futuro da Educação Física com olhos de esperança, isso porque é fácil perdermo-nos na individualização contemporânea, porém, é necessário esperar para que busquemos, mesmo em tempos de desilusão, uma sociedade que possa atender nossas necessidades sociais como classes trabalhadoras.

Quando olhamos para trás, vemos que os movimentos de transição entre diferentes regimes econômicos ocorreram com um grande acúmulo de possibilidades objetivas e na construção dessas mudanças. É mais fácil levar em consideração isso quando olhamos para algo que já passou e que não está nos fazendo sofrer, porém, precisamos recuperar as potencialidades

do método marxiano para nos munir da teoria mais afiada possível, a fim de produzir uma realidade revolucionária.

Espero que aqueles que estejam inseridos em alguma escola de pensamento do Movimento Subjetivista não levem minhas afirmações como um ataque pessoal, mas como um convite a repensar o movimento realizado por essas teorias. Como disse várias vezes, é possível alcançar fins corretos sem uma compreensão ontológica verdadeira, isso nesse contexto significa dizer que não busco escantear os achados e postulações feitas por essas correntes filosóficas, pelo contrário, a busca é pela negação dialética, pela incorporação dos nexos causais produtivos e na produção de uma explicação de mundo não mais colonizada, mas ao modo brasileiro.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Diego Eugênio Roquette Godoy. Notas sobre o des-envolvimento lúdico: experiência, significação, profanação e o tecnopolítica. **Licere**, Belo Horizonte, v. 27, n. 3, set. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2024.54953>. Acesso em: 16 mar. 2026.
- ALMEIDA, Felipe Quintão; VAZ, Alexandre Fernandez. Do giro linguístico ao giro ontológico na atividade epistemológica em Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 11-29, jul./set. 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/12485/10007>. Acesso em: 15 jun. 2026.
- ANDRADE, Rubian Diego; ASSIS, Rafael José Gonçalves de; SCHWARTZ, Gisele Maria. Do gramado ao console: as novas configurações do futebol como prática de lazer virtual. **Licere**, Belo Horizonte, v. 28, n. 4, dez. 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2025.65590>. Acesso em: 16 mar. 2026.
- ARAÚJO, Victor. **Surgimento, trajetória e expansão das Igrejas Evangélicas no território brasileiro ao longo do último século (1920-2019)**. São Paulo: Centro de Estudos da Metrópole (CEM), 17 maio 2023. (Nota Técnica, 20). Disponível em: <https://docs.google.com/document/create?hl=pt-br>. Acesso em: 24 abr. 2026.
- ARISTÓTELES. **A política**. Tradução de Nestor Silveira Chaves. São Paulo: Scale, [19--?]. Disponível em: https://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/marcos/hdh_aristoteles_a_politica.pdf. Acesso em: 21 maio 2026.
- AUGUSTINE. On Baptism, Against the Donatists. Tradução de J. R. King. In: SCHAFF, Philip (ed.). **Nicene and Post-Nicene Fathers: First Series**. Buffalo: Christian Literature Publishing, 1887. v. 4. Disponível em: <https://www.newadvent.org/fathers/14084.htm>. Acesso em: 21 maio 2026.
- BARROS, Douglas. **O que é identitarismo?** São Paulo: Boitempo, 2024.
- BARROS JÚNIOR, Bartolomeu Lins de *et al.* Aspectos controversos de uma interpretação do giro linguístico sobre a ontologia de Lukács como referência crítica na Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 28, e28034, p. 1-18, jan./dez. 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/122538/85634>. Acesso em: 15 jun. 2026.
- BARROS JÚNIOR, Bartolomeu Lins de; MORAES, Danielle Batista de. A sociologia do corpo de Le Breton e sua relação com a agenda pós-moderna. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, [s. l.], v. 45, e20230066, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/rbce.45.e20230066>. Acesso em: 16 mar. 2026.
- BONETTO, Pedro Xavier Russo; NEIRA, Marcos Garcia. A Educação Física pós-crítica e suas teleologias: entre a valorização da diferença e o sujeito solidário. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, [s. l.], v. 45, e20230060, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/rbce.45.e20230060>. Acesso em: 16 mar. 2026.
- BRACHT, Valter *et al.* A Educação Física Escolar como tema da produção do conhecimento nos periódicos da área no Brasil (1980-2010): parte II. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 11-37, abr./jun. 2012. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/30158/19064>. Acesso em: 15 jun. 2026.

BRACHT, Valter; ALMEIDA, Felipe Quintão de. Aventuras da dialética na Educação Física brasileira. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, [s. l.], v. 45, e20230049, p. 1-9, 2023. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbce/a/DbMLq3ftZPvMrgFZxXB8X5w/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 jun. 2026.

BRACHT, Valter; LUCENA, Ricardo (org.). **Ciências do esporte, educação física e produção do conhecimento em 40 anos de CBCE**. Natal: Edufrn, 2018. v. 1. (Coleção CBCE 40 anos). Disponível em: <https://www.cbce.org.br/repositorio/colecao-40-anos>. Acesso em: 16 mar. 2026.

BRACHT, Valter; LUCENA, Ricardo (org.). **Memórias da educação física e esporte**. Natal: Edufrn, 2018. v. 2. (Coleção CBCE 40 anos). Disponível em: <https://www.cbce.org.br/repositorio/colecao-40-anos>. Acesso em: 16 mar. 2026.

BRACHT, Valter; LUCENA, Ricardo (org.). **Por uma epistemologia da educação dos corpos e da educação física**. Natal: Edufrn, 2018. v. 3. (Coleção CBCE 40 anos). Disponível em: <https://www.cbce.org.br/repositorio/colecao-40-anos>. Acesso em: 16 mar. 2026.

BRACHT, Valter; LUCENA, Ricardo (org.). **Formação profissional e mundo do trabalho**. Natal: Edufrn, 2018. v. 4. (Coleção CBCE 40 anos). Disponível em: <https://www.cbce.org.br/repositorio/colecao-40-anos>. Acesso em: 16 mar. 2026.

BRACHT, Valter; LUCENA, Ricardo (org.). **Educação física escolar**. Natal: Edufrn, 2018. v. 5. (Coleção CBCE 40 anos). Disponível em: <https://www.cbce.org.br/repositorio/colecao-40-anos>. Acesso em: 16 mar. 2026.

BRACHT, Valter; LUCENA, Ricardo (org.). **Gênero e sexualidade no esporte e na educação física**. Natal: Edufrn, 2018. v. 6. (Coleção CBCE 40 anos). Disponível em: <https://www.cbce.org.br/repositorio/colecao-40-anos>. Acesso em: 16 mar. 2026.

BRACHT, Valter; LUCENA, Ricardo (org.). **Corpo e cultura**. Natal: Edufrn, 2018. v. 7. (Coleção CBCE 40 anos). Disponível em: <https://www.cbce.org.br/repositorio/colecao-40-anos>. Acesso em: 16 mar. 2026.

BRACHT, Valter; LUCENA, Ricardo (org.). **Políticas públicas e movimentos sociais**. Natal: Edufrn, 2018. v. 8. (Coleção CBCE 40 anos). Disponível em: <https://www.cbce.org.br/repositorio/colecao-40-anos>. Acesso em: 16 mar. 2026.

BRACHT, Valter; LUCENA, Ricardo (org.). **Comunicação e mídia: história, tensões e perspectivas**. Natal: Edufrn, 2018. v. 9. (Coleção CBCE 40 anos). Disponível em: <https://www.cbce.org.br/repositorio/colecao-40-anos>. Acesso em: 16 mar. 2026.

BRACHT, Valter; LUCENA, Ricardo (org.). **Lazer e sociedade**. Natal: Edufrn, 2018. v. 10. (Coleção CBCE 40 anos). Disponível em: <https://www.cbce.org.br/repositorio/colecao-40-anos>. Acesso em: 16 mar. 2026.

BRACHT, Valter; LUCENA, Ricardo (org.). **Atividade física e saúde**. Natal: Edufrn, 2018. v. 11. (Coleção CBCE 40 anos). Disponível em: <https://www.cbce.org.br/repositorio/colecao-40-anos>. Acesso em: 16 mar. 2026.

BRACHT, Valter; LUCENA, Ricardo (org.). **Treinamento esportivo: um olhar multidisciplinar**. Natal: Edufrn, 2018. v. 12. (Coleção CBCE 40 anos). Disponível em: <https://www.cbce.org.br/repositorio/colecao-40-anos>. Acesso em: 16 mar. 2026.

BRACHT, Valter; LUCENA, Ricardo (org.). **Inclusão e diferença**. Natal: Edufrn, 2018. v. 13. (Coleção CBCE 40 anos). Disponível em: <https://www.cbce.org.br/repositorio/colecao-40-anos>. Acesso em: 16 mar. 2026.

BRANDÃO, Raquel. Magazine Luiza foca em rentabilidade e lucro sobe 37% no 4º tri. **Exame**, São Paulo, 19 mar. 2024. Disponível em: <https://exame.com/insight/magazine-luiza-foca-em-rentabilidade-e-lucro-sobe-37-no-4o-tri/p>. Acesso em: 16 jun. 2026.

BRASIL. Banco Central do Brasil. **Plano Real**. Brasília, DF: BCB, [s. d.]. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/controleinflacao/planoreal>. Acesso em: 11 jun. 2026.

CAMILOZI, Jéssica Luisy Diniz; COUTO, Ana Cláudia Porfírio. As perspectivas das juventudes autistas sobre o lazer: uma revisão integrativa. **Licere**, Belo Horizonte, v. 28, n. 2, jun. 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2025.61130>. Acesso em: 16 mar. 2026.

CAMPOS, Jéssika Ribeiro da Costa; GRUNENVALDT, José Tarcísio; COFFANI, Marcia Cristina Rodrigues da Silva. Educação física e ensino médio: da regulação instituída para a construção permanente da experiência. **Conexões: Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, Campinas, v. 12, n. 2, p. 13-36, abr./jun. 2014. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8640700>. Acesso em: 16 mar. 2026.

CARVALHO, Izabelle Cesco de; CAMARGO, Wagner Xavier de; RIBEIRO, Olívia Cristina Ferreira. Lazer desgenerificado: reflexões sobre práticas corporais de sujeitos dissidentes da cisheteronormatividade. **Licere**, Belo Horizonte, v. 27, n. 4, dez. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2024.57303>. Acesso em: 16 mar. 2026.

CASTRO, Fabiano dos Santos; LANDEIRA-FERNANDEZ, J. Alma, mente e cérebro na pré-história e nas primeiras civilizações humanas. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 37-48, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/YD3jJrSVtHgcNjYrJCyScVJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 jun. 2026.

CHRONO. Conhecimento. 2024. 1 vídeo (3 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KXdfL59P2ZM>. Acesso em: 15 jun. 2026.

COIMBRA, Fernando Augusto. Arte rupestre e pensamento religioso na pré-história. **Anuario Brigantino**, Betanzos, n. 39, p. 27-44, 2016.

COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (CBCE). Coleção 40 anos. Porto Alegre: CBCE, [2018]. Disponível em: <https://www.cbce.org.br/repositorio/colecao-40-anos>. Acesso em: 26 mar. 2026.

CONSOLE, Luciana. Como a associação liderada pela irmã de Paulo Guedes se beneficia de cortes no ensino. **Brasil de Fato**, São Paulo, 9 maio 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/05/09/como-a-associacao-liderada-pela-irma-de-paulo-guedes-se-beneficia-de-cortes-no-ensino/>. Acesso em: 24 abr. 2026.

DE SAINTE CROIX, Geoffrey Ernest Maurice. **The Class Struggle in the Ancient Greek World**. Ithaca: Cornell University Press, 1981.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

FERNANDES, Adriano Carlos Nunes; STOPPA, Edmur Antonio; UVINHA, Ricardo Ricci. Gênero e lazer: uma revisão bibliográfica sobre os usos e as representações dos corpos dissidentes nas publicações científicas. **Licere**, Belo Horizonte, v. 27, n. 4, dez. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2024.57292>. Acesso em: 16 mar. 2026.

FERREIRA, Luiz Claudio. Bancada da Bíblia consolida força, mas vive novos desafios. **Agência Brasil**, Brasília, DF, 14 fev. 2025. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2025-02/bancada-da-biblia-consolida-forca-mas-vive-novos-desafios>. Acesso em: 24 abr. 2026.

GAIGER, Paulo José Germany. A beleza ultrajada. **Conexões: Educação Física, Esporte e Saúde**, Campinas, v. 16, n. 2, p. 135–146, abr./jun. 2018. DOI: <https://doi.org/10.20396/conex.v16i2.8652996>. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/conex.v16i2.8652996>. Acesso em: 16 mar. 2026.

GAMBAROTTA, Emiliano. El cuerpo del postestructuralismo: problemas epistemológicos a partir de la perspectiva de J. Butler. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, [s. l.], v. 39, n. 3, p. 240-246, jul./set. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.rbce.2017.02.005>. Acesso em: 16 mar. 2026.

GAMBOA, Silvio Sánchez. **Epistemologia da educação física: as inter-relações da produção científica**. Campinas: Unicamp, 2002.

GAMBOA, Silvio Sánchez. Reações ao giro linguístico: o resgate da ontologia ou do real, independente da consciência e da linguagem. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 15., 2007, Recife. **Anais**. Recife: CBCE, 2007. Disponível em: <http://www.public.cbce.org.br/uploads/cd/mesas/GTT%20Epistemologia%20MESA%20REDONDA%20Silvio%20Gamboa.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2026.

GUIRRA FILHO, Frederico Jorge Saad *et al.* Brinquedo pós-crítico e basquetebol: relações entre gênero, escola e esporte. **Temas em Educação Física Escolar**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, 2024. Disponível em: <https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/temasmedfisicaescolar/article/view/4194/2587>. Acesso em: 16 jun. 2026.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do espírito**. Tradução de Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 1992. (Coleção Pensamento Humano).

HOBBS, Thomas. **Leviatã: ou matéria, forma e poder de uma república eclesiástica e civil**. Organização de Richard Tuck. Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Disponível em: <https://www.ispsn.org/sites/default/files/documentos-virtuais/pdf/leviata.pdf>. Acesso em: 25 maio 2026.

HÚNGARO, Edson Marcelo. Modernidade e totalidade: em defesa de uma categoria ontológica. 2001. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

HÚNGARO, Edson Marcelo; MALIN, André. Pós-modernidade e decadência ideológica: "O sono da razão desperta monstros". **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, [s. l.], v. 45, e20230087, 2023. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbce/a/TvwXHX878KMyhDwzQTWmxdR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 jun. 2026.

HÚNGARO, Vitor; HÚNGARO, Edson Marcelo. A incursão da pós-modernidade na educação física brasileira: estudo de sua veiculação na revista "Movimento". In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 18., 2013, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: CBCE, 2013. Disponível em: <http://www.congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2013/5conice/paper/viewFile/5626/272>. Acesso em: 15 jun. 2026.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. A geografia e os esportes: uma pequena agenda e amplos horizontes. **Conexões: Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, Campinas, v. 1, n. 2, p. 47–61, dez. 1999. Disponível em: [PDF]. Acesso em: 16 mar. 2026.

KUNZ, Elenor; SANTOS, G. A fenomenologia na educação física. In: VENTURA, P. R. (org.). **Educação física e fenomenologia**. Ijuí: Unijuí, 2009.

LARA, Ângela Mara de Barros; MARONEZE, Luciane Z. **A saúde do professor a partir da década de 1990**: reflexões sobre a reforma do Estado, mundo do trabalho e a reforma da educação. Maringá: UEM, [s. d.]. Disponível em: https://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario7/TRABALHOS/A/Angela%20M%20B%20Lara%20e%20Luciene.pdf. Acesso em: 11 jun. 2026.

LESSA, Sérgio. Introdução à Ontologia de Lukács: Aspectos Históricos e Ontológicos. In: CICLO DE FORMAÇÃO SOCIOCÍTICA EM EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE E LAZER DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1., 2012, Brasília. **Curso [...]**. Maceió: Coletivo Veredas, 16 abr. 2019. 1 vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5rzIqDDLgqE&list=PLBwpKGAASu31lZ8RD-KddIGs81UsEocVj>. Acesso em: 18 maio 2026.

LEVENSON, Eric. Máscaras e agressões: como está a atuação dos agentes de imigração dos EUA. **CNN Brasil**, [s. l.], 30 ago. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/mascaras-e-agressoes-como-esta-a-atuacao-dos-agentes-de-imigracao-dos-eua/>. Acesso em: 15 jun. 2026.

LOCKE, John. **Segundo tratado sobre o governo civil**: e outros escritos. Tradução de Magda Lopes e Marisa Lobo da Costa. Petrópolis: Vozes, 1994. (Coleção Clássicos do Pensamento Político).

LUKÁCS, Georg. O marxismo ortodoxo. In: NETTO, José Paulo (org.). **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1981. p. 61-66. (Grandes Cientistas Sociais, v. 20).

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social I**. Tradução de Nélcio Schneider, Ivo Tonet e Ronaldo Vielmi Fortes. São Paulo: Boitempo, 2012.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social II**. Tradução de Nélcio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2013.

LYOTARD, Jean-François. A condição pós-moderna. 23. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2026.

MACÊDO, Libni David de Santana *et al.* Análise de atos de currículo na educação física em escolas da rede municipal de Simão Dias - SE e Paripiranga - BA. **Conexões: Educação Física, Esporte e Saúde**, Campinas, v. 16, n. 3, p. 281–298, jul./set. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/conex.v16i3.8650464>. Acesso em: 16 mar. 2026.

MACHADO, Eduardo Pinto; MACHADO, Roseli Belmonte. Resolução 06/2018 e a construção curricular dos cursos de Educação Física da ESEFID/UFRGS. **Revista Pensar a Prática**, Goiânia, v. 28, 2025. DOI: <https://doi.org/10.5216/rpp.v28.81805>. Acesso em: 16 mar. 2026.

MAGALU dá baixa contábil de R\$ 830 milhões por correção em bonificações. **Exame**, São Paulo, [s. d.]. Disponível em: <https://exame.com/insight/magalu-da-baixa-contabil-de-r-830-milhoes-por-correcao-em-bonificacoes/p>. Acesso em: 15 jun. 2026.

MARTINS, Jacqueline Cristina Jesus; NEIRA, Marcos Garcia. Slackline no CIEJA: não é para melhorar o equilíbrio, é porque é... **Conexões: Educação Física, Esporte e Saúde**, Campinas, v. 16, n. 3, p. 382-394, jul./set. 2018. DOI: 10.20396/conex.v16i3.8652214. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8652214>. Acesso em: 16 mar. 2026.

MARX, Karl. **Manuscritos económico-filosóficos**. Tradução de Rainri Jesus. [s. l.: s. n., s. d.]. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1844/manuscritos/cap01.htm>. Acesso em: 15 maio 2026.

MARX, Karl. **Teses sobre Feuerbach (1845)**. Tradução de Álvaro Pina. Lisboa: Editorial Avante!; Moscovo: Edições Progresso, 1982. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1845/tesfeuer.htm>. Acesso em: 18 maio 2026.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Direção da edição de José Barata-Moura e Francisco Melo. Tradução de José Barata-Moura *et al.* Lisboa: Edições "Avante!"; Moscovo: Edições Progresso, 1997.

MELLO, Gabriela Fernanda Aguera de; MILAGRES, Albuquerque. Da individualidade ao coletivo: a Mancha Alviverde e a construção de identidades no lazer futebolístico. **Licere**, Belo Horizonte, v. 27, n. 4, dez. 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/64717>. Acesso em: 16 mar. 2026.

NETTO, José Paulo. **Crise do socialismo e ofensiva pós-moderna**. São Paulo: Cortez, 2010.

NETTO, José Paulo. **Georg Lukács: um guerreiro sem repouso**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

NICÁCIO, Luiz Gustavo. Notas sobre lazer, aventura e educação: reflexões para além do risco. **Licere**, Belo Horizonte, v. 28, n. 1, mar. 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/62761>. Acesso em: 16 mar. 2026.

NOGUEIRA JÚNIOR, João Martins; SILVA, Silvio Ricardo da. Futebol e lazer dissidente: quando pessoas LGBTQIA+ vivenciam a prática futebolística. **Licere**, Belo Horizonte, v. 28, n. 3, set. 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/62761>. Acesso em: 16 mar. 2026.

NUNES, Mário Luiz Ferrari; ZAMBON, Ricardo Henrique. É proibido cochilar: os signos e significados das práticas corporais do forró universitário como contribuição para o currículo cultural da educação física. **Conexões: Educação Física, Esporte e Saúde**, Campinas, v. 16, n. 4, p. 565–581, out./dez. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/conex.v16i4.8652583>. Acesso em: 16 mar. 2026.

PEREIRA, Jéssica Urrutia; TEIXEIRA, Fernanda de Souza; ILHA, Franciele Roos da Silva. Estágio curricular obrigatório em ambiente hospitalar: formação e atuação de profissionais de

educação física. **Revista Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 30, e20499, 2026. DOI: <https://doi.org/10.51283/rc.30.e20499>. Acesso em: 16 mar. 2026.

PISANI, Mariane da Silva; KESSLER, Claudia Samuel. As mulheres no universo do futebol brasileiro: resgatando o gênero. **Conexões: Educação Física, Esporte e Saúde**, Campinas, v. 20, e022017, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/conex.v20i1.8667753>. Acesso em: 16 mar. 2026.

PLATÃO. **A República**. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2002. Disponível em: https://eniopadilha-com-br.usrfiles.com/ugd/5ca0e9_25f5954b7b7a4a76892d3650ec0cd36c.pdf. Acesso em: 21 maio 2026.

PRICE prediction turns perilous. **DeepLearning.AI**, [s. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://www.deeplearning.ai/the-batch/price-prediction-turns-perilous/>. Acesso em: 15 jun. 2026.

RAMOS, Valmor *et al.* A aprendizagem profissional - as representações de treinadores desportivos de jovens: quatro estudos de caso. **Motriz**, Rio Claro, v. 17, n. 2, p. 280-291, abr./jun. 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.5016/1980-6574.2011v17n2p280>. Acesso em: 16 mar. 2026.

RELATÓRIO da OCDE mostra que brasileiros são os piores em identificar notícias falsas. **Jornal da USP**, São Paulo, 14 jun. 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/relatorio-da-ocde-mostra-que-brasileiros-sao-os-piores-em-identificar-noticias-falsas/>. Acesso em: 24 abr. 2026.

RORTY, Richard. A filosofia e o espelho da natureza. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

SCAPIN, Gislei José; SOUZA, Maristela da Silva. Epistemologia da educação física e a agenda pós-moderna: uma descrição histórica para situar o debate. **Germinal: marxismo e educação em debate**, Salvador, v. 14, n. 3, p. 366-383, dez. 2022.

SILVA, João Paulo de Souza da; SILVA, Emanuel Casimiro de Souza da. Campos de luta: futebol como território de formação política e memória insurgente. **Licere**, Belo Horizonte, v. 28, n. 4, dez. 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/64721>. Acesso em: 16 mar. 2026.

SILVA, Leonardo Toledo. A escola da Barra do Guaicuí/MG: futebol, celular e identidades. **Licere**, Belo Horizonte, v. 28, n. 4, dez. 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/64724>. Acesso em: 16 mar. 2026.

SILVA, P. P. C. *et al.* Risco e práticas corporais na natureza: uma revisão sistemática. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, DF, v. 18, n. 2, p. 84-91, 2010. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rbcm/article/view/1138>. Acesso em: 16 mar. 2026.

SOARES *et al.*, 2012. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 2012.

SOUSA, Augusto Rodrigues de *et al.* Guajarear: experiências de valorização do território e lazer na Amazônia Ocidental. **Licere**, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, jun. 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/53475>. Acesso em: 16 mar. 2026.

SOUZA, Larissa da Silva *et al.* A rotina das crianças com câncer e as atividades lúdicas no ambiente hospitalar. **Licere**, Belo Horizonte, v. 28, n. 1, mar. 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/62769>. Acesso em: 16 mar. 2026.

TRAJANO, Rachelly Webster; FRANCO, Neil; RODRIGUES, Minéia Carvalho; FERNANDES, Luís Antônio Bitante. Time amador juvenil de futsal feminino de Barra do Garças-MT: rompendo limitações na construção do gênero mulher. **Conexões: Educação Física, Esporte e Saúde**, Campinas, v. 15, n. 1, p. 65-91, jan./mar. 2017. DOI: 10.20396/conex.v15i1.8646350. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8646350>. Acesso em: 16 mar. 2026.

VICENTE, Bruno Inocencio. Corpo e gênero: suas representações no currículo escolar. **Temas em Educação Física Escolar**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 30-48, jan./jun. 2017. Disponível em: https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/temasemedfisicaescolar/article/download/968/pdf_3/2477. Acesso em: 16 mar. 2026.

VIEIRA, Guilherme Carvalho *et al.* Entre sela e saudade: um estudo das representações sociais da cavalgada no sertão norte-mineiro (2005-2020). **Licere**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, mar. 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/54935>. Acesso em: 16 mar. 2026.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

WOOD, E. M. O que é agenda “pós-moderna”? In: WOOD, E. M.; FOSTER, J. B. **Em defesa da história: marxismo e pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p. 7-22.